



Azuis-brancos ao trabalho

A primeira equipa que regressou ao trabalho com vista à nova temporada futebolística foi a dos «dragões», que têm o título máximo a defender e, enquanto prosseguem as obras nas Antas, vão fazer preparação física no parque da Maia. Para os dias mais próximos, será a revelação de contratações que podem ir de Sousa até um brasileiro do «escrute» mexicano.

Pág. 18

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 105

Terça-feira, 8 de Julho de 1986

Preço 40\$00

Depois de procurar isolar a empresa

GOVERNO INSISTE EM FECHAR EPAC

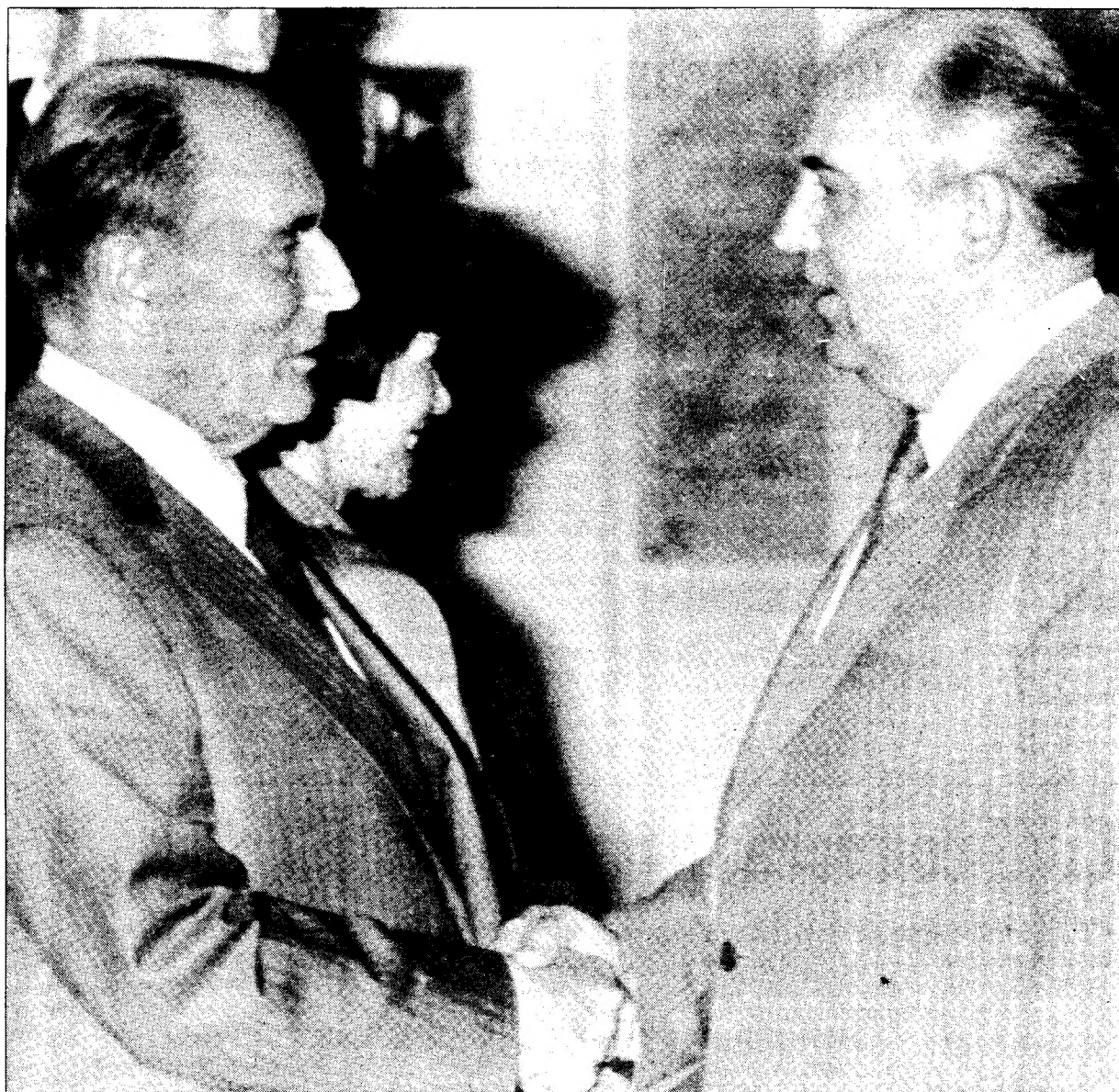
Pág. 12

Mota Amaral

perde "guerra"

**Rocha
Vieira
nomeado
6.ª feira**

Pág. 3



Encontro com Gorbachev

Mitterrand reforça posição da Europa

François Mitterrand chegou ontem a Moscovo tendo-se encontrado já por duas vezes com o líder soviético Mikhail Gorbachev. Nos encontros, os dois dirigentes deram particular atenção ao papel da Europa no cenário internacional e ao desarmamento. Pág. 15

Finalmente uma data: julgamento das FP-25 deve acabar em Dezembro

Pág. 5

Constâncio avistou-se com PR

PS vai tornar oposição "ainda mais eficaz"

O PS vai tornar a sua oposição ao actual Governo «ainda mais eficaz». Quem o disse foi o novo secretário-geral dos socialistas, Vítor Constâncio, ao falar aos jornalistas depois de uma audiência com o Presidente da República destinada a dar conhecimento a Mário Soares das conclusões do último Congresso.

Constâncio, nas declarações ontem feitas, negou que o seu partido vá tomar qualquer iniciativa que dê origem a uma crise política, mas garantiu que irá assumir uma atitude de firme, mas responsável, oposição.

Explicando a bipolarização que vem defendendo, o secretário-geral do PS disse que ela não pode ser confundida com confrontação, devendo ser entendida como «alternância política democrática, em resultado de eleições», entre uma opção mais conservadora e outra mais progressista.

Referindo-se à acção do executivo de Cavaco Silva,

acusou-o de «não aproveitar a conjuntura favorável» para melhorar as condições de vida dos portugueses, isto apesar de uma reconhecida descida da inflação.

Manifestou-se, também, preocupado com o que considera ser a manipulação da Comunicação Social por parte do Governo, para que este possa fazer a sua «auto-propaganda».

Outro ponto de crítica passou pela posição deste Governo na CEE, considerando Constâncio que os interesses portugueses não têm sido convenientemente defendidos devido a atrasos e outros tipos de insuficiências.

A constituição de um «Governo sombra» do PS foi igualmente abordada, tendo o líder socialista dito que ele vai tornar a oposição do seu partido «ainda mais eficaz».

Sobre a audiência do presidente Soares — que Constâncio substituiu na liderança do PS — revelou que, para além da informação prestada sobre o último Congresso, foram também trocadas algumas impressões sobre a situação política.

Acompanharam Constâncio o presidente do partido, Tito de Morais, além dos membros do nosso Secretariado, António Guterres, Jorge Sampaio e Manuel Alegre.

Grupo Parlamentar

Constâncio está hoje reunido com o grupo parlamentar do seu partido, no primeiro encontro realizado depois da sua recente eleição



como secretário-geral do PS.

Em debate a actuação parlamentar dos socialistas face às directivas da nova direcção do partido.

Amanhã, Constâncio apresentará cumprimentos à direcção do PSD.

O encontro, solicitado pelos socialistas, decorrerá na sede dos sociais-democratas

inserindo-se na série de audiências com os partidos parlamentares que a nova direcção do PS tenciona realizar.

Para esta semana estão ainda previstos encontros dos novos dirigentes do PS com as direcções do CDS e do PRD para debate da situação política.

Soares em Estrasburgo

O Presidente Mário Soares está desde hoje à tarde em Estrasburgo para uma visita oficial ao Parlamento Europeu. Soares deixou Lisboa ao princípio da tarde permanecendo até amanhã em Estrasburgo, de onde se guirá para Paris, capital em que permanecerá até sexta-feira, avistando-se com o presidente François Mitterrand.

Após a sua chegada a Estrasburgo, o Presidente da República terá um encontro com os deputados portugueses no Parlamento Europeu, avistando-se mais tarde com representantes da comunidade portuguesa na Alsácia.

A noite, tem um jantar na embaixada de Portugal junto do Conselho da Europa, ao qual assistirão o embaixador de Portugal naquele órgão europeu, Pereira Bastos, os presidentes dos grupos parlamentares no Parlamento Europeu e o embaixador Leonardo Matias.

Amanhã, depois de encontros com o presidente e com os 14 vice-presidentes do Parlamento Europeu, o presidente Soares discursará na aquela assembleia, visitando a seguir o Conselho da Europa.

Na quinta-feira, seguirá para Paris onde, nesse mesmo dia, se avistará com representantes da comunidade portuguesa, e, na sexta-feira, terá um encontro com François Mitterrand, após o que regressará a Lisboa.

Encontro como CCS

Soares recebeu ontem uma delegação do Conselho de Comunicação Social com quem debateu a situação nos órgãos de Informação estatizados e de quem recebeu um relatório sobre a actividade daquele conselho nos últimos seis meses.

Artur Portela Filho, presidente do CCS, disse, no final da audiência, que entre os assuntos tratados se contaram «os mais urgentes e mais amplos» como o pedido de fiscalização da constitucionalidade, que o PSD irá propor ao Tribunal Constitucional, sobre a lei que impede a alienação dos bens do sector estatizado da Comunicação Social.

Crise do PRD do Porto

Espera-se "intervenção drástica" de Hermínio Martinho

Continua a «crise» no PRD do Porto. Iniciada há alguns meses, a «questão do Porto» agudizou-se o mês passado com a suspensão da eleição dos órgãos directivos locais. Aguarda-se agora uma decisão do Conselho Jurisdicional, para o qual foi remetido o problema, bem como uma intervenção do presidente do partido, Hermínio Martinho. A situação motivou já o adiamento de uma visita de Ramalho Eanes ao Porto.

A situação do PRD-Porto agudizou-se quando no passado dia 21 foram suspensas as eleições para os órgãos concelhios, na sequência da denúncia de «irregularidades na propaganda utilizada pelas listas correntes», a «A», encabeçada por Dias de Carvalho, e a «B», liderada por António Abrunhosa.

Na origem das «irregulari-

dades» encontrava-se a utilização do nome de Ramalho Eanes pela lista do ex-deputado Dias de Carvalho, o que foi considerado pelo executivo provisório distrital como «abusivo», após denúncia da lista contrária. Na origem desta decisão encontrava-se o facto de tal atitude «contrariar um acordo existente entre Ramalho

Eanes e o PRD, segundo o qual o partido não pode utilizar o nome do ex-Presidente da República sem a sua anuência».

Face a esta situação, a comissão administrativa provisória do PRD — à qual seria afecta a lista que se opunha à de Dias de Carvalho — resolveu remeter o caso ao Conselho Jurisdicional do partido. Este órgão nacional dos renovadores já se terá inteirado do processo, mas este continua em fase de averiguações.

O arrastar da situação tem feito crescer o descontentamento entre elementos da lista «A» (de oposição à actual comissão administrativa provisória) e a agência ANOP cita um deles (que não identifica) como tendo admitido a possibilidade de

«abandonar definitivamente o partido» do qual se considera «já suspenso».

Corre, entretanto, um documento subscrito por mais de uma centena de militantes afectos à lista «A» em que estes exigem «a realização das eleições locais até ao próximo dia 12» e exigem, de Hermínio Martinho, a «instauração urgente de um rigoroso inquérito à comissão directiva provisória e a sua imediata suspensão».

Quanto à lista «B», a ANOP cita António Abrunhosa como tendo dito que todos os seus elementos aguardam «com serenidade a decisão do Conselho Jurisdicional».

Os órgãos nacionais dos

renovadores ainda não se pronunciaram sobre uma data para a realização das eleições, não se excluindo uma intervenção «drástica» de Hermínio Martinho, a qual poderá afectar as duas listas.

Comissão Directiva

Em Lisboa esteve reunida ontem a Comissão Directiva nacional para tratar «exclusivamente da preparação» da reunião da Comissão Nacional do PRD, que decorrerá no próximo sábado num hotel da capital. Desta reunião sairá a data da realização da Convenção Nacional dos renovadores, na qual deverá ocorrer a entrada de Ramalho Eanes para aquele partido.

Conselho de Planeamento Civil convocado para o dia 29

O Conselho Nacional de Planeamento Civil vai reunir no dia 29 deste mês. A reunião esteve prevista para amanhã, mas foi adiada devido ao debate, no Parlamento, do Orçamento Suplementar para 1986. Trata-se da primeira reunião, este ano, do CNPCE.

Na agenda está inscrita a aprovação do regulamento interno do Planeamento Civil de Emergência, o debate da situação nas comissões sectoriais do CNPCE, a participação de Portugal em reuniões especializadas a realizar noutros países e a aprovação de directivas de planeamento.

O CNPCE tem a seu cargo o planeamento das medidas a tomar em caso de crise (catástrofe, guerra), sendo presidida pelo ministro da Defesa e tendo como vice-presidente o brigadeiro Lajes Ribeiro.

Nas reuniões participam habitualmente os presidentes das comissões sectoriais (transporte aéreo,

oceânico e terrestre, telecomunicações, produtos agrícolas, industriais e petrolíferos, Serviço Nacional de protecção Civil, EMGFA e Governos das Regiões Autónomas).

Fazem ainda parte do CNPCE representantes dos ministros da Agricultura, Administração Interna, Obras Públicas, Indústria e Comércio, bem como o secretário de Estado da Presidência do Conselho.

Recorda-se Teófilo Braga a propósito do Senado

O nosso amigo Vasco da Gama Fernandes, antigo presidente da Assembleia da República e, no presente, deputado do PRD, confiou ao "DL" uma «sugestão parlamentar» que, por um lado, condensa a sua experiência, e, por outro lado, constitui a defesa da criação de uma «segunda câmara». Não faltou quem se tivesse surpreendido com a «sugestão» — apenas uma sugestão — de Vasco da Gama Fernandes. Dir-se-ia, aliás, que ele previa as reacções. Logo no início da sua «sugestão parlamentar» escreveu: «Compreendo e respeito os que argumentam contra a instituição do Senado na recordação da Câmara dos Pares de feição elitista e de raiz mais ou menos palaciana».

Sem evocarmos a melhor tradição democrática portuguesa — a do **vinismo** —, refira-se que o problema foi debatido nas Constituintes da República. Há 75 anos, portanto. E, então, foi resolvido criar um Senado. A experiência do nosso «Constitucionalismo republicano» com Senado não é mais fecunda que a do nosso «Constitucionalismo monárquico» com Câmara dos Pares. A «segunda câmara», a «câmara alta», não deu uma contribuição positiva, em qualquer dos regimes, no sentido de suprir ou corrigir os defeitos da «câmara baixa». Os defeitos de uma Assembleia Legislativa podem, e devem, ser corrigidos com meios parlamentares que o sistema prevê ou admite. Erros e abusos dos deputados, insuficiências e carências dos deputados, podem ser evitados, ou remediados, pelo próprio Parlamento. E é isso que deverá fazer-se.

A «segunda câmara» não tem razão de ser. Nada lhe confere especial competência e a crítica da sua existência está feita. Em Portugal, nas Constituintes de 1911, combateu-a, com veemência, o próprio presidente do Governo Provisório, o dr. Teófilo Braga. A sua argumentação, fundamentada numa pessoal leitura das tradições democráticas ibéricas, merece ser recordada. É o que fazemos hoje. E, de imediato, passamos a palavra a Teófilo Braga:

— É agora que nós vamos discutir se deve haver uma Câmara ou duas. Não podemos hoje conceber o Poder legislativo sem uma representação parlamentar. Não se trata de um torneio de retórica banal, uma simulação das antigas lutas da Rosa branca e da encarnada. Parece-me que o assunto é deveras grave e não pode ser tratado de assalto, nem votado a requerimento de inconscientes abafadores. Talvez fosse mais conveniente discuti-lo amanhã com serenidade, visto que este artigo é, por assim dizer, a chave do definitivo Poder legislativo da República Portuguesa.

«Por consequência, sr. presidente — dirige-se ao presidente das Constituintes, Anselmo Braamcamp Freire — limite-se a discussão do problema, apenas tocado na generalidade; mas assim de assalto não entremos logo no Artigo 9.º, que é da máxima importância, e quanto a tratá-lo na especialidade concreta, há necessidade de desvanecer opiniões subjectivas, fantasistas, alheias a todo o critério sociológico.

«V. Ex.» agora bem pode suspender este trabalho para a sessão de amanhã e dar a palavra a alguns

dos srs. deputados que a pediram para antes de se encerrar a sessão...

E Teófilo Braga insistia: «Sr. presidente, esta questão de uma ou de duas Câmaras não é tão banal como parece a muitos; é a alma das reformas modernas do parlamentarismo, que na evolução de doze séculos tem de voltar à sua primitiva unidade.

«O grance publicista do século XVIII Montesquieu, sustentava a necessidade das duas Câmaras, pois que se achava ainda diante das classes irreduzíveis e inconciliáveis do regime católico feudal; assim, escrevia: «Há na sociedade famílias poderosas, que têm a riqueza, as honras e a tradição histórica; importa dar-lhes uma representação social.»

«Temos por ventura hoje as *classes* como base da estabilidade social? Não; a Revolução fundou a igualdade política, acabou com as classes.

«É por isso que Sieyès, o sistematizador doutrinário da Revolução do século excepcional, indicou a existência de uma só Câmara: «A lei é a vontade do povo; um povo não pode ter ao mesmo tempo duas vontades diferentes sobre o mesmo facto: consequentemente, o corpo legislativo, que representa o povo, deve ser essencialmente *uno*». E mesmo antes da Revolução, Turgot, um dos precursores da Sociologia, indicava em 1786, a Franklin, a organização de uma só Câmara para a Pensilvânia.

«Mas no século XIX, os primeiros conflitos entre o capital e o trabalho acordaram os conservadores políticos para a resistência dos governos, e assim vemos Guizot voltar à tese das duas Câmaras, sob esse critério transitório: «Há na sociedade humana esses que vivem do rendimento das suas propriedades territoriais e mobiliárias, benefícios ou capitais, e aqueles que, vivendo do seu trabalho, carecem, para se conciliar, de uma representação distinta.

«Não é com as duas Câmaras que se resolve o problema económico, que não do antagonismo de classes, nem do reconhecimento de privilégios genealógicos.

«É por isso que na mente dos advogados surgem os argumentos subjectivos para justificar uma segunda Câmara, para temperar as energias impulsivas da primeira. Se estes espíritos reconhecessem que o poder real para tornar-se absoluto dividira os Estados Gerais para os enfraquecer; assim, sob Eduardo III é que se dividiram as duas Câmaras do único Parlamento; e Carlos V, em 1538, tratou de evitar a reunião das Cortes Gerais permitindo que separadamente se reunisse a nobreza com o clero.

«Nada mais claro do que esta divisão da soberania nacional: *Divide ut imperes*. Os parlamentos foram unitários; assim a Corte General de Aragão, os Estados Generales de Navarra, o Ayuntamiento de Castela, as Cortes de Portugal, O Sínodo General em França e o Wittenagmott em Inglaterra. Esta unidade tinha de fragmentar-se não em benefício da liberdade nacional, mas do absolutismo do poder real.

«É isto que se quer na República portuguesa!»

A argumentação do professor Teófilo Braga traz uma visão positivista da história institucional,

mas reflecte os seus sentimentos democráticos. Ele não concebe que a Democracia seja compatível com situações de representação de classe ou com privilégios. Citamos:

«Aqui querem fazer duas câmaras; e aqui tem V. Ex.» — dirige-se ao Presidente — mantida a ideia velha da luta entre o regime católico-feudal e o povo ou burguesia, e hoje do proletariado, entre o capital e o trabalho.

«Os proletários criaram esta fórmula de colectividade social chamada povo, e os poderosos criaram os privilégios. Pois que quer dizer Senado? Quer dizer velho, do latim *senex*; *seniores*, os mais velhos ou os senhores... Os mais velhos eram os patriarcas que formaram as aristocracias dos eupatridas, dos patricios, dos *lords*, dos barões e dos fidalgos. Faz algum sentido no mundo moderno resuscitar instituições dessas, que a natureza eliminou pela falta de cruzamentos da raça, e que o progresso social teve de unificar tirando-lhes o veto?

«Nós vamos fazer uma Constituição de um pequeno povo, onde não há morgados, onde não há nobres, onde não há fidalgos, não há grandes potentados da terra; portanto, não a devemos fazer para se criar uma classe à parte, o Senado; isso será reavivar as classes já extintas, com um pessoal tirado da classe média exclusivamente: um mesmo cão com diferente coleira, como diz o anécdota popular... Eu moralmente protesto, e se houver Senado, nunca lá hei-de por os pés.»

E Teófilo prosseguiu no seu ataque à ideia de instituir uma «câmara alta»:

«Ainda uma última palavra; presentindo que amanhã me veja privado de expor esta doutrina por algum estúpido requerimento para que se julgue a matéria discutida, o que referir agora ficará como aclaração de voto. O Senado não está na tradição do povo português...

Seguiram-se, no discurso de Teófilo, outros argumentos de ordem histórica. Não deve — claro está — a tradição da História determinar os nossos passos para o futuro. Não deve coibir-nos para percorrer os caminhos de progresso. Mas criar um **senado** será um progresso para o nosso sistema parlamentar? Ou será apenas reconstituir com três más tradições — a da Câmara dos Pares, a do Senado republicano, a da Câmara Corporativa — uma morosa e burocrática estrutura de reflexão que atrase, ou impeça, a produção legislativa, sobrepondo-se, de algum modo, ao Conselho de Estado e ao Tribunal Constitucional?

E depois — o argumento é conhecido — dividir a representação da soberania nacional é enfraquecê-la.

Como disse Teófilo Braga: «Admitir no regime da democracia essa fragmentação do Poder Legislativo, e quando não há classes em direito político, é uma incongruência deplorável e um triste retrocesso.»

Era assim em 1911.

Não será assim em 1986 quando se comemora o 75.º aniversário dos trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte?

Anticiclone não chega a Belém

Soares vai nomear sexta-feira Rocha Vieira para os Açores

O Presidente da República, Mário Soares, vai nomear na próxima sexta-feira o general Rocha Vieira Ministro da República para os Açores e ao mesmo tempo exonerar, a seu pedido, o general Conceição e Silva. A notícia foi dada aos jornalistas pelo próprio Presidente da República, no decorrer do habitual encontro semanal com os jornalistas, antecipado para ontem, em virtude da deslocação de Mário Soares a Estrasburgo.

Aquela decisão foi ontem do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, que ao mesmo tempo foi informado

da data da posse de Rocha Vieira

Como se sabe a indicação deste oficial general suscitou forte reacção dos socialistas democratas açorianos, que pretendiam para aquele cargo um civil e acoriano.

No seu diálogo com os jornalistas, que durou cerca de 45 minutos, o Presidente da República desdramatizou esta questão, admitindo que a figura do Ministro da República poderá ser contestada mas, mas nos

termos da actual Constituição ela existe, logo cumpre-se o que a lei fundamental estabelece.

«O processo de decisão foi um processo normal. O Governo propôs. Sobre a proposta foram feitas consultas. O assunto foi ao Conselho de Estado. Foi tomada uma decisão, vou nomear», disse Mário Soares.

Até onde a autonomia?

«Uma boa pergunta», co-

mentou Mário Soares quando lhe puzeram esta questão. O Presidente da República disse ser um grande partidário da autonomia e salientou que foi durante os seus Governos que se fez toda a transferência das competências periféricas. Sublinhou que esse facto permitiu canalizar para as regiões autónomas fundos consideráveis e realizar importantes progressos. Ainda sobre a nomeação do Ministro da República, Mário Soares disse

que tomara uma decisão no uso de uma competência.

«Atendi a todos os aspectos. Em primeiro lugar ao supremo interesse nacional e, obviamente, ao interesse regional».

A propósito de recentes testes sobre um tipo de Estado Federal, Soares disse que tivera o cuidado de perguntar se isso representava o pensamento do PSD e que lhe fora dito que não.

Continua na pág. 4

PARA AS SUAS FÉRIAS



A POLÍCIA JUDICIÁRIA ACONSELHA:

2 - SE VAI PARA O ESTRANGEIRO, ADQUIRA DIVISAS APENAS NAS INSTITUIÇÕES DE CRÉDITO AUTORIZADAS A EXERCER O COMÉRCIO DE CÂMBIOS. Lembre-se: os passadores de notas falsas servem-se com frequência do mercado clandestino de divisas.

Desenvolvimento florestal debatido no Parlamento

A discussão do projecto de Lei de Bases do Desenvolvimento Florestal foi o tema central da sessão parlamentar de ontem. O projecto, da autoria do deputado socialista Azevedo Gomes, diz respeito aos espaços rurais não agrícolas que ocupam metade da área rural do continente, «incluindo 1,3 milhões de hectares de incultos».

De acordo com o preâmbulo do projecto, o que se pretende é a valorização e aproveitamento destes espaços, tanto mais que se assiste a uma progressiva degradação das zonas que estão por cultivar.

Na intervenção então produzida, Azevedo Gomes rejeitou críticas que atribuem um «carácter colectivista ou estatizante» ao diploma em apreço. Pelo contrário, referiu o deputado socialista, «o seu espírito e a sua letra são, sim, promotores e criadores de condições objectivas que possibilitem a muitas centenas de milhares de portugueses, isto é, a uma multidão de proprietários privados, ultrapassar as inércias e os atrasos decorrentes de estrangulamentos que por si não podem, na esmagadora maioria ultrapassar».

Em abono da sua tese, Azevedo Gomes diria ainda que «Portugal constitui um caso à parte na Europa quanto à percentagem da área florestal que o Estado administra: 3,8 por cento de

matas públicas e 9 por cento de baldios, contra mais de 50 por cento na Alemanha Federal, 44 por cento na Inglaterra, 43 na Itália e 27 na França». «E o caso é que o projecto de lei em apreço não se destina a alterar esta situação».

Mas, apesar de todas estas explicações, não ficaram convencidos os deputados do PSD e do CDS, tendo mesmo José Manuel Casqueiro afirmado que o projecto pretende «ocultar as verdadeiras intenções do legislador».

Casqueiro considerou ainda que a aprovação do diploma «representa a marginalização completa dos produtores florestais» e mostrou-se surpreendido pelo facto de o PS «que negociou o tratado de adesão à CEE, apresentar, um ano após a adesão, propostas normais de uma economia planificada num Estado centralizador».

No debate sobre esta questão — que será votada e aprovada, esta tarde, intervieram ainda os deputados

João Abrantes e Rogério de Brito (PCP), Paulo Campos (PRD), Luís Capoulas (PSD) e Soares Cruz (CDS).

Camarate: mais seis meses

O plenário decidiu ainda ontem prolongar por mais seis meses o prazo dado à Comissão de Inquérito ao desastre de Camarate para concluir o seu trabalho.

Para hoje está prevista a apreciação de uma proposta de lei para a alteração do estatuto político-administrativo da Região Autónoma dos Açores.

A proposta foi enviada ao Parlamento pelo Presidente da Assembleia Regional dos Açores, acompanhada de pedido de urgência para que fosse discutida ainda antes do fim da actual sessão legislativa.

De acordo com o preâmbulo, a apresentação desta proposta deriva do facto de a revisão da Constituição ter determinado um conjunto de alterações em matérias respeitantes às Regiões Autónomas, «às quais se impõe adaptar os respectivos estatutos político-administrativos, designadamente no que se refere ao exercício do poder tributário próprio».

«Por outro lado — prossegue —, a experiência dos úl-

timos seis anos revelou a necessidade de se proceder a algumas alterações em matérias relacionadas com a organização interna dos órgãos de Governo próprio».

O artigo que consubstancia o estatuto político-administrativo da Região Autónoma dos Açores estabelece que o mesmo seja revisto após a entrada em vigor da Lei de Revisão Constitucional, o que se concretiza no momento em que decorre o décimo aniversário da autonomia, frisa o preâmbulo.

Orçamento Suplementar

Entretanto, a conferência de líderes parlamentares adiou para amanhã o início do debate no plenário do Orçamento Suplementar para este ano.

O adiamento foi proposto pela comissão parlamentar de Economia e Finanças no sentido de permitir ao Governo fornecer os dados por ela pedidos, o que só acontecerá hoje.

De qualquer forma, esta alteração não significa mudança no dia previsto para a votação final global do Orçamento Suplementar, que se mantém agendada para quinta-feira.

Rocha Vieira nomeado sexta-feira

Continuação da pág. 3.

Poderes e competências

A propósito do recente pedido de verificação de inconstitucionalidade de leis pedido pelo Governo, Mário Soares diz perceber que o Governo queira exercer esse direito mas não interpreta isso como divergências.

«Não se trata de divergências, mas sim do equilíbrio dos poderes a funcionar. Quando um Governo exerce as suas competências não tem que ser criticado por isso, nem a Assembleia da República quando legisla, nem o Presidente da República quando promulga pois está a exercer um direito. Ninguém tem que estranhar. Vivemos numa sociedade plural e aberta em que existe separação de poderes. Cada um dos poderes exerce a sua competência legítima. Ninguém tem que se traumatizar por cada um exercer as suas competências. Não se deve considerar isto uma coisa estranha mas como uma prova do bom funcionamento das instituições».

Relações internacionais

Pela primeira vez desde que Portugal é membro daquele órgão um Chefe de Estado

português vai falar no Parlamento Europeu. Soares teve o maior cuidado na preparação do seu discurso, porque entende que «a política externa deve ser conduzida com o máximo consenso possível» e que «nela só deve haver uma voz».

Foi essa razão que o levou a convidar os deputados europeus de todos os partidos políticos para um jantar em Belém com o objectivo de ouvir as suas opiniões. Afirmou aos jornalistas que esse encontro foi muito útil, e que o seu discurso abordará diversos temas que lhe parecem importantes e de acordo com algumas das sugestões dadas pelos parlamentares.

«Procurei integrar dentro do próprio esquema as sugestões que me deram, que aliás foram úteis e vieram de todos os grupos parlamentares».

Revelou ainda que o Presidente da Assembleia da República, Fernando Amaral, lhe havia agradecido o facto de, pela primeira vez, um Presidente ter convidado para integrar a sua comitiva os presidentes das comissões parlamentares dos Negócios Estrangeiros e da Integração Europeia.

Mário Soares vai encontrar-se também com Mitterrand com quem já não estava desde a cerimónia da tomada de posse.

O Chefe do Estado salientou que o Presidente francês esteve nos Estados Unidos, foi depois para a União Soviética e regressará no próprio dia em que lhe vai oferecer um almoço.

«Está de posse de dados que nos interessa conhecer e é importante saber como ele vê a situação internacional».

O Presidente da República disse também aos jornalistas que tem diversos convites para visitas oficiais mas que essas viagens devem ser realizadas tendo em conta os interesses conjunturais da política externa portuguesa. Está assente, por isso, que até ao fim do ano, a sua única visita oficial será a um país africano de expressão oficial portuguesa. Embora Soares não o tenha explicitado, tudo leva a crer que esse país será S. Tomé e Príncipe.

Quanto à questão de Macau (Mário Soares usa a expressão conversações e não negociações), diz que neste momento não fala sobre isso, que



há um chefe da delegação e que poderá fazê-lo se entender. Reconhece no entanto que «óbviamente a posição de Hong-Kong é diferente da posição de Macau, que nunca foi uma colónia, foi sempre um território administrado por Portugal com a aquiescência da China».

Interrogado sobre as notícias da instalação de tropas norte-americanas em Portugal, disse não ter qualquer informação acerca disso.

Augusto Vilela



EUROPA 86

PRIORIDADE

A

SEGURANÇA RODOVIÁRIA

Tribunal de Monsanto não tem férias de Verão

Julgamento das FP-25 terminará até ao Natal

O julgamento do chamado caso FUP/FP-25 deverá estar terminado em Dezembro. Pelo menos esta é a convicção existente no seio dos advogados de defesa, depois de lhes ser distribuído o calendário da audição dos declarantes e das testemunhas. O Tribunal de Monsanto não conhecerá as habituais férias judiciais de Verão e no próximo dia 14 começarão a ser ouvidos os declarantes.

As testemunhas de defesa — cerca de 500 iniciarão os seus depoimentos, à razão de 12 por dia, a partir de 5 de Agosto, e até ao Natal tudo deverá estar terminado. Como em Junho de 87 os réus presos preventivamente atingirão três anos de detenção, o juiz Adelino Salvador — dizem alguns advogados — pretende ter pelo menos meio ano entre o dia em que proferir a sentença e a data em que os réus fazem três anos de prisão, para nesse período ser resolvido qualquer eventual (ou mais que certo...) recurso. E mesmo assim as instâncias superiores terão que andar muito rápido em relação ao que é habitual...

Entretanto são já conhecidos os nomes das testemunhas de defesa indicados pelos réus. Otelo, entre outros, apresentou o marechal Costa Gomes, o brigadeiro Pizarat Correia, Salgueiro Maia, Vasco Lourenço, Sousa e Castro, Eduardo Prado Coelho, Lindley Cintra, Boaventura dos Santos e numerosas personalidades estrangeiras. Resta saber quem vai aparecer — sabe-se, por exemplo, que o general Ramalho Eanes, também indicado por Otelo, não irá a Monsanto.

Pedro Goulart, por sua vez, apresenta como suas testemunhas, entre outros, Manuel Serra, Francisco Louça, Joaquim Mestre, Hasse Ferreira e Maria Belo. Ao que o «DL» julga saber, Maria Belo já terá afirmado que não comparecerá no Tribunal.

Faltou detergente

Na sessão de ontem, Otelo Saraiva de Carvalho afirmou ter sido «avisado por um ex-ministro da Administração Interna de que a OUT excedia largamente o que se entendia por partido político».

«O que ele queria dizer era que as FP-25 a infiltravam» — explicou Otelo, quando respondia a perguntas do procurador da República, Teodósio Jacinto, após o juiz-presidente, Adelino Salvador, ter dado por terminado o interrogatório do réu.

Para o ex-comandante da COPCON, «as FP-25 eram como um visco que se pega às mãos e que quanto mais se quer tirar mais se pega».

«Faltou o detergente necessário» — acrescentou.

Otelo declarou também que não tinha qualquer controlo sobre a estrutura clandestina — ECA — do Projecto Global, «que usava de completa autonomia», após ele próprio ter encarregado, em 1977, da sua estruturação, «dois homens da minha inteira confiança».

Para o réu, quando do aparecimento das FP-25 em 1980, «a ECA tinha uma larga implantação no terreno».

«Seria de uma enorme estupidez da parte dos dirigentes do Projecto Global fazerem acções do tipo das FP-25» — declarou.

Otelo afirmou que o seu conhecimento das FP-25 só «se tornou mais completo» após os contactos com elementos dessa organização em pleno tribunal.

Mais uma vez o réu disse que

«não podia garantir se elementos da estrutura clandestina do PG tinham ou não extravasado» os parâmetros para ela definidos pela direcção do Projecto.

Lamentou depois que a Direcção Político-Militar (DPM) da organização não emitisse «directrizes de intervenção» para as várias componentes do Projecto, afirmando ser esta uma das ques-

tões que levou à realização do PDEC e ao Conclave.

Dois documentos

Dois documentos foram ontem apensos aos autos, a pedido de dois advogados de defesa. Trata-se de um telex da Anop contendo o relato de uma confe-

rência de Imprensa da Comissão Nacional da FUP realizada em princípio de Junho de 84, que ficou junto ao processo a pedido do advogado de Otelo, Romeu francês; e do relatório da autópsia do alegado membro das FP-25, António Guerreiro, morto na sequência de um assalto a um banco na Póvoa de Santo Adrião.

Segundo esse relatório — apensado a pedido da advogada Maria Jorge Pires, defensora de Góber Lopes — Guerreiro terá sido baleado de frente e não pelas costas, como afirmara o «superarrepido» Macedo Correia ao responder em Tribunal.

O julgamento continua esta tarde com Otelo a ser interrogado pelo procurador da República.



FAÇA RENDER A SUA REFORMA

Aproveite melhor a sua disponibilidade. Passeie, visite a família, conheça o que nunca teve tempo para conhecer. Agora, que finalmente tem tempo para si, goze-o. O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ajuda. Com juros e condições melhores para fazer render a sua reforma.

Venha conversar connosco sobre a Conta-Poupança Reformados. Mais um serviço do



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

team

AM de Santarém rejeita reforço orçamental

Uma proposta de revisão do orçamento da Câmara Municipal de Santarém foi ontem rejeitada pela Assembleia Municipal, com os votos contrários dos eleitos pelo Partido Renovador Democrático, Partido Social-Democrata e Aliança Povo Unido.

A proposta, apresentada pelo presidente da edilidade, o socialista Ladislau Botas, previa um agravamento do défice corrente, a alienação de património para despesas de capital e não especificava quais as obras a realizar com o reforço orçamental pretendido.

Motociclista da GNR morre em acidente de estrada

Um motociclista da Brigada de Trânsito da GNR morreu ao princípio da madrugada de hoje numa colisão com uma viatura pesada na Estrada Número Um, no sítio de Cheganças, próximo do Carregado.

O agente, José Manuel Agostinho Baptista, seguia na sua moto quando por circunstâncias ainda não determinadas se deu o embate que causou a morte imediata ao soldado da GNR que prestava serviço na Brigada de Trânsito de Lisboa e ingressara na GNR em 1984.



EM GUIMARÃES NASCEU PORTUGAL

Uma prosperidade ameaçada?

Lurdes Fêria

Em Guimarães nasceu Portugal, do que muito se orgulham os seus habitantes. Bom sítio para nascer, digo, antes aquele que outro qualquer menos dotado de condições estéticas, o destino agiu com acerto. E, talvez porque a história se venera, a cidade conserva a dignidade e a nobreza que a responsabilidade exige, mercê de uma sensata, e também briosa atitude, dos vimaranenses. Dáí que, especialmente no centro, se observe uma vontade de impressionar o visitante, de não o deixar indiferente, quer pelos símbolos nacionais com que se defronta, quer pela imponência dos monumentos, amorosamente cuidados.

Ora, «A Muralha», organização de defesa do património, afincase no cumprimento do seu dever e, de olho aberto, fiscaliza, atenta aos perigos que Guimarães possa correr. Não se limita, contudo, a uma vigilância pacífica, já tem actuado impedindo um ou outro crime. Um caso: desencorajou a autarquia de mandar cobrir os passeios da Praça do Toural com pavimento de mosaico, o que efectivamente era um crime de lesa-majestade. Todavia, Fernando Guimarães, activista da defesa do património, arquitecto com atelier no centro histórico lamenta «o descalabro que evidenciam os meios rurais e as zonas limítrofes da cidade».

Dantes, um arquitecto era encarado com uma certa animosidade, visto como o sujeito que apenas servia para complicar e encarecer a obra. Assim, o único que havia, outro remédio não teve senão virar-se para o ensino, maldizendo a hora em que escolhera tão ingrata profissão. Agora, felizmente, registou-se uma alteração, visto que a cidade já conta com nove diplomados no exercício da profissão. «Apesar da forte concorrência dos desenhadores, os arquitectos começam a ser solicitados para a construção de lojas, bares, restaurantes e casas, mantendo-se no entanto uma certa reserva face à linguagem nova ou ao mínimo arrojo. Há, portanto, ainda resistência por parte dos utentes dos edifícios, o que torna difícil, ao arquitecto, a imposição de um estilo pessoal».

Quem requisita arquitecto? Normalmente são os grandes industriais, porque a classe média prefere dirigir-se aos desenhadores, um serviço mais barato, ou comprar o apartamento já construído. Do emigrante nem se fala, é o que sabemos: agente da epidemia de casas, sem pés nem cabeça que alastram por aí, de norte a sul. Cá ficamos à espera que se ponha cobro ao mal,

com rezas e promessas a todos os santos milagreiros, na esperança de que se lembrem de nos atender, porque isto de bater no ceguinho suga-nos as energias, tão necessárias para suportar as crises individuais e colectivas.

Prosperidade

Mas, seguramente, Guimarães prospera. Sorte e cabeça nos negócios permitem-lhe um bom nível de vida e, mais do que isso, aos que graças ao incremento da indústria acumularam volumosas fortunas. Se não fosse a rebeldia de Vizela estaria nas suas sete quintas, mas a felicidade total nunca se alcança, há sempre um ou outro obstáculo a contrariá-la. Ao fim e ao cabo, uma fada bondosa favorece os vimaranenses... Até quando?

Alguns indicadores anunciam riqueza, «deve ser a cidade com o melhor parque automóvel do País». Basta dizer que para a zona, ainda recentemente, foram onze Mercedes 190 (custam perto de 12 000 contos), seis BMW 535, e Porsches não faltam. Claro que se destinam à elite industrial, dos têxteis e do calçado, mas mesmo a classe média não dispensa o seu carrinho de dois ou três mil notas de conto, nem as férias no Algarve ou, o que agora mais está em moda, em Marbella e Benidorm. O cinema, domingos à noite, esgota a lotação, e os bares, até durante a semana, têm clientela. Outro sintoma, revelador de desafogo económico, é o facto da Benetom, loja inacessível a muita gente, ter aberto uma representante em Guimarães, luxo que só Lisboa e Porto possuíam.

Em matéria de sapatos, Guimarães dá cartas. Lá labora a maior fábrica do país, Campeão Português, e muitas outras empresas, de menor porte, se afirmam numa demonstração de pujança. De resto é um sector bem sucedi-

do, talvez devido à agressividade dos empresários e ao tacto que manifestam na gestão.

No território nacional há cerca de um milhão de empresas, o que se traduz em 42 500 postos de trabalho, pertencendo a Guimarães, Felgueiras, Porto, Vila Nova de Gaia, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis, os louros dessa actividade. Consultando os números, fornecidos pela Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, verifica-se que as exportações aumentam de ano para ano (de 31 148 220 pares, em 1984, passou-se para 37 762 934, em 1985), que o mercado nacional também subiu o consumo e que a produção, do ano passado, corresponde exactamente a 55 945 087 pares.

No mercado externo temos como principal cliente a França, na ordem dos vinte por cento, seguida da RFA e quase, em equiparação com este país, o Reino Unido. Ao que parece não somos desonestos nem trapalhões quanto à qualidade do couro, e já nos preocupamos com o design, concebendo modelos imaginativos, pelo que até os italianos, ases do bom gosto, já nos vão comprando uns sapatinhos, se calhar, na intenção de cópia.

É interessante observar que começam a aparecer jovens de mentalidade moderna, longe da tradicional ticanhez de visão que grassava. Por exemplo: José Eduardo Lopes, 26 anos, dano da fábrica Filadélfia prova que houve evolução.

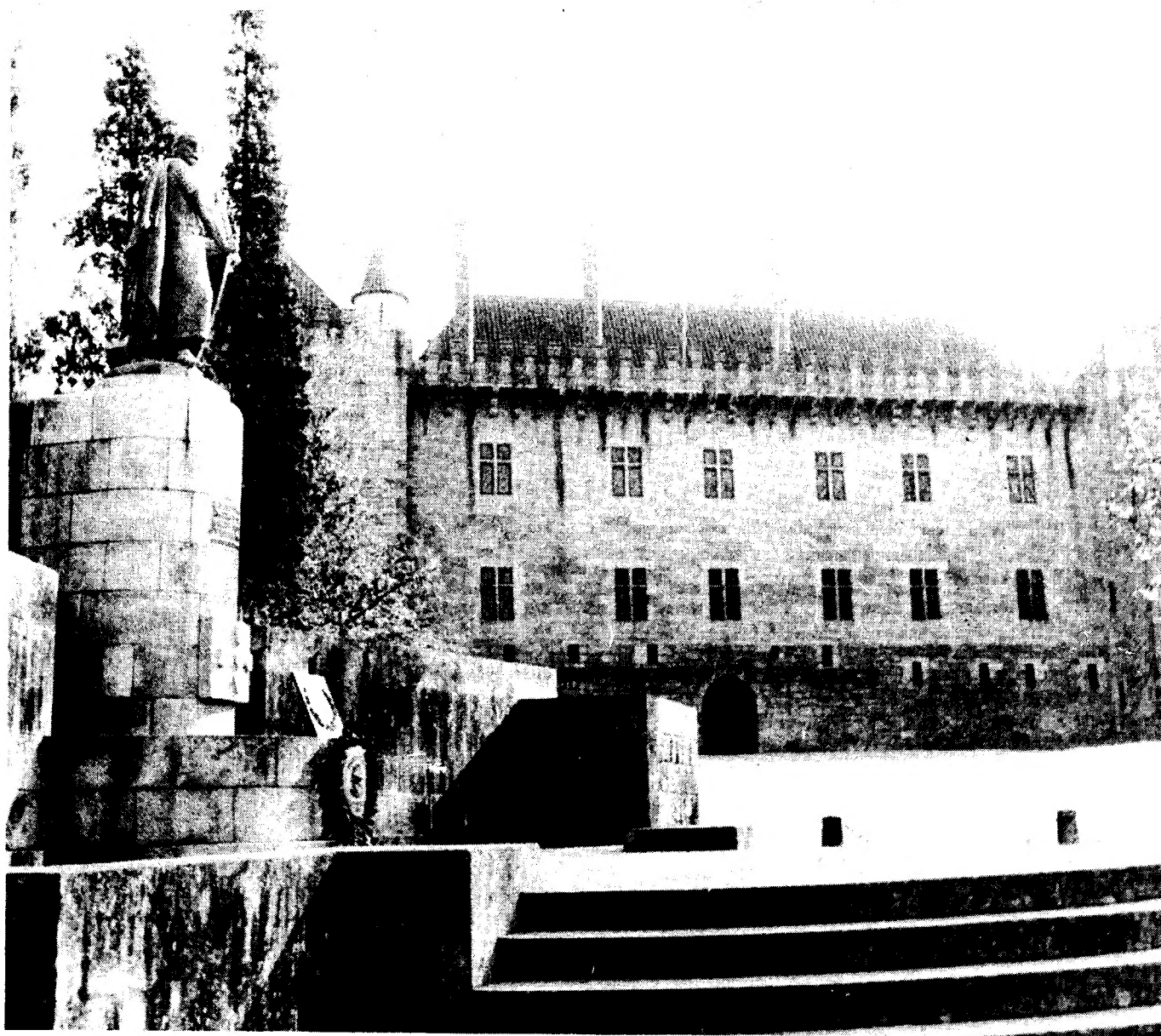
Com um curso de «negócios e administração», obtido em Londres, e mais uma temporada de estudo na Califórnia, Estados Unidos, delata competência e capacidade de iniciativa. «Está, de facto a surgir uma nova mentalidade, na indústria, mas isso terá de ser acompanhado com a formação de quadros médios. Julgo importante que os empresários considerem a realidade do País, não se pode avançar com modelos de gestão só porque conseguiram êxito lá fora. Eu, pessoalmente, acho estúpido aplicar o tipo de gestão praticada nos Estados Unidos ou no Japão...»

Controlo

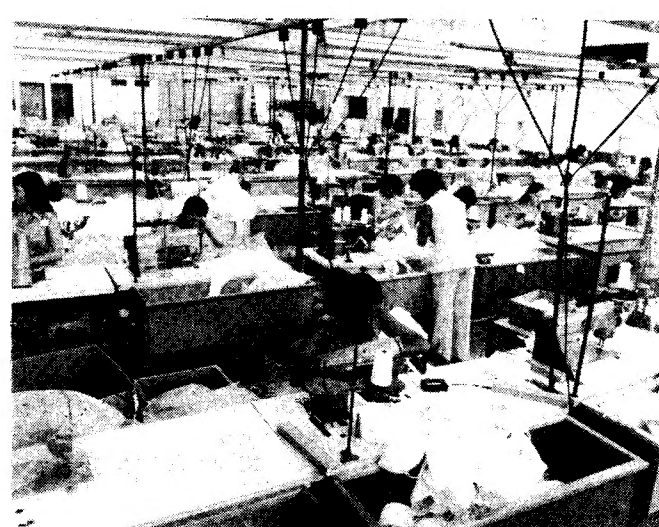
Em cima da moda, up to date, andamos. Óbvio que a entrada na Europa nos estimula, até porque o medo de sermos atirados para fora da carroça é uma realidade. «Melhorámos a qualidade dos couros



Um centro histórico cuidado...



Palácio dos Duques de Bragança...



Nos têxteis há dificuldades...



Tudo bem nos sapatos...

mas, nos complementos, somos fracos. Também não podemos descansar no que respeita a preços, há que sustentar a situação, e nada de euforias. Se nos próximos dez anos o Governo não conseguir controlar o crescimento da economia vamos-nos ver aflitos para competir com a Espanha e a Itália, países que foram obrigados a baixar os preços por causa do desemprego, e evidentemente, com o Médio Oriente. Por outro lado, a abertura ao investimento estrangeiro prejudica-nos, não nos convém que venham para cá explorar a mão-de-obra...

Filho de um industrial de confecções, José Eduardo nunca pensou enveredar pelo caminho em que se encontra. Eram o cinema e a sociologia os pólos que o atraíam. No liceu fez «uma passagem efêmera pela esquerda», concretamente envolveu-se com o MRPP, opção que hoje não renega embora se coloque, como ele diz, numa posição mais conciliadora, «dentro do senso comum». Conservador? «Talvez um pouco mais. Acho que há valores, na sociedade portuguesa, com os quais estou de acordo. Sem exacerbar a importância da família julgo que ela tem aspectos muito positivos e, portanto, a manter».

É de Vizela, cuja reivindicação de ser conselho subscreve, sem que todavia, tenha um comportamento bairrista. Crítica, pois, os excessos, a maneira como a população vive o processo, na sua opinião o que mais importa é o desenvolvimento regional. Mas também não isenta de culpas o Governo que «não clarificou a situa-

ção na altura devida», bem como Guimarães, sempre vingativa, incapaz de facilitar a vida a Vizela. «Não criou estruturas, com vista a que a indústria não perdesse tempo com burocracias. Depois tudo aquilo é caótico... fábricas misturadas com zona de habitação, as estradas não prestam. A completa ausência de estruturas».

Filadélfia, emprega 170 operários, o que a remete para a categoria da média empresa, e fabrica dois mil sapatos por dia, uma média bastante razoável. Entre os mercados estrangeiros, que lhe compram o produto, a Inglaterra vem à frente, com uma percentagem de 60 por cento, dos Estados Unidos e dos países nórdicos, estes numa escala mais modesta. «Aposto no volume, tentando conciliar o conceito de qualidade com as exigências do preço do mercado. Tenho agentes, em todos os mercados internacionais, que me facultam informações sobre os modelos que estão na moda e, a partir daí, desenvolvo o produto em cima da hora, em conformidade com o que é mais aceite. Bem... fabricamos sapatos, de qualidade, com um sabor a alta qualidade. Em Portugal não podemos pensar em jogar numa faixa de mercado muito especializada...»

Casado, com filhos, José Eduardo Lopes acha conveniente «viver com um certo conforto» e proporcionar, aos seus descendentes, contactos sociais, viagens, aquilo que classifica de «horizontes alargados».

Tem um BMW de dois mil e tal contos, casa, etc., coisas que não lhe parecem de mais. O essencial. Embora gostasse de progredir, em termos de realização profissional. E não admite, tendo como ponto de referência o seu passado, estar num processo de deslocação para a direita. «Não... como já disse há valores a preservar. Somos portugueses e, defender certas tradições, nada tem a ver com a direita ou a esquerda. É preciso não escamotear isso, olhar direitinho para o nosso passado, até mesmo o colonial. A cultura de um país é sempre a cultura de um país e ponto final».

Têxtil

Se o calçado vai bem, em Guimarães, o ramo dos têxteis também não ia mal. Mas prevêem-se, com a entrada no Mercado Comum, algumas dificuldades, sobretudo na área das pequenas e médias empresas. Pelo menos um empresário de confecções, com quem falei, mostrou-se céptico quanto ao futuro do sector. «Se ainda conseguimos sobreviver deve-se ao facto de entrarmos no negócio dos feirantes. Em termos de estruturas, de gestão e de design, a situação não se afigura das melhores. Há grupos fortes, com arcaboço para se aguentarem, enquanto o resto, na dependência do crédito bancário e dos apoios oficiais que são deficientes, ver-se-á provavelmente a braços com graves problemas».

Verifica-se já uma mentali-

dade nova no ramo empresarial, só que com um peso ainda pouco significativo. São os velhos que analisam as situações e tomam as decisões, constituindo portanto um entrave à iniciativa inovadora. «Coisas que se resolviam em dois meses, levam anos, por todo o lado se sente o bloqueio. Se queremos um quadro técnico, não o encontramos. Os que existem são antigos e desactualizados, e os novos não têm especialização. Por outro lado, o meio laboral também é complicado, não há consciência profissional, o que prejudica a cadência da produção. Isto, juntamente com a protecção que o Estado português dá ao investimento estrangeiro, contribui para agravar o panorama. Muitas fábricas, na Alemanha e na Inglaterra, encerraram as portas, na mira de virem para o nosso país buscar a mão-de-obra... Assim, assiste-se a uma tendência para abrir as pernas ao capital estrangeiro».

Este empresário, de 30 anos, economista, pediu-me que respeitasse o seu desejo de anonimato. Entrevista sim, mas sem nome. Foi um militante activo da esquerda, área onde diz estar, ainda que afastado do activismo. «Não invisto em luxos, invisto em melhoramentos sociais. Quanto a uma nova mentalidade, não vejo a questão dessa maneira. Há um potencial, casos esporádicos desligados uns dos outros. Seria fundamental estabelecer-se, uma estratégia de conjunto, articulada, que evitasse a guerra de preços. Sei de casos de alguns clientes estrangeiros que dantes compravam

nas grandes empresas e, agora, negociam com indivíduos que montaram fábricas, entre aspas, numa garagem. Nem sequer instalações possuem...»

E o Mercado Comum? Muitos vão estoirar, ficam os que dispõem de força. «Nós tentamos consolidar o que está, sem altos voos... somos dos que vão ficar». Grupos económicos, à americana, ameçam. É possível que, no futuro, façam como os «trusts» dos Estados Unidos: esmaguem. Daí que possam acontecer despedimentos, daí que o nível de vida, em Guimarães, se venha a degradar para um vasto número de pessoas. «Muitos industriais dos anos quarenta e cinquenta cresceram com o mercado interno. Eram gente ligada à terra com um nome e uma moral tradicional. Ganhar dinheiro, sem dúvida, mas conquistando simultaneamente uma imagem, de marca, para as suas empresas e uma boa reputação junto da Banca. Trata-se de um estilo diferente do praticado por estes empresários, surgidos após 75, que só pensam em ganhar... ganhar sem regras. Não lhes interessa que a empresa caia nem que os trabalhadores percam os seus postos, somente querem juntar o máximo de dinheiro em pouco tempo».

Sem investimento não se avança: quem investiu, na hora certa, aguenta-se no barco; quem investiu tarde anda continuamente enrascado e, quem não investiu, está liquidado. Eis uma leitura feita pelo jovem empresário têxtil que anuiu a participar neste

trabalho que apresento aos leitores. Eis uma estratégia: se a maré não for propícia à venda de calças, muda-se para as camisas... e, se também aí houver problemas, a saída pode estar nos lençóis. Com maquinaria moderna e uma gestão adequada há sempre hipóteses...

Saudemos o jornal «O Povo de Guimarães», propriedade de uma cooperativa, cujos sócios se caracterizam por serem simpatizantes da esquerda. Com, para cima de trezentos cooperantes, o jornal ganhou espaço na cidade, onde aliás se vive um clima de coexistência pacífica. Ninguém incomoda ninguém. Nem mesmo no chamado Verão quente, Guimarães aqueceu, não se deixou incendiar pelas paixões políticas.

Enquanto, em Famalicão e Fafe, rebentavam bombas e se faziam perseguições, na cidade onde nasceu Portugal, nada ocorreu de anormal. Tanto a esquerda como a direita se comportaram civilizadamente, o que é raro.

Todos se orgulham de Guimarães: «deve ser o quarto ou quinto concelho do País que mais paga contribuição industrial ao Estado», afirma um homem de esquerda. Todos se unem contra as veleidades autónicas de Vizela: «não concordamos que se multipliquem os concelhos quando a tendência internacional é a unidade dos municípios», acrescenta a mesma fonte.

Isto é ponto de honra para o povo de Guimarães.

Trabalha em dente e osso de cachalote

Artífice faialense é conhecido em todo o mundo

Com 20 anos de actividade, o faialense Othon Silveira é, seguramente, dos mais conhecidos artesãos do Mundo a trabalhar em dente e osso de cachalote. Das duas peças do cetáceo, cuja captura nos mares açorianos «foi chão que deu uvas», este faialense «faz tudo o que lhe vem à cabeça».

É o próprio que diz à Anop ao mostrar o variadíssimo conjunto de peças construídas na sua oficina, uma área de escassos 12 a 14 metros quadrados visitada já por diversas personalidades, de estadistas a embaixadores e artistas.

Entre as individualidades que pela sua casa passaram figuram os ex-primeiros-ministros Sá Carneiro e Pinto Balsemão, o cantor francês Jacques Brel (íntimo de Othon) o escritor Vitorino Nemésio e o multimilionário argentino Carlos Perdomo.

A este último, o artesão faialense decorou o luxuoso iate «Jessica», construído em Palma de Maiorca.

Da oficina de Othon saem, em osso de baleia ou marfim, miniaturas de moinhos típicos, mulheres de pote, cachimbos, canoas, marinheiros, apetrechos da caça à baleia e outros objectos da etnografia local.

A falta de matéria-prima, derivada do abandono da caça ao cachalote, faz com que o artesanato nesta área esteja a chegar ao fim nas ilhas, mas o artífice tem em «stock» mate-

riais que lhe garantem serviço até ao fim da sua vida.

Othon Silveira possui alguns milhares de dentes adquiridos ao longo de anos, localmente e nas ilhas do Pico, Flores e Madeira.

Emigrantes e estrangeiros são os seus principais compradores, explicou, ao referir que a sua casa figura nos roteiros de algumas agências de viagens, que lhe enviam clientes.

Alguns dos visitantes da oficina de Othon procuram-no não apenas para comprar mas também para conversar — o artífice fala fluentemente o inglês e o espanhol, e tem alguns rudimentos de holandês e francês — vê-lo trabalhar ou apreciar os seus álbuns de recortes, dedicatórias e fotografias.

O artífice, de 45 anos, foi fotógrafo profissional durante nove anos depois de trabalhar como empregado no comércio.

Variadas publicações estrangeiras publicaram reportagens sobre a sua actividade. Silveira tem-nas arquivadas para exibir, como troféu, aos amigos e frequentadores assíduos.

Othon Silveira, provavelmente o mais viajado artesão açoriano — esteve 22 vezes nos

Estados Unidos e 5 na Europa — recebe anualmente, pelo Natal, centenas de postais de todo o Mundo.

«As pessoas procuram-me não sei porquê... talvez por lerem nos jornais e revistas ou vêm indicados pelas agências de viagens», diz ao ser confrontado pela Anop com o fenómeno da sua popularidade.

No Verão a oficina de Othon Silveira é principalmente visitada por iatistas que chegam à Horta em escala de viagens no Atlântico Norte.

Mas se como artífice baleeiro é bem sucedido, o mesmo não acontece com um outro projecto que acalentou: o restauro das numerosas pinturas que os iatistas de passagem pela Horta faziam no paredão do molhe da cidade.

Formulou propostas a várias entidades mas os apoios não vieram, sendo hoje impossível a sua concretização pois já não dispõe dos negativos em que estavam documentadas as pinturas.

Ao longo dos anos, centenas de velejadores foram deixando no molhe da Horta numerosas pinturas que daqui a pouco tempo não existirão devido à influência corrosiva dos elementos — a chuva e a resalga, comenta Othon com alguma mágoa.

É que as pinturas do molhe são para ele retalhos de memória e inspiração para o trabalho de artífice.

Viligante de hospital morre electrocutado

Um dos dois homens que a empresa «Ronda» (prevenção, vigilância e segurança) mantém em serviço no Hospital Central de Coimbra foi, na manhã de ontem encontrado morto na quinta que circunda os blocos hospitalares.

O cadáver de Manuel Fernandes Nobre Montez, 26 anos, residente na Granja do Ulmeiro (Soure) foi removido da zona agrícola da Quinta dos Covões para o Instituto de Medicina Legal.

O responsável da delegação da «Ronda» em Coimbra não confirmou nem desmentiu a versão corrente de que o seu agente tenha morrido electrocutado, limitando-se a dizer que «a Polícia Judiciária está a investigar o caso».

Porém e segundo fonte da PJ, presume-se que Manuel Montez teria tentado apoderar-se de umas couves, que por sua vez o proprietário procurara proteger electrificando a vedação do quintal.

O arrendatário do quintal está referenciado pela Polícia Judiciária de Coimbra.

Restrição de verbas afecta segurança nas praias

Vários planos de melhoria da segurança nas praias correm o risco de não serem postos em prática devido a falta de dotação orçamental — disse à Anop um porta-voz da Capitania do Douro.

O mesmo informador adiantou que as autoridades da Marinha a quem compete a segurança das praias, «continuam a intervir junto dos órgãos centrais no sentido de inverter esta situação».

O porta-voz da Capitania do Douro disse que apesar das limitações orçamentais, as praias integradas na área de jurisdição da capitania dispõem este ano de dois nadadores-salvadores, mais um do que durante a época balnear de 1985.

Os Bombeiros Voluntários do Porto colaboram na segurança das praias, designadamente nos feriados e nos fins-de-semana, colocando de prevenção piquetes munidos de barcos de borracha e de ambulâncias.



Selos fiscais falsos de novo em foco

A Polícia Judiciária apreendeu recentemente selos fiscais falsos de 500 e 1000 escudos, num montante superior a 5000 contos — anunciou o Gabinete de Imprensa daquela Polícia.

«Alguns selos desse tipo, cuja falsificação é de bom nível, já tinham sido vendidos ao público em dois estabelecimentos comerciais, sendo de salientar que 200 contos em selos de 1000 escudos foram apreendidos a um funcionário bancário, no seu local de tra-

balho», sublinhou o mesmo gabinete.

Na sequência de investigações vieram a ser apreendidos, num estabelecimento comercial da zona do Arco do Cego, selos fiscais nas mesmas circunstâncias, bem como objectos de contrabando, entre eles tabaco, relógios e isqueiros, e de furtos (nos quais se incluem uma máquina registadora, uma pistola, um emissor-receptor portátil. (walkie-talkie), uma máquina fotográfica, auto-rádios e outros.

Charanga da GNR actua amanhã em Londres

A charanga da Guarda Nacional Republicana fez ontem o seu primeiro ensaio para o espectáculo do «Royal Tournament» que tem início na noite de amanhã e a que assistirão pelo menos 10 mil pessoas.

Os 28 cavalos lusitanos da

charanga tiveram o seu treino de adaptação ao recinto, a arena de Earls Court, tendo a charanga feito primeiro o reconhecimento sem música e depois ensaio completo.

O programa de actuação terá 14 minutos, durante os quais a

charanga da GNR exibirá os seus dotes únicos, acompanhada por luzes programadas por computador, num festival que será presidido pelo príncipe André.

A charanga vai ainda exibir-se, dias mais tarde, para a Rainha Isabel II.

Mário Castrim



Meu caro senhor — Desculpe vir tomar-lhe algum do seu precioso tempo. Se o faço é somente por conhecer o seu amor pela justiça e pelas causas nobres. «Escreva-lhe um pobre bife de vaca ofendido nos seus brios e nos seus pergaminhos, sei lá se em favor de algumas carnes que por aí andam, as simplórias de umas carnes verdes que mo fazem lembrar Bocage: São verdes, não prestam/só cães as podem tragar...» «Trata-se do seguinte: o telejornal deu notícia desenvolvida de umas centenas de toneladas de carne bovina, armazenada desde 1979, só agora mandada para o desperdício. «Contaram a minha história desde pequenina. Desde a minha partida da África do Sul, até à minha chegada a Lisboa. Não esqueceram nada, nem a inspecção sanitária, nem o conflito judicial com o vendedor, nem os trâmites comerciais da situação. «Não esqueceram nada a meu respeito, porque a respeito da política de certas importações, nada foi dito. Talvez porque algumas políticas são mais podres do que algumas carnes...» «Mas enfim, não me quero meter por esses caminhos agora. O que eu quero é protestar contra a forma como me trataram. «Eu não sou um bife qualquer. Eu tenho história, fidalguia, classe. «Sou uma carne viajada, conhecedora do mundo e da vida. «Não sou como a desses bovinos que por aí ruminam a relvinha salaio dos seus quintais. «Nenhum bife, desses que andam por aí à venda nos talhos do privilégio, nenhum pode apresentar currículo igual ao meu: sou de raça esmerada, fui criada nas planícies verdejantes da União Sul Africana e possuo, cousa de que mais ninguém, em todo o mundo, pode orgulhar-se: um armazenamento em câmara frigorífica na ordem dos sete anos!!!» «Porquê não entro no consumo das populações, desejo que todo o bife alimenta? Dizem que é por estar podre...» «Lérias. Trata-se de discriminação. Por estar podre? Tá bem, tá! Conheço muita carne, anterior ao 25 barra 4, que anda por aí toda lampeira. E no entanto, está muito mais podre do que eu...»

Chamas dominadas em Castelo Branco e Mirandela

Só na última quinzena de Junho houve mais de 500 incêndios

● GNR deteve madeireiro suspeito de ter contribuído para o fogo da Guarda

O número de incêndios em matas e florestas registados em Portugal nos últimos quinze dias de Junho ultrapassou as cinco centenas, de acordo com os números divulgados pelas Inspeções Regionais dos Bombeiros das regiões Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve. Entretanto, as chamas que desde ontem consumiam áreas de floresta em Castelo Branco e Mirandela foram declaradas extintas, enquanto que a GNR deteve um madeireiro suspeito de ter contribuído para o incêndio que destruiu 170 hectares de matas em Gonçalo, concelho da Guarda.

O número de incêndios ocorridos em matas e florestas nas regiões Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Algarve durante os últimos 15 dias do passado mês de Junho foi de 569, segundo os números divulgados pelas Inspeções Regionais de Bombeiros.

De acordo com aquelas estatísticas, a região de Lisboa e Vale do Tejo foi a que registou durante a segunda quinzena de Junho o maior número de incêndios, com 321 ocorrências, seguindo-se-lhe a região Norte, com 131 incêndios, enquanto que as regiões Centro e do Algarve foram as que tiveram menor incidência de fogo, naquel período com, respectivamente, 60 e 57 fogos.

Chamas dominadas em Castelo Branco
O incêndio que desde a tarde de ontem consumiu uma grande área de mata e pinhal na zona de Grade, em Castelo Branco, foi considerado extinto durante a noite, mas os bombeiros, segundo o «DL» apurou, ainda permaneciam no local ao meio da manhã de hoje para evitar que pequenos focos de incêndio se propaguem de novo.

O sinistro, cuja origem ainda não foi determinada, deflagrou ontem pouco depois das 16 horas no Cabeço da Lousã, perto de Grade, no limite dos concelhos de Castelo Branco com Oleiros, e foi combatido por mais de 70 homens das corporações

de Castelo Branco, Oleiros, Vila Velha do Rodão e Proença-a-Nova.

O combate às chamas foi dificultado pelos acessos, facto que também determinou que os «soldados da Paz» se mantivessem no local para extinguirem eventuais pequenos focos que venham a reacender-se.

Entretanto, os três incêndios que deflagraram durante o dia de ontem na região de Mirandela foram considerados extintos ao meio da tarde.

A Serra do Faro, no Cação, a zona de Eixes e algumas florestas junto da Estrada Nacional 15 foram os locais afectados pelas chamas, as quais não atingiram grandes proporções devido à pronta intervenção de populares e bombeiros.

A GNR de Mirandela deteve para averiguações um jovem que terá sido o autor de um daqueles incêndios, não tendo sido divulgada a sua identidade.

Madeireiro detido pela GNR

Um indivíduo suspeito de ter contribuído para o desenvolvimento do incêndio que durante o fim-de-semana assolou a zona de Gonçalo, no concelho da Guarda, e que destruiu 170 hectares, foi ontem presente ao Juiz de Instrução Criminal da Guarda após ter sido detido pela Guarda Nacional Republicana.

Quando procediam a acções de extinção do fogo, os

bombeiros de Belmonte localizaram Carlos Manuel Trindade Cardoso, de 22 anos, madeireiro, natural e residente em Lagares da Beira, Oliveira do Hospital, que lançava no fogo madeira não queimada. Face a este facto, foi solicitada a presença de uma patrulha da GNR que procedeu de imediato à sua detenção. Presente ao Juiz de

Instrução Criminal da Guarda, Carlos Manuel aguarda em liberdade a organização do julgamento, segundo informou ao «DL» uma fonte da GNR de Gonçalo.

Um indivíduo menor, que foi também detido quando alimentava o fogo, encontra-se detido no Estabelecimento Prisional da Guarda.

Entretanto, de acordo com

comunicado hoje divulgado pelo Comando-Geral da Guarda Nacional Republicana, a GNR deteve nos últimos dias alguns indivíduos em várias regiões do País acusados de terem atcado incêndios.

O primeiro caso passou-se na região de Setúbal, quando um bombeiro entregou à Guarda um indivíduo de ape-

lido Almeida, de 17 anos, suspeito de ter lançado fogo a uma mata situada no Alto da Guerra. Na região de Proença-a-Nova, de acordo

com o comunicado, foi detido e apresentado em tribunal, um indivíduo de 31 anos, que ateou fogo a uma zona de mato e pinhal em Sobreira Formosa.

380 contos*

até 31. Julho

* é o preço de um Computador Profissional CAF Compatível Modelo College III com 20 MB que a CMC (Portugal) lhe oferece em troca do seu equipamento usado



Veja nos Concessionários:

- COIMBRA - MI-MICROINFORMÁTICA, LDA.
- ÉVORA - MICROTRÓNICA
- LOUSÃ - V. CORREIA + L. CORREIA
- PONTA DELGADA - GIA - GABINETE DE ESTUDOS E INFORMÁTICA DOS AÇORES, LDA.
- QUELUZ - CONTA ALPHA
- S. JOÃO DO ESTORIL - ESTORILMÁTICA
- SINES - DIGITAL SUL, LDA.
- VILA DO CONDE - HARD-SOFT-INFORMÁTICA E GESTÃO, LDA - Tel. 63 18 63



Rua Sanches Coelho, 2 1600 LISBOA Telef. 777012/770661

CMC
PORTUGAL

Incêndio em Caxias

Um incêndio, cuja origem é ainda desconhecida, que deflagrou ontem à tarde numa oficina de reparações de automóveis na Rua Direita, em Caxias, provocou elevados danos materiais. As chamas foram extintas pelos bombeiros Voluntários de Paço de Arcos que acorreram prontamente ao local.

Câmara de Santo Tirso instala posto de vigia

A Câmara Municipal de Santo Tirso, com o apoio da Direcção-Geral das Florestas e das corporações de bombeiros vai levar a efeito até 15 do corrente a construção de um posto de vigia contra incêndios, a ser colocado no Monte de Costouras.

De acordo com um comunicado da edilidade, daquele local é praticamente visível toda a área florestal do concelho e zonas limítrofes, especialmente a área do Monte da Nossa Senhora de Assunção.

O posto será dotado de meios rádio de longo alcance e aparelhagem de visionamento de toda a área o que, em caso de sinistro, permitirá a pronta intervenção dos piquetes permanentes de bombeiros.

Dia da Marinha em terra

A Armada Portuguesa, com uma área de 1,7 milhões de quilómetros quadrados de mar sob a sua responsabilidade, comemora hoje, em terra, na Figueira da Foz, o seu dia.

A Marinha de Guerra Portuguesa, com um efectivo de cerca de 14 000 homens e 62 unidades navais comemora pela segunda vez consecutiva o seu dia em terra, já que devido à austeridade não se realiza o tradicional desfile naval.

A escolha da Figueira da Foz, a exemplo do ocorrido quando da realização das cerimónias principais de anteriores realizações do Dia da Marinha, insere-se na orientação descentralizadora que vem sendo prosseguida nos últimos anos, apesar das limitações de ordem financeira actualmente existentes.

Sem a tradicional espectacularidade do desfile naval, a Marinha vai comemorar o seu dia coincidindo com a data do aniversário da partida da primeira armada de Vasco da Gama para a Índia.

O ministro da Defesa Nacional, Leonardo Ribeiro de Almeida, presidirá às cerimónias

principais das comemorações do Dia da Marinha.

Estas comemorações englobam, entre outras manifestações, uma missa por alma dos oficiais, sargentos e praças da Marinha.

Uma cerimónia militar junto à Câmara Municipal, a entrega do terreno para as futuras instalações da Capitania do Porto da Figueira da Foz são outras manifestações programadas, para além da inauguração da exposição de cartografia e navegação na Sala de Exposições do Casino Peninsular e um concerto pela Banda da Armada.

Como em anos anteriores, as comemorações do Dia da Marinha, iniciadas a 2 de Julho, manterão o seu carácter nacional.

Outras realizações desportivas e culturais terão lugar no Funchal, Machico, Horta, Leixões, Lagos, Lisboa, Ponta Delgada, Portimão, Setúbal e Tavira.

A Marinha de Guerra Portuguesa com um efectivo de cerca de 14 mil homens, integra cerca de 6000 funcionários civis e militares, trabalhando 3 mil no Arsenal do Alfeite, ou seja, no Estaleiro de Construção e Reparação Naval.

Dispõe, actualmente, de 62 unidades nomeadamente 7 fragatas, 10 corvetas, 10 patrulhas, 8 lanchas de fiscalização, 4 draga-minas, 3 submarinos e 3 veleiros, além de outras embarcações.

A Marinha tem como missões fundamentais o exercício da autoridade marítima no mar nacional, a protecção das linhas de comunicação marítima (por onde se exerce 90 por cento do comércio nacional), e a colaboração com outros ramos das Forças Armadas na defesa do território nacional.

A satisfação, no âmbito naval, dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, a protecção da vida humana no mar, a protecção à frota pesqueira nacional e o rastreio e controlo da poluição do mar,

são algumas das muitas missões que estão atribuídas actualmente à Armada.

Desde 1969

O Dia da Marinha foi estipulado pelo Despacho Ministerial Número 89, de 12 de Setembro de 1969, indicando que o aniversário «passa a ser comemorado anualmente no dia 8 de Julho, data da largada do Tejo da armada de Vasco da Gama para o descobrimento do caminho marítimo para a Índia».

Historiando a «condição marítima» portuguesa como razão para a determinação das «suas grandes linhas diplomáticas», o Estado-Maior da Armada indica que, «quando nos fins do século XVI se reconheceu a impossibilidade de dominar o mar», a política externa estatal «procurou a aliança bilateral, o acordo regional ou a coligação com nações de grande poderio marítimo na área de interesses para o País».

«É na continuação dessa tradição histórica que Portugal se incluiu nos membros fundado-

res da Aliança Atlântica», explica.

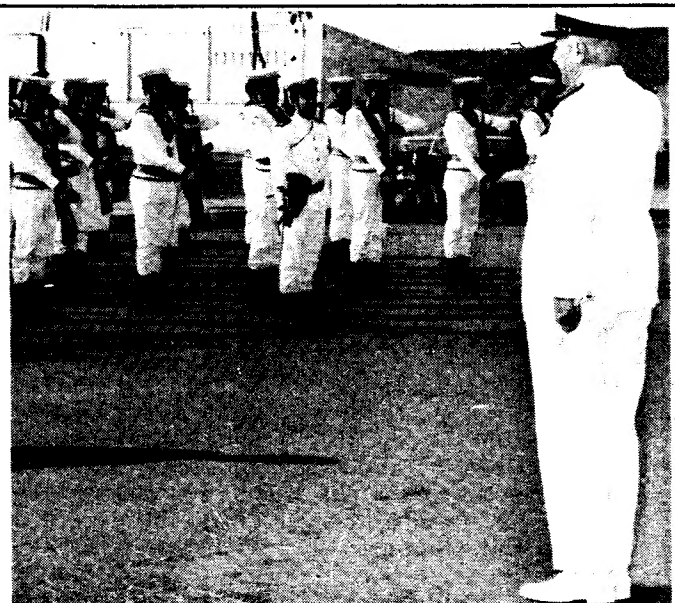
O mar português é para a NATO, segundo o Estado-Maior da Armada, «de um alto valor estratégico», sendo assim, frisa «a neutralização ou ocupação de qualquer das componentes territoriais portuguesas significará perda de importantes capacidades militares» para aquela organização militar.

O mar é ainda essencial para a economia nacional, pois, de acordo com o Estado-Maior da Armada, «cerca de 96 por cento das importações portuguesas são transportadas por mar e,

praticamente todo o comércio nacional interno, entre Continente e ilhas, utiliza a via marítima».

Na actualidade, a Marinha dispõe de um total de 15 090 militares, sendo 1704 oficiais e 2974 sargentos. Cerca de 5200 praças estão a cumprir o serviço militar obrigatório, dos quais 4014 estão em serviço activo e 1176 em escolas de formação.

Em estabelecimentos fabris da Marinha trabalham 3201 pessoas, civis e militarizados, estando ainda empregados, como civis, 1600 pessoas em repartições dependentes da Armada.



Universidade Livre

LISBOA E PORTO

UL

SECÇÃO DE LISBOA

ATÉ 15 DE JULHO 1986

**INSCRIÇÕES PARA EXAMES DE SERIAÇÃO
PARA ADMISSÃO AOS 1.º ANOS**

LICENCIATURAS EM:

- DIREITO
- ESTUDOS PORTUGUESES
- LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS
- CIÊNCIAS HISTÓRICAS
- ECONOMIA
- GESTÃO
- MATEMÁTICAS APLICADAS E MATEMÁTICAS MODERNAS.

**INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS NA SECRETARIA
DA UNIVERSIDADE**

RUA VÍTOR CORDON, 45 — 1200 LISBOA
Telefones: 36 88 37 - 37 17 22/23/83 - 37 37 71/72

Problemas mantêm-se como antes

Torres Novas: não se vêem benefícios de ser cidade

Torres Novas é cidade há um ano. Apesar dessa mudança, os problemas são os mesmos. Alterou-se a sua categoria administrativa, não mudaram os problemas. Ou melhor, um ano após a sua elevação a cidade, Torres Novas «não teve benefícios materiais com a mudança», disse o presidente da Câmara Municipal.

No seu terceiro mandato à frente da autarquia torrejana, cujas comemorações do 1.º ano de elevação a cidade se prolongam até ao fim do mês, Casimiro Pereira frisou que «os benefícios deram-se mais em termos de projecção para o exterior».

Torres Novas, que hoje comemora, de facto, na data certa, o primeiro dia da sua elevação a cidade, «num dia de trabalho», é, segundo o seu presidente, um concelho que tem a sua principal actividade económica centrada na indústria e serviços. No entanto, referiu Casimiro Pereira, que «a agricultura ocupa hoje 30 por cento das pessoas do concelho».

A elevação a cidade «conduziu a uma maior atenção por parte dos investidores e, até, eventualmente, do Poder Central», frisou o edil.

Torres Novas é um Município com cerca de 39 mil habitantes, 14 mil dos quais vivendo no interior da cidade, e tem sido gerida por autarcas do PSD.

Casimiro Pereira disse à Anop que «tanto a Câmara como a maioria das Juntas foram eleitas em listas do PSD, mas em termos legislativos a principal força tem sido o PS».

A passagem do primeiro aniversário da elevação a cidade foi celebrada hoje com uma sessão solene presidida pelo governador civil de Santarém, à qual assistiu o bispo desta cidade.

Cerca das oito horas de hoje uma alvorada, seguida do içar da bandeira, com a presença de forças da Escola Prática da Polícia, sediada em Torres Novas, da Banda Operária Torrejana e dos Bombeiros Voluntários.

A cidade, cujo foral foi dado em 1190 por Sancho I, possui um magnífico castelo afonsino, cuja construção se prevê ter sido iniciada no século XII.

Famalicão também é cidade há um ano

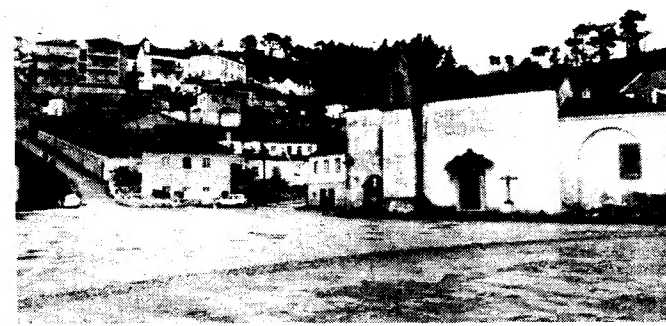
A Câmara Municipal e a Casa de Cultura de Vila Nova de Famalicão promovem sexta-feira e sábado actos comemorativos do primeiro aniversário da elevação daquela localidade a cidade.

Na sexta-feira (dia 11) realiza-se na Fundação Cupertino de Miranda um recital de canto e piano com a participação de Adelaide Padrão, Vítor Paiva e Josefina Palaniccini.

No dia seguinte efectua-se, à tarde, no salão nobre da Câmara Municipal, uma sessão solene. Nesta sessão serão atribuídas medalhas de honra para o concelho, de mérito cultural e bons serviços ao eng. Pinheiro Braga, a título póstumo, a Jorge Reis, Aurélio Fernando e Germano Augusto Rebelo.

Ainda no sábado, realizam-se mais duas manifestações musicais com a actuação, na Rotunda Primeiro de Maio, de três ranchos folclóricos e da banda musical de Riba de Ave.

Vila Nova de Famalicão, que teve a sua primeira carta foral em 1 Julho de 1205, passou a concelho em 1835 e foi elevada a cidade em 8 de Julho de 1985.



Secretário de Estado propõe aproveitamento da Estrela

O secretário de Estado do Turismo disse em Gouveia que a política do sector tem que ser selectiva e corresponder às exigências e vocações específicas das regiões. Licínio Cunha acrescentou, durante a inauguração de um hotel naquela vila, que só naqueles termos será dado conteúdo à referida política e possibilidade de, «efectivamente, responder às motivações das correntes turísticas».

A nível regional, e referindo-se à zona da serra da Estrela, — a que o «DL» se referiu já este ano — defendeu a necessidade de fixar, pelo menos, 10 por cento dos turistas que entram em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso.

Licínio Cunha acentuou que a fixação daquele fluxo turístico à região poderia possibilitar a construção de cinco hotéis, considerando que a serra da Estrela possui potencialidades turísticas ainda não aproveitadas. Sublinhou que o turismo pode contribuir para o desenvolvimento regional.

O secretário de Estado do Turismo referiu, ainda, ser necessário promover o serviço de qualidade turística e o aproveitamento das estruturas existentes. Aludiu à criação de eixos de desenvolvimento turístico e à existência de quatro regiões de turismo que afirmou, são tratados «de igual modo» e podem, na sua óptica, contribuir para o desenvolvimento das regiões.

O secretário de Estado do Turismo anunciou a criação de estímulos de ordem financeira, através de linhas de crédito para

beneficiar iniciativas turísticas regionais.

«Essas linhas de crédito permitem que as iniciativas que se desenvolvam nestas áreas tenham acesso ao crédito em condições bastante mais favoráveis do que no passado, em relação a outras zonas» — acrescentou Licínio Cunha.

Os instrumentos financeiros agora criados, segundo disse, em termos de prazos e em termos de taxa de juro, são «bastante estimulantes e bastante mais incentivadoras».

Aproveitamento de linhas da CP

Este membro do Governo anunciou também que está em preparação um sistema de incentivos de base regional, «um apoio que se traduzirá na concessão de subsídios a fundo perdido para determinado tipo de iniciativas».

Os esquemas a apoiar, em termos de realizações, vão ser avaliados em função da sua inserção regional e do tipo de equipamento que pretendem desenvolver — afirmou.

Licínio Cunha defendeu a necessidade de ser estimulado o turismo interno, facto que justificou pela criação de acções de turismo de habitação, turismo rural e agroturismo. As regiões mais carecidas, que possuem potencialidades para o desenvolvimento turístico, vão beneficiar de apoios «mais acentuados e favoráveis».

As novas modalidades de turismo, já criadas oficialmente, permitem, na opinião deste secretário de Estado, que a generalidade da população portuguesa tenha acesso «aos benefícios do turismo».

O secretário de Estado do Turismo afirmou, por outro lado, que as iniciativas turísticas que surjam nas áreas não englobadas nos pólos de desenvolvimento turístico ou nos eixos criados oficialmente vão ser objecto de apoios pontuais.

Sobre o aproveitamento das linhas de caminho-de-ferro para fins turísticos, Licínio Cunha disse ser uma competência da Secretaria de Estado dos Transportes e da CP — Caminhos-de-Ferro Portugueses.

Considerou, entretanto, que as linhas do Vale do Vouga, do Corgo e do Tua, de acordo com o Plano Nacional de Turismo, possuem possibilidades de aproveitamento turístico bastante significativo em relação às quais existe uma procura internacional de bastante importância.

Primeira conferência europeia começa hoje

Não controlamos o cancro profissional'

Portugal vive num regime de «anarquia total» relativamente ao cancro profissional, sem qualquer diagnóstico da doença ou controlo da produção e manuseamento dos produtos químicos cancerígenos, afirmou o médico Joaquim Arenga.

Aquele especialista falava a propósito da primeira Conferência Europeia do Cancro Profissional que hoje começa em Lisboa e reúne especialistas de 22 países, da qual é um dos promotores.

Durante a Conferência, que termina amanhã vão discutir-se várias questões relacionadas com o cancro profissional, doença considerada por Joa-

quim Arenga como «um autêntico flagelo do mundo e particularmente da Europa, continente que não dispõe ainda de normas de prevenção e controlo» desta enfermidade.

A conferência é promovida pelo Conselho Económico e Social da CEE e é justificada pelo facto de não existirem na Comunidade, ainda, normas sobre esta matéria.

A propósito, o mesmo clínico salientou que Portugal e a Grécia «vivem numa completa anarquia», porque não se faz qualquer diagnóstico da doença nestes países e porque os produtos químicos cancerígenos são produzidos e manuseados de «um modo livre e indiscriminado».

«É necessário diminuir os riscos que advêm da exposição a esses produtos no trabalho, através do estabelecimento de regras rigorosas de prevenção da doença e controlo do fabrico de produtos considerados cancerígenos», defendeu.



IN FESTA DE TEATRO DE ALMADA

PÁTIO DO PRIOR DO CRATO-ALMADA VELHA

8 A 23 JULHO 1986

TERÇA 8	21,45h—GEORGE DANDIN, de Molière. COMP. TEATRO DE ALMADA. ENC. Joaquim Benite com Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, etc.	
QUARTA 9	18h—BOM DIA PALHAÇO, de Carlos Pinhão COMP. TEATRO DE ALMADA (para a infância)	21,45h—O MORGADO DE FAFE EM LISBOA, de C.C. Branco I.EATRO NACIONAL. ENC. Ruy de Matos, com Varela Silva no Protagonista
QUINTA 10	21,45h—CORO DA ACADEMIA DE AMADORES DE MÚSICA, dirigido por Fernando Lopes Graça	
SEXTA 11	22,45h—CALAMITY JANE, de Helder Costa A BARRACA com Maria do Céu Guerra	SÁBADO 12 21,45h—UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO A BARRACA, ENC. Helder Costa
DOMINGO 13	21,45h—O GATO MALHADO E A ANDORINHA SINHA, de Jorge Amado TAI—Teatro Amador de Intervenção (Porto), ENC. José Caldas	16h—JOSEPH K, de Kafka GRUPO CÉNICO DE DIREITO. ENC. Alberto Lopes
SEGUNDA 14	21,45h—AUTO DA ÍNDIA, de Gil Vicente TEATRO LABORATÓRIO DE FARO. ENC. Isabel Pereira e João Soromenho	
TERÇA 15	21,45h—FARSA DE INÉS PEREIRA, de Gil Vicente. CENTRO CULTURAL DE ÉVORA. ENC. José Peixoto	QUARTA 16 21,45h— COMÉDIA DOS ANFITRIÕES, de Camões TEATRO EXPERIMENTAL DE LEIRIA. ENC. José Valentim Lemos
QUINTA 17	21,45h—A ILHA DOS ESCRAVOS, de Marivaux Grupo BORDA D'ÁGUA (Chamusca). ENC. Joaquim Benite	SEXTA 18 21,45h—MÁRIO GIN TÓNICO. TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO com Mário Viegas 24h—HAPPENING DE DANÇA MODERNA
SÁBADO 19	21,45h—D. QUIXOTE, de António José da Silva MARIONETAS DE S. LOURENÇO	17h—CONCERTO DE MÚSICA DE CÂMARA, com Madalena Sá Pessoa, Pimenta de Magalhães, Luis Sá Pessoa e Celeste Amorim
DOMINGO 20	10,30h—CONCERTO BANDA DA A.I.R.F.A. dirigida pelo Maestro Filipe da Conceição 21,45h—COMANDO PARA A MORTE, de A. Sastre. GOIA. ENC. João Barros	15,30h—CONCERTO BANDA DA SOCIEDADE MUSICAL CAPRICHOS DE TUBALENSE, dirigida pelo Maestro Ferrer Trindade
SEGUNDA 21	21,45h—CORCUNDA POR AMOR, de A. Garrett TEATRO (Porto). ENC. Castro Guedes	TERÇA 22 21,45h O REI DA VELA, de Oswald de Andrade Grupo da GUILHERME COSSOUL. ENC. Hermínio Fernandes
QUARTA 23	21,45h—D. AFONSO DE HENRIQUES. O BANDO. ENC. João Brites	

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA-GRUPO DE CAMPOLIDE

Professores no estrangeiro

Fenprof diz que apresentará queixa à Comissão da CEE

A Federação Nacional de Professores (Fenprof) e o Sindicato dos Professores na Europa (SPE) apresentarão queixa junto da CEE se não for resolvida a situação de professores que têm dado aulas no estrangeiro.

O Secretariado Nacional da Federação diz em comunicado que se não for encontrada uma solução para a questão dos professores que o Ministério «tem teimosamente insistido em remeter para o desleixo no próximo ano lectivo», será apresentada queixa à Comissão dos Direitos do Homem da CEE.

O texto divulgado pela Federação diz que para muitos dos professores «configura-se, cada vez mais certa, a hipótese de expulsão dos países onde durante muitos anos foram, com muito mérito, veículos de difusão da língua e da cultura portu-

guesa».

O comunicado da Federação segue-se a uma conferência de Imprensa, em que as Secretarias de Estado do Ensino Básico e Secundário e a das Comunidades Portuguesas divulgaram um protocolo de cooperação sobre o funcionamento e articulação das estruturas de ensino e diplomáticas.

Um elemento do Ministério da Educação disse à Anop que foi, este ano, criado concurso para leccionar no estrangeiro e que as dificuldades a que a Federação se refere têm a ver com pessoas que, apesar de anteriormente terem leccionado, não têm habilitação para o continuar a fazer.

Ficaram excluídas 16 pessoas por não terem habilitação para leccionar, cinco das quais não possuem título de estado nesses países.

Outras 15 pessoas, não tendo habilitação própria para leccionar, mas possuindo outro tipo de habilitações, terão tarefas de carácter sociocultural», explicou o elemento do Ministério.

Até agora, os professores colocados junto de comunidades de emigrantes «eram anualmente recontratados», mas «não tinham qualquer vínculo», disse aquele elemento do Ministério.

No comunicado, a Fenprof considera positiva a solução encontrada para os 15 indivíduos que agora se dedicarão a tarefas de carácter sociocultural entendendo que «se impõe, agora, por maioria de razões, solucionar também a situação dos restantes docentes».

A Federação afirma também que vai prosseguir os contactos que «frutuosamente» tem mantido com a Presidência da República e a Assembleia da República.

Greve dos bancários amanhã e depois

Uma diferença de cinco pontos entre o que pedem os Sindicatos (18 por cento de aumentos salariais) e o que oferece o patronato (13 por cento) está na origem da greve que leva o encerramento dos bancos na quarta e quinta-feira, dias 9 e 10 do corrente.

Os representantes dos Sindicatos do sector explicaram, ontem, em conferência de Imprensa, que «a greve é a única alternativa que se coloca aos bancários para exigir uma maior flexibilidade do patronato nas negociações».

«A estabilidade e a paz social que têm existido no sector — afirmam — são fruto do grande sentido de responsabilidade e da plena consciência que trabalhadores e sindicatos têm do papel que cabe à banca no processo de desenvolvimento económico e social do país».

Os representantes dos trabalhadores afirmaram que «nunca os bancários reclamaram para si aumentos salariais ou encargos para as instituições de crédito que não se situassem na percentagem equilibrada com o verificado noutros sectores ou outras empresas públicas».

Os representantes sindicais dos bancários dizem não ser justificável querer «impor aos bancários uma tabela de 13 por cento quando recentemente empresas públicas negociaram tabelas salariais de valor superior».

Autocarros não circularam

Rodoviária repete paralisações na quinta-feira e no sábado

A Rodoviária Nacional iniciou hoje, em horários diversificados, consoante os sectores da actividade, uma nova semana de greves, que paralisou a circulação de autocarros até às 10 e 30, o que se repetirá na quinta-feira e no sábado.

A questão é similar à dos bancários: desencontro entre as posições sindicais e patronais quanto à nova tabela de salários que está em negociação.

Segundo os sindicatos, o Conselho de Gerência da empresa mantém a proposta inicial que aponta para uma actualização de 14,5 por cento na tabela salarial contra a vontade dos sindicatos de obterem uma actualização entre 18,5 e 20,5 por cento.

Os representantes dos trabalhadores reivindicam uma actualização salarial não inferior à conseguida em outras empresas do sector (Carris e Metro).

A RN emprega cerca de 13 mil trabalhadores que estão a cumprir paralisações desde a área das oficinas e manutenção até ao sector de passageiros, passando pelos serviços administrativos e pelos centros de mercadorias.

Centrel não paga subsídios de férias

Os trabalhadores da Centrel Automática Eléctrica Portuguesa (CAEP) que entraram de férias este mês ainda não receberam o respectivo subsídio, afirma o Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas. Segundo a mesma fonte, a administração da Centrel informou os trabalhadores das unidades de Cabo Ruivo, Prior Velho e Corroios de que os subsídios não seriam pagos, «sem adiantar qualquer explicação».

A fábrica da Quinta da Princesa, em Corroios, «encontra-se com a produção paralisada, por falta de matérias primas», acrescenta aquele sindicato. A situação da empresa será hoje discutida entre a administração e os representantes dos trabalhadores, estando marcados plenários do pessoal para amanhã à tarde.

A administração da Centrel está a tentar obter dos CTT/TLP o aumento dos preços dos produtos que lhe fornece, com vista a ultrapassar uma situação que considera de margem de exploração negativa com os actuais preços. A redução das encomendas de centrais telefónicas electromecânicas por parte dos CTT/TLP e as hesitações que têm rodeado o início do processo de digitalização da rede telefónica nacional têm sido apontadas pelo industrial Rocha de Matos como responsáveis da crise que a empresa atravessa.

Ibermoldes controla Aníbal H. Abrantes

O Grupo Ibermoldes comprou a posição maioritária que a Sociedade Financeira Portuguesa detinha na firma Aníbal H. Abrantes, a maior empresa portuguesa de moldes, anunciou a empresa adquirente.

«Com a aquisição da Aníbal H. Abrantes, o Grupo Ibermoldes torna-se o maior fabricante

mundial do sector de moldes», disse à agência NP um responsável da empresa.

O grupo já possuía, desde o ano passado, 20 por cento do capital social da Aníbal H. Abrantes, a primeira empresa portuguesa a produzir e a exportar moldes para a indústria de plástico.

Desta vez quer três empresas

Desmembramento da EPAC em estudo no Governo

O desmantelamento da EPAC, com a criação de três novas empresas deverá ser discutido hoje em Conselho de Ministros para os assuntos económicos. O executivo tem actualmente entre mãos um novo projecto de desmembramento, o qual prevê a criação de uma empresa trading, de uma outra destinada à exploração dos silos portuários e de uma terceira virada para os silos e armazéns da EPAC. Trata-se uma iniciativa do secretário de Estado da Alimentação, Amaro de Matos, que foi preparada em conjunto com o Conselho de Administração da EPAC e da qual a Comissão de Trabalhadores da empresa não teve, até agora, conhecimento oficial.

O projecto actual sucede a um outro em que o anterior Governo — com o mesmo Ministro da Agricultura, Alvaro Barreto — propunha a criação de quatro e não três empresas no lugar da EPAC. O documento de Amaro de Matos surge num momento em que se intensifica a ofensiva governamental contra aquela empresa pública, com o pretexto dos compromissos assumidos no tratado de adesão à CEE. Nas duas últimas semanas a empresa foi impedida por Alvaro Barreto de participar num concurso público de importação de cereais e, posteriormente, foi criado um subsídio aos agricultores que vendam o trigo directamente às moagens, com o objectivo de os afastar da EPAC. A Comissão de Trabalhadores tem estado a multiplicar os contactos com os diversos gru-

pos parlamentares, com vista a provocar um debate acerca da política do Governo em relação àquela empresa estratégica.

Capital privado

O projecto actualmente em discussão, segundo a Anop, prevê a criação imediata de uma empresa designada por Tradepac, que resultará da «junção da AGA (Administração Geral do Açúcar e do Alcool) com o departamento de importação da EPAC». Em alternativa, o responsável pela tutela da EPAC propõe a transferência da importação de cereais e da actividade de trading da AGA para a Tradingpor, uma sociedade anónima da capitais públicos já existente. Esta solução teria algumas vantagens, segundo aqueles membros do Governo, na medida em que, não sendo a Tradingpor uma empresa pública, ela «tem um direito evidente de aceder aos concursos de importação de cereais correspondentes à parte já liberalizada e a liberalizar progressivamente». Este direito, sublinha o documento, «é contestado pela Comissão das Comunidades à EPAC e na mesma base pode vir a ser contestado à AGA-EPAC». Curiosamente, referem algumas fontes da EPAC, «o Governo não procura fazer valer uma interpretação legítima do tratado de adesão segundo a qual a EPAC teria o direito de concorrer no mercado de importação em pé de igualdade com os privados, mas submete-se integralmente,

servindo-se até desse pretexto para justificar o seu desmembramento e reduzir o seu campo de actividade».

Significativamente, a tal Tradingpor poderia, de acordo com a proposta de Amaro de Matos, «vir facilmente a abrir o seu capital ao sector privado, sem transformação especificamente necessária para esse fim, até pela via de transacções em bolsa de valores». Ou seja: sem perigo de contestação da interpretação do tal artigo que veda (?) a participação da EPAC nos concursos de importação, cria-se uma empresa que aproveitará da sua experiência no sector e que «possa vir facilmente a abrir o seu capital ao sector privado».

As outras empresas previstas no documento são uma sociedade anónima de capitais mistos vocacionada para a exploração dos silos portuários da EPAC, a qual só começaria a operar quando o novo silo da Trafaria entrar em funcionamento, e uma empresa pública destinada à exploração dos silos e armazéns da EPAC. Esta última empresa deveria ser criada por forma a prever-se «a possibilidade de cedência de uso e mesmo de venda de alguns dos silos cuja exploração possa ser assumida pela lavoura», defende o secretário de Estado.

Aparentemente o projecto governamental não prevê nada em relação ao futuro do pessoal da EPAC e às suas competências em matéria de qualidade e de intervenção no mercado dos cereais.

Alerta da União dos Sindicatos de Faro

Condições de trabalho desumanas nas estufas algarvias

As condições de trabalho na generalidade das estufas do Algarve são deficientes e cada vez mais numerosos os testemunhos de trabalhadores referindo sintomas não enquadráveis nas patologias mais comuns.

O alerta foi dado pela União dos Sindicatos de Faro que se refere à existência de vários casos de doenças profissionais no sector, que provocaram incapacidade profissional e até pessoal.

Diz a União que estas doenças não têm vindo a ser notificadas, o que se deve em grande medida ao tipo de relação existente com os trabalhadores do ramo, na sua esmagadora maioria, homens ou mulheres ao dia, sem vínculo, ou regime de sazonalidade.

Os dirigentes sindicais afirmam que as condições de trabalho existentes na generalidade das estufas do Algarve têm vindo a degradar-se: 99 por cento das estufas são de construção artesanal sem condições de ventilação e com uma altura inferior a 3 metros.

Quanto aos trabalhadores, procedem às suas tarefas sem

qualquer protecção na aplicação de pesticidas, sem controlo dos períodos de repouso ou de permanência no interior das estufas e sem vigilância médica.

Este quadro é a justificação que a União dos Sindicatos de Faro apresenta para um crescimento do número de trabalhadores que apresentam já sintomas clínicos do foro respiratório, cardiovascular, neurológico, dermatológico e até endocrinológico.

Mulheres as mais atingidas

São, no entanto, as mulheres as mais atingidas pelas condições de trabalho descritas, diz a União.

A e duas trabalhadoras que consultaram o respectivo Sindicato para averiguarem dos seus direitos perante um caso de despedimento sem justa causa, nas palavras das operárias, «foi a estufa: a gente adoce na estufa e depois o patrão já não nos quer dar trabalho».

«No entanto — refere um rela-

tado da União dos Sindicatos de Faro, divulgado pela NP — daí a pouco tempo vieram as lágrimas cuja cor era rósea, como estupefactos verificaram os presentes, após ter sido recolhida uma amostra num pedaço de papel absorvente branco».

«A gente, as mulheres, ficamos assim depois de algum tempo de trabalho na estufa», afirmaram as trabalhadoras que, acrescentaram: «vem a doença e até parece que ficamos podres por dentro».

Os casos relacionados com as doenças contraídas nas estufas sucedem-se e os dirigentes sindicais relatam um outro caso detectado num plenário em Bela Mandil — Olhão. O representante do Sindicato manifestou surpresa por ter visto um trabalhador sem pernas a arrastar-se sobre cortiças, perguntou-lhe se havia tido um acidente e a resposta que pretendeu tranquilizá-lo foi pronta: «Não, graças a Deus, não tive nenhum desastre nem sou doente, isto foi da estufa».

Uma pequena ferida num dedo havia infectado devido aos pro-

Comunidade a apresentar

Os ministros do Orçamento da Comunidade Europeia chegaram esta madrugada, em Bruxelas, sobre um projecto de Orçamento para 1986.

Fizeram-no depois de 12 horas de negociações. Os países membros contrariam a proposta de Orçamento necessário proceder a laboriosas negociações.

Os ministros adoptaram, praticamente, as propostas que lhes haviam sido submetidas pela Comissão Europeia e entretanto aceites pelo Parlamento Europeu, naquilo que abre boas perspectivas para a concertação que decorrerá quarta-feira em Estrasburgo entre as duas autoridades orçamentais da Comunidade Europeia. O texto orçamental será votado quinta-feira no Parlamento Europeu, segundo informa a NP, de Bruxelas.

Satisfazendo sobretudo as pretensões da República Federal da Alemanha e da França, o Conselho decidiu conceder 1100 milhões de ECU em despesas suplementares do domínio agrícola — para fazer face à evolução entretanto registada do dólar — mais 184,7 milhões de ECU relativamente

FMI está no Mar

Uma delegação de alto nível do Fundo Monetário Internacional iniciou ontem, em Maputo, uma sessão de negociações com as autoridades moçambicanas para concluir um acordo sobre a prestação de au-

dação financeira.

Uma delegação de alto nível do Fundo Monetário Internacional iniciou ontem, em Maputo, uma sessão de negociações com as autoridades moçambicanas para concluir um acordo sobre a prestação de au-

dação financeira.

A CGTP-Intersindical já manifestou a sua intenção de de-

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

monstrar a sua oposição.

idade de acordo sobre o Orçamento entar ao Parlamento Europeu

nento da Comunidade Europeia
gada, em Bruxelas, a acordo
Orçamento comunitário para o

12 horas de uma maratona que
os contribuintes líquidos aos que
estruturais e durante a qual foi
laboriosas negociações.

te aquilo que fora proposto
pela Comissão Europeia.

Satisfazendo parcialmente
as exigências dos países que,
como a Itália, Irlanda, Grécia,
Portugal e Espanha, benefi-
ciam dos fundos estruturais, o
Conselho decidiu atribuir-lhes
645 milhões de ECU, em com-
paração com os 750 milhões de
ECU propostos pela Comis-
são Europeia.

Esse resultado, relativa-
mente às propostas da Comis-
são, é obtido com a aceitação
de uma despesa suplementar
respectivamente de 500 mil-
hões de ECU e de 150 mil-
hões de ECU para os fundos
Social e Regional, embora
com uma redução de 105 mil-
hões no Fundo Europeu de
Orientação e Garantia Agrí-
cola, secção Orientação.

O balanço das orientações

seguidas nos domínios agríco-
la e dos fundos estruturais foi,
por outro lado, conseguido à
custa de uma redução de 120
milhões de ECU de outras
despesas não obrigatórias que
não relacionadas com os fun-
dos estruturais, da qual ficou
excluído o programa especial
de desenvolvimento da agri-
cultura portuguesa.

Tendo em atenção que o au-
mento das dotações atribuídas
aos fundos estruturais permi-
te, de acordo com a Comissão
Europeia, geri-los embora
com o adiamento de despesas
para o próximo ano, o Conse-
lho decidiu conceder um trata-
mento especial a Portugal e
Espanha que, designadamen-
te no caso deste último país,
possa evitar qualquer even-
tualidade de uma sua situação
de contribuição líquida para o
Orçamento comunitário.

Nesse sentido, ficou assente
que ambos os países beneficia-
rão este ano de um avanço de
50 por cento do valor dos cré-
ditos aprovados pela Comis-
são Europeia relativamente
aos projectos apresentados ao
financiamento por parte do

Fundo Regional, apesar de ser
de 30 a 40 por cento o valor
que normalmente é pago
como tal.

O acordo obtido, segundo
observadores referidos pelo
correspondente da NP, esgo-
tando praticamente os recur-
sos próprios da Comunidade
Europeia, permite que tenha
sucesso a concertação entre o
Conselho e o Parlamento Eu-
ropeu que vai votar na quinta-
feira em Estrasburgo, o novo
Orçamento.

**Rui Carp «mais positivo
do que esperado»**

O secretário de Estado por-
tuguês do Orçamento comen-
tou em Bruxelas como sendo
mais positivo do que por si es-
perado o acordo obtido esta
madrugada relativamente ao
Orçamento comunitário.

Rui Carp falava aos jorna-
listas no termo da maratona
dos ministros do Orçamento
da Comunidade Europeia re-
lativamente ao novo projecto
orçamental depois do Tribu-
nal de Justiça do Luxemburgo
ter anulado aquele que se en-
contrava em vigor.

«Depois de uma fase da dis-
cussão que chegou a ser preo-
cupante, tivemos que jogar
tudo para virar a situação»,
afirmou.

Acrescentou que a certa al-
tura do debate «todos os
acréscimos de dotações do
Fundo Regional seriam desti-
nados a Espanha», tendo sido
necessárias declarações portu-
guesas que considerou como
«muito incisivas».

Em resultado dessas decla-
rações, o Conselho aceitou
que também fosse garantido a
Portugal, para além da Espa-
nha, a possibilidade de usu-
fruir este ano de um avanço de
50 por cento sobre os créditos
aprovados pela Comissão Eu-
ropeia de projectos candidatos
ao Fundo Regional.

Rui Carp mostrou-se, por
outro lado, esperançado em
que as condições agora obti-
das possam permitir a Portu-
gal uma quase obtenção das
expectativas de recebimentos
por parte do Orçamento de
Estado em relação ao Fundo
Regional, no valor de 35 mil
milhões de escudos, aproxi-
madamente.

o Maputo com Frelimo reunida

xílio financeiro.

A delegação, constituída por
cinco membros e chefiada por
Shilendra Anjaria, manterá pelo
menos 10 dias de negociações
com os dirigentes moçambica-
nos, cuja delegação é chefiada

pelo ministro das Finanças,
Abdul Magid Osman.

A reunião decorre rodeada de
grande secretismo e numa altura
em que o Comité Central da
Frelimo, de 130 membros, está
reunido à porta fechada há pre-

cisamente uma semana.

Fontes oficiais disseram à
Anop que a reunião do Comité
Central tem decorrido com
grande polémica e entusiasmo,
sendo frequentes as críticas à
forma como os responsáveis

têm conduzido os destinos da
antiga colónia portuguesa.

A mesma fonte confirmou
que as autoridades moçambica-
nas deverão nos próximos dias
responder ao programa de recu-
peração e reajustamento

s algarvias

monstrar cientificamente a exis-
tência de enfermidades a que, em
seu entender, se poderá chamar
«doença das estufas de plástico»
e afirma que desenvolverá todos
os esforços para que tal doença

balho

operacional

algarvias factos graves para a saúde
do conhecidos, enquanto os salários
tos e o trabalho precário não cessam
acionalidade da Inspeção de Traba-
stá a ser reduzida ao quase zero.
nação da União dos Sindicatos do
do quadro da IT só estavam efecti-
o. Mas, o esvaziamento continua:
inspector foi transferida para as
m 3. No fim do corrente mês, outra
cência de parto. Só ficam 2. Destes,
rmanentemente retido nas informa-

o quê?» — pergunta a União, que
nação é de uma grande indignidade e
todos os níveis, a começar pelos
IGT local, sendo legítimo concluir
pressa ao Governo que a lei seja



A falta de protecção na aplicação de pesticidas é uma das principais causas das doenças
dos trabalhadores nas estufas de plástico

seja incluída na lista das doenças
profissionais.

A central advoga, também, a
criação de um regulamento para

o trabalho nas estufas, que con-
temple, nomeadamente, as con-
dições de trabalho, medidas de
prevenção, perfeito conhecimen-
to dos riscos, e higiene e vigilân-

cia médica, entre outros pontos.

Para já, e caso a situação se
mantenha, os sindicatos anun-
ciam que farão a denúncia do
problema junto dos turistas

Guiné-Bissau: a crise

José António Salvador

Serviço Anop/«DL»

«O serviço da dívida externa
da Guiné-Bissau para 1986 é de
15 milhões de dólares» que cor-
respondem «à receita das expor-
tações oficiais», refere um rela-
tório do FMI a que a Anop teve
acesso.

Se o governo de Bissau
cumprir estas obrigações ficará
sem fundos para importar com-
bustíveis, indispensáveis para a
produção de energia, bens es-
senciais alimentares e bens de
equipamento.

As receitas reais das exporta-
ções podem ainda ficar aquém
das projecções oficiais, como
sucedeu em anos anteriores,
quedando-se pelos 10 milhões
de dólares.

Caso se confirme esta ten-
dência, a receita é insuficiente
para cobrir a simples importa-
ção de combustíveis, que em
1983 se cifrou em 12 milhões de
dólares.

Nestas circunstâncias, a
Guiné-Bissau necessita de con-
cluir este ano um acordo com o
FMI e com o Banco Mundial, ou
pelo menos com esta instituição
de crédito, para obter novos
empréstimos que permitam es-
tabilizar a economia guineense
nos próximos três anos.

A dívida externa global da
Guiné-Bissau deverá atingir ac-
tualmente os 270 milhões de dó-
lares, segundo informação ofi-
cial de Bissau.

Os atrasos no pagamento da
dívida atingem os 31 milhões de
dólares e Bissau necessita, ur-
gentemente, de 4 milhões de dó-
lares para satisfazer compro-
missos com bancos árabes e
com o Banco Africano para o
Desenvolvimento sob pena de
estas instituições cortarem o
crédito.

O FMI considera que «a si-
tução financeira global se

encontrando-se a Guiné-Bissau
perante «uma situação econó-
mica e financeira crítica».

O Banco Mundial, actual-
mente o maior parceiro econó-
mico da Guiné-Bissau, poderá
conceder novos créditos a Bis-
sau a partir do momento em que
este aprovou as medidas impos-
tas com o FMI.

Tais medidas desdobram-se
fundamentalmente pelas políti-
cas fiscais, monetárias, comer-
ciais e económicas.

Neste quadro, o Banco
Mundial defende a redução do
investimento público e o adia-
mento de todos os projectos de
1986. Para reduzir o défice or-
çamental foi proposto o conge-
lamento imediato dos salários e
do recrutamento de funcionários
Públicos assim como o despe-
dimento imediato do pessoal
dos projectos concluídos.

Em política monetária, foi
sugerida a desvalorização do
peso (moeda nacional guine-
ense) em 300 por cento para
deste modo o câmbio oficial
ficar paritário com o câmbio ac-
tual do mercado negro.

Os preços vão também au-
mentar admitindo o Banco
Mundial o controlo de preços do
arroz e do óleo de amendoim.
Esta instituição defende que o
Estado deve limitar-se a forne-
cer «a infra-estrutura física e
social para apoiar a produção e
as exportações» pelo que devem
ser abertos à iniciativa privada
os transportes, o comércio (im-
portação e exportação) e a
banca.

O governo da Guiné, apro-
vando no essencial todo este re-
ceituário, reuniu as condições
indispensáveis ao estabeleci-
mento do acordo com o Banco
Mundial.

COTAÇÕES CRÉDITO ÇÕES PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$45	50\$45
ALEMANHA FED. (marco)	67\$55	68\$75
ÁUSTRIA (xelim)	9\$55	9\$75
BÉLGICA (franco)	35\$40	35\$40
BRASIL (cruzado)	4\$00	6\$50
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	106\$55	109\$05
(notas de 5 a 1000)	107\$05	109\$55
DINAMARCA (coroa)	18\$15	18\$55
ESPAÑA (peseta)	1\$034	1\$154
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	147\$10	150\$60
(notas de 5 a 100)	147\$60	151\$10
FINLÂNDIA (marka)	29\$05	29\$65
FRANÇA (franco)	21\$10	21\$80
HOLANDA (florim)	60\$00	61\$10
IRLÂNDIA (libra)	204\$85	208\$85
ITÁLIA (lira)	\$090	\$990
JAPÃO (iene)	\$893	\$928
NORUEGA (coroa)	19\$75	20\$25
REINO UNIDO (libra)	227\$15	231\$65
SUÉCIA (coroa)	20\$75	21\$25
SUÍÇA (franco)	83\$05	84\$55
VENEZUELA (bolívar)	6\$30	7\$30
Observações:		
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.		
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.		

"Gala", uma cerveja sem álcool

Ao comemorar trinta anos de trabalho pioneiro no campo da Alimentação Racional, a DIESE apresenta a sua **cerveja sem álcool «GALA»**, de baixas calorias, com o sabor das cervejas tradicionais bem ao gosto português. Destinada ao amplo universo dos apreciadores da boa cerveja, a cerveja sem álcool «GALA» será particularmente bem acolhida por três classes de consumidores:

— Gestores, que tomam muitas vezes decisões importantes durante almoços e jantares de negócios, e que passam a dispor, a partir de agora, de uma cerveja «super-premium» de excelente sabor e moderna apresentação, mas sem álcool.

— Condutores de viaturas que vão poder mitigar a sede com uma cerveja genuína, sem ter de reccar maus encontros com o «balão» ou a redução



dos reflexos necessários à condução em condições de trânsito difíceis.

— Finalmente, a **cerveja sem álcool «GALA»** será especial-

mente apreciada pelo grupo crescente dos que se preocupam com a sua aparência e forma física, já que um refrescante copo de «GALA» contém menos calorias do que um iogurte vulgar.

A concretização deste projecto só se tornou possível graças à colaboração incondicional, e desde a primeira hora, da maior organização cervejeira nacional, a **CENTRAL CERVEJAS E.P.**, que assegura, com os seus modernos métodos de fabrico e rigoroso controlo de qualidade, a excelência do paladar da **cerveja sem álcool «GALA»**. A nova cerveja está à venda não só nos estabelecimentos dietéticos, como também em todos os locais onde se encontrem cervejas nacionais e estrangeiras de alta qualidade para consumo imediato.

Humor da British Airways dá bola a jovem português

O êxito de um comercial para TV sente-se, muitas vezes, na vontade que o espectador tem, por um motivo ou por outro, de partilhar prazeres que, inevitavelmente, um anúncio acaba sempre por prometer. Foi o que aconteceu com o **Rui Delgado**, de 8 anos.

A abundância de bolas de futebol, no filme para Televisão da **British Airways**, actualmente no ar, levou o **Rui** a desejar uma daquelas bolas de cauchú. «Para que é que querem tantas?!» Se assim pensou, melhor o fez.

Perante a carta do **Rui Delgado**, a **British Airways** teve de dar-lhe razão... e uma bola de futebol. No passado dia 12 de Junho a **British Airways** convidou o **Rui** a visitar um dos seus aviões e no aeroporto de Lisboa, acompanhado pela irmã e pela mãe, assistiu à aterragem de um



Boeing 737 da British Airways.

Dentro do aparelho foi recebido, carinhosamente, por toda a tripulação que acabara de ligar Londres a Lisboa. Já no «cock-

pit» o comandante Ball (tinha de ser!) ofereceu ao **Rui** uma bola oficial de futebol, não deixando de lamentar ser esta a última disponível. Sorte do **Rui Delgado!**

BP é a primeira gasoleira com posto aberto em hipermercado

O primeiro posto de venda de gasolina situado num hipermercado nacional foi inaugurado na cidade do Porto. A sua abertura marca o início de um importante programa de investimentos, em postos de venda de gasolina, a efectuar pela BP no nosso país.

Na cerimónia de inauguração o presidente da **BP Portuguesa**, eng.º Gonçalo Cabral, referiu aos convidados presentes no **Hipermercado Continente** o

facto de este moderno posto de abastecimento de gasolina — primeiro «self-service» da BP em Portugal — estar inserido no que de mais aperfeiçoado existe na satisfação das necessidades dos consumidores, oferecendo-lhes comodidade e rapidez.

Ao inaugurar este posto de venda de gasolina a **BP Portuguesa** acerta o passo pela Europa. Em França, por exemplo, existem mais de 2.000 hiper-

mercados e supermercados com postos de venda, o que representa um quarto de toda a gasolina vendida nesse país.

A inauguração do posto de venda de gasolina no **Hipermercado Continente** representa assim um passo importante da BP na procura de «hiperservir», ainda melhor, os consumidores da cidade do Porto.

Citizen ultrapassa expectativas

Tendo como objectivo inicial a obtenção de uma quota de 1,5% do mercado Europeu nos 6 primeiros meses de actividade a **Citizen Europe** anunciou que no período de Setembro de 85 a

Março de 86 foram vendidas 22.000 impressoras o que corresponde a um aumento de 10% sobre o valor inicialmente previsto.

Segundo **Jack Bennett**,

vice-presidente de vendas e marketing, este sucesso deve-se em parte à alta qualidade destas impressoras aliada à garantia única de 2 anos bem como aos seus preços altamente competi-

BPSM cria linha de crédito para os licenciados em Farmácia

Entre o **Banco Pinto & Sotto Mayor** e a **Associação Nacional de Farmácias** foi assinado, no passado dia 3 do corrente, um protocolo de acordo destinado a apoiar financeiramente os licenciados em Farmácia através de uma linha de crédito criada para financiar a instalação ou aquisição de farmácias. Ao acto de assinatura daquele protocolo de acordo assistiram destacadas entidades ligadas ao sector de saúde e ao ramo farmacêutico tendo na oportunidade **João Cordeiro**, presidente da direcção da **Associação Nacional de Farmácias**, sublinhado a importância do acordo celebrado, inserindo-se na vasta política associativa da A.N.F. e na necessidade de criar mecanismos que permitam o cumprimento de alguns aspectos essenciais da legislação farmacêutica em vigor.

Miguel Krupenski, do Conselho de Gestão do BPSM, signatário do protocolo de acordo destacou, por seu lado, a modernização e as transformações qualitativas que se vêm operando no BPSM tendo em vista dar respostas adequadas às solicitações dos agentes económicos. Referindo-se ao acordo celebrado com a A.N.F., aquele gestor acentuou que ele vinha no seguimento de outras acções promovidas pelo BPSM através das quais este banco visa intensificar a sua colaboração com os diversos sectores da actividade económica e de organizações profissionais e sociais na perspectiva de contribuir para a resolução dos seus problemas.

A linha de crédito que vai ser colocada à disposição dos licenciados em Farmácia prevê o empréstimo até 50% do valor do investimento, pelo prazo máximo de sete anos, podendo haver um período de carência até ao máximo de seis meses. Para aprovação das linhas de crédito poderá ser exigida qualquer das formas de garantia admitidas em direito e pelo financiamento será cobrada aos mutuários a taxa de juro que estiver em vigor.

tivos.

O representante exclusivo das impressoras **Citizen** em Portugal é a **DÉCADA**, podendo os diversos modelos ser apreciados na R. Pedro Nunes, 47C.

Papa regressa ao Vaticano

O Papa João Paulo II regressou hoje ao Vaticano após uma visita de uma semana à Colômbia e uma escala de sete horas na ilha de Santa Lucia, nas Caraíbas. Na Colômbia, João Paulo II reafirmou a preocupação da Igreja Católica pelos pobres e desfavorecidos, sendo a justiça social o principal tema da viagem do pontífice a onze localidades colombianas. No entanto, João Paulo II não deixou dúvidas quanto à sua oposição aos padres rebeldes adeptos da teologia da libertação. Reafirmando que os padres devem obedecer à doutrina do Vaticano, o Papa fez cair por terra as esperanças de religiosos latino-americanos de que teria abrandado a hostilidade da hierarquia da Igreja para com a chamada teologia da libertação.

Colômbia não é inferno

A Imprensa de Bogotá criticou ontem o «sensacionalismo» com que alguns jornalistas estrangeiros que cobrem a visita do Papa descrevem a realidade social e política do país. Um diário de Bogotá publicou, a propósito, duas entrevistas com um correspondente da «Time» e da Rádio Canadá onde se afirma que a Colômbia tem problemas, mas que isso não justifica a publicação na Imprensa europeia de reportagens sobre «a visita do Papa ao Inferno». O jornalista americano defendeu mesmo que um dos mais graves problemas do país é precisamente a má imagem que tem no estrangeiro.

Enforcados "preocupam" Malásia

O governo malaio exprimiu ontem a esperança de que o enforcamento de dois australianos condenados por tráfico de droga, após lhes terem sido apreendidas 180 gramas de heroína pura, não afecte as relações externas da Malásia. Entretanto, Margaret Thatcher manifestou o seu apoio às famílias dos enforcados, mas disse reconhecer o direito daquele país em aplicar as suas próprias leis, enquanto o primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, classifica as execuções como «bárbaras».

304 lugares para o LPD

O primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, afirmou-se ontem disposto a encetar novas iniciativas diplomáticas em relação à paz e ao desarmamento. Nakasone falava após serem conhecidos os resultados oficiais das eleições de domingo que deram ao seu partido, LPD, a mais estrondosa vitória de sempre ao conquistar 304 assentos parlamentares. O Partido Socialista do Japão foi a segunda força mais votada, mas apenas alcançou 85 lugares contra os 110 anteriores.

Fanfani contra a crise

O político veterano Amintore Fanfani consultou ontem em Roma um vasto leque de partidos políticos numa tentativa para superar o impasse que impede há 10 dias uma solução da crise governamental italiana. Fanfani, 78 anos, presidente do Senado, foi solicitado pelo presidente Francesco Cossiga para servir de mediano entre os partidos políticos numa tentativa de encontrar um governo viável.

"Rainbow Warrior": o acordo

A França e a Nova Zelândia deram ontem o seu acordo ao modo como foi resolvida a disputa gerada pelo afundamento do navio ecologista «Rainbow Warrior», provocado por dois agentes secretos franceses. Nos termos do acordo, a França pagará sete milhões de dólares pelos estragos causados, enquanto a Nova Zelândia entregará às autoridades de Paris os responsáveis pelo acto de sabotagem.

Mais uma morte no Chile

Um dos jovens chilenos queimados vivos por um grupo de militares, durante a greve geral da semana passada contra o regime de Pinochet, morreu no domingo. Testemunhas oculares asseguram que dois jovens chilenos foram queimados vivos por membros de uma patrulha militar. Segundo um sacerdote jesuíta, os militares encerraram os dois jovens numa rua sem saída, regaram os corpos com uma substância inflamável e atearam fogo.

Posse de Waldheim

Kurt Waldheim assumiu hoje o cargo de chefe de Estado da Áustria, considerando-se o «presidente de todos os austríacos», após uma dura campanha eleitoral marcada por alegações sobre o seu alegado passado nazi. «Considero-me a partir desta hora como presidente federal de todos os austríacos», afirmou Waldheim ao proferir o discurso da tomada de posse. No discurso, o novo presidente austríaco denunciou o anti-semitismo e apelou para a reconciliação nacional.



Artur Tolentino fala aos jornalistas antes de se encontrar com representantes do governo de Aquino

Revolta nas Filipinas

Militares regressam aos quartéis e Tolentino aguarda julgamento

Os partidários do antigo presidente Ferdinand Marcos saíram hoje calmamente do hotel de Manila, onde se encontravam, e acabou assim um desafio de dois dias ao Governo de Corazon Aquino.

A revolta, iniciada quando o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Arturo Tolentino, se proclamou presidente em exercício, e nomeou cinco ministros, no domingo, terminou sem o disparo de um único tiro. «Simplesmente saíram do hotel de madrugada, enquanto toda a gente estava a dormir» — disseram à agência federal alemã DPA empregados daquela unidade hoteleira.

A presidente Corazon Aquino, que acusou Marcos de ter engendrado a rebelião a partir do Hawaii, onde está exilado, iniciou segunda-feira negociações entre o seu Governo e Arturo Tolentino.

Corazon Aquino estabeleceu um prazo de 24 horas para o grupo deixar o hotel onde se enclausurara.

Camións de soldados fortemente armados tomaram conta do hotel pelas seis da manhã (hora local) e começaram a verificar todos os andares. Treze «cocktails» Molotov foram encontrados numa sala de bebidas do rés-do-chão.

De imediato não se sabia para onde tinham ido Tolentino e os seus cinco «ministros».

Testemunhas disseram que o chefe da acção golpista foi pela última vez visto segunda-feira à noite a dar ordens aos seus principais colaboradores.

Soldados que haviam participado na aventura de Arturo Tolentino tinham começado a render-se na segunda-feira, depois de o ministro da Defesa, Juan Ponce Enrile, ter esclarecido claramente pela Rádio que o grosso das Forças Armadas não aprovara, de forma alguma, a tentativa de regresso ao passado.

O antigo presidente Marcos desmentiu segunda-feira ter algo a ver com a intentona.

Antes, o Governo filipino e o autoproclamado presidente Arturo Tolentino tinham chegado a consenso sobre o regresso dos militares sublevados aos quartéis, informou o ministro filipino da Defesa.

Antes do início das negociações entre os rebeldes e o Governo, o ministro da Defesa tinha declarado que não seria utilizada a palavra «entregar-se» ou outros termos que pudessem ser considerados humilhantes e disse ter recebido «respostas positivas» às propostas apresentadas.

Contraditoriamente, o vice-presidente e ministro filipino dos Negócios Estrangeiros, Salvador Laurel, afirmou em Madrid que não houve «acordo com Arturo Tolentino para a sua rendição».

Salvador Laurel, que iniciou uma visita oficial a Espanha no domingo, horas antes da tentativa fracassada de golpe de Estado liderada pelo parceiro do ex-presidente Marcos nas eleições de Fevereiro, confirmou que este abandonou o hotel de Manila, onde estava refugiado e que «a questão está entregue aos tribunais de justiça».

O embaixador das Filipinas em Madrid, Juan José Rocha, em conferência de Imprensa realizada depois das declarações de Laurel, garantia que Marcos esteve por detrás da tentativa de golpe. «Arturo Tolentino tinha em seu poder uma carta de Marcos em que este lhe pedia para actuar como actuou», acrescentou.

Entretanto, as autoridades filipinas ordenaram o encerramento temporário de quatro emissoras de Rádio face à crise que se seguiu à autoproclamação de Arturo Tolentino como presidente do país.

Europa e desarmamento na visita de Mitterrand a Moscovo

O papel da Europa no cenário das relações internacionais foi o tema escolhido por François Mitterrand para o primeiro dia da sua visita oficial à União Soviética. Durante as conversações ontem iniciadas no Kremlin, o líder soviético Mikhail Gorbachev solicitou, por seu lado, ao Presidente francês para pressionar Washington no sentido da obtenção de progressos nas conversações sobre desarmamento.

O desarmamento e os direitos humanos deverão ser, aliás, os temas fortes das conversações entre os dois dirigentes. Mitterrand, que ontem chegou a Moscovo acompanhado pela sua mulher Danielle, a convite do Presidium do Soviete Supremo, permanecerá três dias na URSS.

Nesta visita, o presidente francês fez-se também acompanhar pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, antigo embaixador em Moscovo, e segundo o programa oficial deverá encontrar-se três vezes com o secretário-geral do Partido Comunista da União

Soviética, Mikhail Gorbachev.

A viagem do Presidente francês, que esteve em Moscovo em 1984, começou 48 horas depois de ter regressado de Nova Iorque, onde se encontrou com Ronald Reagan. Mitterrand foi recebido no aeroporto de Moscovo pelo presidente soviético Andrei Gromyko e pelo ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze.

Já no Kremlin, Mitterrand e a sua mulher serão recebidos por Mikhail e Raisa Gorbachev, tendo-se iniciado depois o primeiro encontro entre os dois dirigentes.

Europa

Na ocasião, Mitterrand considerou ser necessário que a Europa volte a ser protagonista da sua própria história para poder desempenhar plenamente o papel de factor de equilíbrio e estabilidade nas relações internacionais.

O Presidente francês salientou que o seu país segue atentamente as negociações que a URSS e os EUA mantêm em Genebra e desejou que as duas superpotências cheguem a resultados significativos e concretos.

O convidado oficial do Presidium do Soviete Supremo acrescentou que a França segue também atentamente as questões respeitantes ao espaço e afirmou ser sumamente importante evitar uma nova escalada aos armamentos. O Presidente francês exprimiu depois o seu pesar pelo desastre de Chernobyl, frisando que acreditava no futuro pacífico da energia nuclear.

turo pacífico da energia nuclear.

Desarmamento

Durante o banquete em honra de Mitterrand, Gorbachev propôs ao Ocidente a «eliminação de todas as armas desnecessárias» com vista a situar o equilíbrio de forças «ao nível mais baixo possível».

«Se o Ocidente efectuar reduções de todos os armamentos de que dispõe de excedentes, nós eliminaremos os armamentos considerados desnecessários», disse o líder soviético.

Gorbachev pediu ainda a Mitterrand para pressionar Washington no sentido de um progresso nas conversações sobre desarmamento. Sobre a Europa, o líder soviético diria: «o potencial económico e político da Europa é suficientemente grande para que ela fale mais concretamente e confiantemente em seu nome».

la em "missão de paz"

Ministro britânico adia viagem à África do Sul

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros prometeu manter-se fiel ao plano da missão de paz à África do Sul, apesar das atitudes de líderes sul-africanos, que o levaram a adiar a sua deslocação a Pretória esta semana.

Sir Geoffrey Howe, que deverá seguir na noite de hoje para a Zâmbia e depois para o Zimbábue, disse na noite de segunda-feira, perante a Comissão de Negócios Estrangeiros da Câmara dos Comuns, que seria errado se fosse desencorajado pelas reacções iniciais na África

do Sul à sua missão de paz, em representação dos 12 países da CEE.

Howe anunciara antes que suspendera os planos de se deslocar esta semana à África do Sul, mas que iria de qualquer forma à Zâmbia e ao Zimbábue, para exortar ao diálogo e à rejeição da violência na crise sul-africana.

Numa entrevista à BBC, o ministro britânico afirmou que o governo de Pretória pretendia recebê-lo mais tarde. «A questão não é se, mas quando», disse.

Não foi dada qualquer explicação para o atraso de Pretória em concordar com a missão de Howe, mas a rádio estatal sul-africana indicou segunda-feira que Howe enfrentaria hostilidade caso se deslocasse à África do Sul.

O sínodo da Igreja Anglicana, reunido em York, aprovou ontem, por seu lado, a adopção de sanções económicas contra a África do Sul.

A resolução foi aprovada por 394 votos a favor, 21 contra e 12 abstenções.

A votação seguiu-se à leitura

de uma angustiada mensagem do bispo anglicano negro sul-africano Desmond Tutu que insistia: «Por favor, por favor, apoiem-nos».

O Ministério sul-africano da Lei e da Ordem anunciou ontem o levantamento das restrições aos movimentos da activista «antiapartheid» Winnie Mandela.

A medida significa que Winnie, 51 anos, mulher de Nelson Mandela, o dirigente negro encarcerado há 24 anos, está agora autorizada a regressar a sua casa no Soweto.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

FORM. 1 CANDEIEIRO DE TECTO TIPO PANTOFF	Conc. Lim. 77/86-IE *
" 3 MICROSCÓPIOS CONVENCIONAIS	Conc. Lim. 78/86-IE *
" 1 MARQUESA OPER. de COMANDO MANUAL	Conc. Lim. 79/86-IE *
" 1 MONITOR CARDÍACO	Conc. Lim. 80/86-IE o
" 1 APARELHO DE ELECTROCOAGULAÇÃO	Conc. Lim. 81/86-IE o
" 1 APARELHO ELECTROBISTURI	Conc. Lim. 83/86-IE (o)
" 1 SISTEMA AUTOSTÁTICO DE GREENBERG	Conc. Lim. 84/86-IE (o)
" 3 DESFIBRILHADORES CARDÍACOS	Conc. Lim. 85/86-IE (o)
" 3 ÓPTICAS e 2 PRISMAS	Conc. Lim. 87/86-IE *
" 3 VENTILADORES VOLUMÉTRICOS	Conc. Pub. 9/86-IE (o)
" EQUIPAMENTO DE ENDOSCOPIA	Conc. Pub. 10/86-IE (o)

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar nos dias * — dia 18/7 às 10.00 h, 10.30 h e 11.00 h; o — dia 21/7 às 10.00 h e 11.00 h; (o) — dia 22/7 às 10.00 h, 10.30 h e 11.00 h; * — dia 23/7 às 11.00 h; (o) dia 4/8 às 10.30 h e 11.30 h no referido Serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 4 de Julho de 1986

Pel'O Director do Serviço de Aprovisionamento
a) J. d'Almeida Ribeiro



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL

N.º 38/86

RENÚNCIA DE MANDATO DE VOGAL DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Faz-se saber, nos termos do n.º 1 do art.º 5.º do Regimento da Assembleia Municipal e para cumprimento do n.º 2 do mesmo artigo que MANUEL ANTÓNIO RODRIGUES, renunciou ao cargo de vogal, que vinha exercendo nesta Assembleia Municipal.

Assembleia Municipal de Lisboa, em 20 de Junho de 1986.

O Presidente

- Fernando Correia Afonso -

Farsantes do boxe castigados

A Federação Portuguesa de Boxe decidiu proibir a actuação dos pugilistas norte-americanos Dwayne Cooper e Kenneth Wring em Portugal, depois dos «combates» que efectuaram em Fevereiro e Junho, em Lisboa. Em comunicado, a direcção da Federação entende que as actuações dos dois pugilistas «não foram de molde a dignificar a modalidade, não mostrando todo o seu valor, nem brio profissional», sublinhando (por outro lado) que apenas serviu para prejudicar a imagem da modalidade.

O castigo aplicado aos dois atletas será comunicado à Federação de Boxe dos Estados Unidos (WBC).

Os dois pugilistas norte-americanos actuaram em Fevereiro e Junho deste ano, no Pavilhão do Sporting e no Coliseu dos Recreios, respectivamente.

Algarve: maratona futebolística

Durou 34 horas consecutivas, encerrando à meia-noite de domingo, a 1.ª maratona popular de futebol de sete, organizada em Vila Real de Santo António, pelo Grupo de Futebol «Os Galitos das Hortas». Participaram 19 equipas do concelho e duas do concelho espanhol de Ayamonte. Uma das turmas espanholas foi finalista, mas não cumpriu o calendário, devido ao horário de encerramento da fronteira.

A formação espanhola foi substituída por uma equipa de Montegordo, para que a final se realizasse: ficou vencedor o Grupo Desportivo da Pró-Com Carnes, através de grandes penalidades.

Os encontros foram realizados ao ar livre nos campos polivalentes do parque desportivo da vila pombalina e vistos por muita assistência.

Olimpismo: Seul trava concessões

A Coreia do Sul não está disposta a fazer mais concessões à Coreia do Norte, para a organização dos Jogos Olímpicos de 1988. Segundo a Imprensa de Seul, a Coreia do Norte fez exigências para a realização de mais provas desportivas em Pyongyang.

O Comité Olímpico Internacional (COI) tinha proposto que o tiro ao arco, ténis de mesa e alguns jogos da fase preliminar do torneio de futebol fossem disputados em território norte-coreano e ambas as nações organizariam uma prova ciclista de 100 quilómetros. A proposta do COI foi aceite pela Coreia do Sul, mas a Coreia do Norte exigiu, entretanto, a organização das provas de luta, halterofilia e todo o torneio de futebol: e dirigentes sul-coreanos pediram a Pyongyang a realização de «negociações sérias».

"Tour": Acácio em 104.º lugar

Acácio da Silva perdeu mais nove segundos para o «camisola amarela» da Volta à França em Bicicleta, apesar de ascender ao 104.º lugar na classificação geral da prova. Acácio da Silva, que concluiu a 4.ª etapa na 79.ª posição a dois segundos do vencedor (o espanhol Pello Ruiz-Cabestany) encontra-se a cinco minutos e 18 segundos do novo «camisola amarela», o francês Dominique Gaigne.

Pello Ruiz-Cabestany ganhou a 4.ª tirada do «Tour», com a extensão de 243 quilómetros, em seis horas, 57 minutos e cinco segundos. Em 2.º lugar classificou-se o belga Eric Vanderaerden, seguido do holandês Mathieu Hermans, ambos a dois segundos do vencedor. Os restantes ciclistas, até ao 20.º lugar, totalizaram o mesmo tempo de dois segundos de diferença em relação a Ruiz-Cabestany.

Classificação geral neste momento: 1.º, Dominique

Gaigne (França), «Système U», 15h 57m e 6s; 2.º, Thierry Marie (França), «Système U», a 6s; 3.º, Charles Mottet (França), «Système U», a 9s; 4.º, Laurent Fignon (França), «Système U», a 13s; 5.º, Yvon Madiot (França), «Système U», a 26s; 6.º, Eric Boyer (França), «Système U», a 29s; 7.º, Eric Maechler (Suíça), «Carrera», a 52s; 8.º, Eric Vanderaerden (Bélgica), «Panasonic», a 53s; 9.º, Stephen Roche (Irlanda), «Carrera», a 57s; e 10.º, Bruno Leali (Itália), «Carrera», a 1m e 2s.

Acácio da Silva é agora o 104.º da classificação geral, a 5 minutos e 18 segundos do guia, o francês Gaigne.

O francês Dominique Gaigne ascendeu ao 1.º lugar da classificação geral, mas o «herói» da tirada, entre Lievin e Evreux, foi o espanhol Pello Ruiz-Cabestany, que alcançou a vitória tantas vezes negada.

O ciclista espanhol, juntamente com o seu compatriota Frederico Etxabe, descolaram a 10 quilómetros da meta, tornando inúteis os esforços dos homens da «Système U» para abortar a fuga. Cabestany e Etxabe fizeram a ponte entre o pelotão e o francês Régis Simon, que se isolara ao quilómetro 135 e chegou a ter dois minutos de vantagem. A neutralização de Simon pelos dois espanhóis aconteceu já nas ruas de Evreux, a cinco quilómetros da meta.

Nos derradeiros mil metros Etxabe «furou» e foi engolido pelo pelotão, enquanto Cabestany chamava as últimas forças e cortava a meta com dois segundos de avanço sobre o belga Eric Vanderaerden.

A tirada foi demasiado extensa e muito tranquila nos primeiros quilómetros, só com emoção no final. As bonifica-

ções fizeram a «camisola amarela» mudar de tronco, passando de Thierry Marie para o seu companheiro de equipa da «Système U», Dominique Gaigne.

Hoje disputa-se a 5.ª etapa, entre Evreux e Villers sur Mer (124,5 quilómetros) com dois «prémios de montanha», um de 3.ª e outro de 4.ª categoria.

Mérito para Acácio

Acácio da Silva foi aprovado «sócio de mérito» da Federação Portuguesa de Ciclismo, em assembleia geral daquele organismo realizada nas instalações do ISEF, e que rejeitou uma outra proposta de sócio honorário para o «Jornal de Ciclismo». Críticas (com convite à demissão) foram feitas pelo presidente da Associação de Setúbal à actuação da direcção federativa, chefiada por Henrique Castro.

Leitão: 3.º em Helsínquia

António Leitão classificou-se em 3.º lugar nos 5000 metros do «meeting» internacional de Helsínquia, pontuável para o «Grande Prémio». Leitão, recordista nacional da distância (com 13.07.70 minutos) desde 1982, fez 13.20.04 minutos, melhorando a sua própria marca nacional desta temporada. Leitão obtivera em Maio passado (em Sevilha) o tempo de 13.21.22 minutos que, na altura, foi o melhor resultado mundial do ano.

Ontem, o suíço Pierre Deleze triunfou (13.15.31 segundos) batendo ao «sprint» o belga Vincent Rousseau (13.16.66 minutos).

Atrás de Leitão classificaram-se o britânico John Solly (13.22.39 minutos), o suíço Markus Ryffel (13.32.34 minutos) e o finlandês Martti Vainio (13.33.60 minutos).

Dardo

O norte-americano Tom Petranoff estabeleceu novo

recorde mundial do lançamento do dardo ao arremessar o engenho a 85,38 metros. A marca foi alcançada no decorrer dos «World Games» em Helsínquia. O anterior máximo que, desde Abril passado, passou a ter um novo engenho, pertencia ao soviético Viktor Yevsukov, com 83,68 metros.

Heptatlo

A norte-americana Jacky Joyner bateu o recorde mundial do heptatlo (com um total de 7148 pontos) na 2.ª ronda dos Jogos da Boa Vontade, que decorrem na União Soviética. O máximo mundial anterior (de 6946 pontos) pertencia a Sabine Paetz (da República Democrática Alemã) desde 6 de Maio de 1984, em Potsdam.

O heptatlo inclui as provas

de 100 metros obstáculos, salto em altura, martelo, 200 metros planos, salto em comprimento, dardo e 800 metros.

Joyner foi medalha de prata nas Olimpíadas de 1984 (em Los Angeles) e conseguiu agora a proeza de bater a barreira dos 7000 pontos nesta especialidade.

Alemã «pula» mais longe

A atleta da RDA Heike Dreschler igualou o seu próprio recorde mundial de salto em comprimento ao saltar 7,45 metros durante o grande prémio de atletismo de Dresden.

Dreschler, de 21 anos, estabeleceu a melhor marca mundial da especialidade a 21 de Junho em Tallinn, na União Soviética, e na mesma semana igualou o recorde mundial dos 200 metros, pertença da sua compatriota Marita Koch com 21,71 segundos.

Lisboa e Algarve mais próximos

Mais dois comboios directos Diários!

A CP oferece-lhe agora mais e melhores serviços diários entre Lisboa e o Algarve.

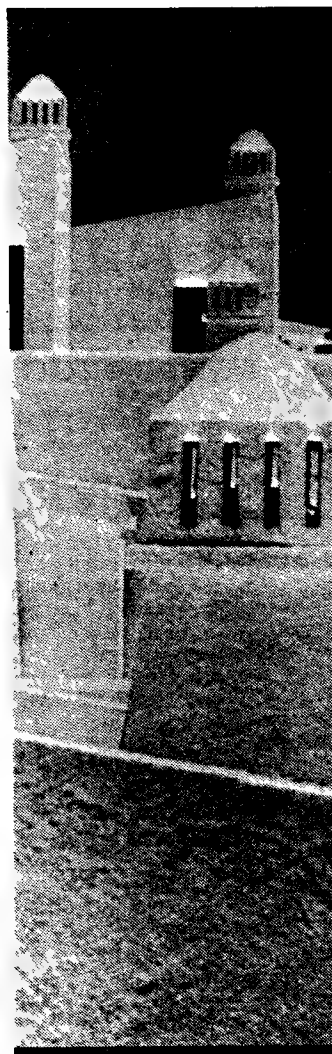
Trata-se de 2 comboios directos com reserva de lugar, ao mesmo preço dos comboios normais, e mais rápidos do que estes 40 minutos.

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens

Dê um mergulho no Algarve
Ou venha almoçar a Lisboa
De comboio, claro.



Comboio, a opção dinâmica



NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 377
REFERENTE A JUNHO

Se deseja evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinala já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura integral podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTE ARTIGOS:

- Nova Era de cuidados com a saúde
- 3 coração e a dieta Alimentar
- Nona Entrevista com o Dr. Colucci
- A Higiene Mental das pessoas idosas
- Nutrientes que combatem infecções — O zinco e as vitaminas A e C estão em primeiro plano
- A arteriosclerose — produto da civilização
- A cenoura
- Mistérios e segredos da Argila
- As maravilhosas virtudes da folha de couve — Suas propriedades curativas
- O Polen que recolhem as abelhas
- As virtudes da laranja
- Etc., etc.

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1.º (ao Intendente)

Telefone 55 64 98

Assinatura Anual: 900\$00 • Semestral: 450\$00

Estrangeiro: 1500\$00 • Avulso: 80\$00

Uma comissão parlamentar (constituída por 21 deputados) vai proceder a rigoroso inquérito aos acontecimentos ocorridos em Saltillo e, depois, à atitude da Federação de Futebol que, para além de ter «travado» pagamentos aos «infantes» por serviços prestados, ainda se propõe (eternamente) afastar oito deles de qualquer representação nacional. Recordam-se os nomes dos profissionais votados ao gavetão pelos federativos: Bento, Diamantino e Carlos Manuel (Benfica), Jaime Pacheco (Sporting), João Pinto e André (Porto), José António e Sobrinho (Belenenses).

Pois o assunto está agora bem vivo e saltitante na Assembleia da República: 7 deputados do PSD, 5 do PS, 3 do PRD, 2 do PCP, 2 do CDS e 2 do MDP/CDE devem integrar a comissão que poderá ser votada já hoje ou amanhã, para formar uma frente de análise (perfeitamente neutra e bem consciente) a atitudes tomadas pelo executivo da Praça da Alegria, que pretende ser juiz em causa própria.

— Com o seu comportamento autoritário e antidemocrático, a Federação de Futebol coloca em causa a própria Convenção do Conselho da Europa — declarou o deputado Manuel Alegre ao nosso prezado colega «Record». E, acrescentou aquela figura do Partido So-



Manuel Alegre: a verdade, só a verdade, toda a verdade

cialista: «o comunicadoda Federação de 3 do corrente exprime uma mentalidade passadista e antidemocrática».

Para que o leitor seja o melhor juiz.

Basquetebol mundial: sete países invictos

Em várias cidades de Espanha continua a decorrer o Campeonato Mundial de Basquete-

● Grupo «A» (Saragoça): Espanha - Grécia, 87-86; e Brasil - Panamá, 88-85.

	J	G	P	PF	PC	PT
Esp.	3	3	0	291	239	5
Grécia	3	2	1	283	252	5
Brasil	2	2	0	192	159	4
França	2	0	2	164	171	2
C. Sul	2	0	2	147	224	2
Pan.	2	0	2	166	198	2

● Grupo «B» (Ferrol): URSS - Israel, 114-77; e Uruguai - Austrália, 77-74.

	J	G	P	PF	PC	PT
URSS	3	3	0	332	215	6
Israel	3	2	1	256	268	5
Austr.	2	1	1	146	143	3
Urug.	2	1	1	156	158	3
Cuba	2	0	2	153	201	2
Ang.	2	0	2	126	184	2

bol Masculino. Desfechos dos jogos de ontem e classificações nos diferentes grupos:

● Grupo «C» (Málaga): Estados Unidos - Alemanha Federal, 81-68; e Itália - Porto Rico, 78-55.

	J	G	P	PF	PC	PT
EUA	3	3	0	287	212	6
It.	2	2	0	176	142	4
RFA	3	1	2	225	232	4
P. Rico	2	1	1	136	147	3
China	2	0	2	168	205	2
C. Marf.	2	0	2	133	187	2

● Grupo D (Santa Cruz de Tenerife): Canadá - Argentina, 96-82; e Jugoslávia - Holanda, 95-74.

	J	G	P	PF	PC	PT
Jug.	3	3	0	344	216	6
Can.	2	2	0	224	120	4
Hol.	3	1	2	233	243	4
Arg.	2	1	1	164	171	3
N. Zel.	2	0	2	147	202	2
Mal.	2	0	2	99	259	2

Natação internacional no Porto

Sete equipas estrangeiras e 15 portuguesas vão participar, entre sexta-feira e domingo, no quarto «Meeting» Internacional de Natação do Porto. Um total de 294 nadadores estão inscritos para as provas que se vão desenrolar na Piscina Municipal da Campanhã.

O «Meeting», integrado nos calendários da Liga Europeia e da Federação Internacional de Natação, terá a participação de cinco equipas espanholas, uma escocesa e uma selecção alemã-federal constituída por atletas com tempos inferiores

aos recordes nacionais portugueses.

O orçamento do torneio é de três mil contos e teve escassos apoios, foi afirmado na apresentação do «meeting», promovido pela Associação de Natação do Porto, Federação Portuguesa de Natação, Direcção-Geral dos

Desportos, Câmara Municipal do Porto e seis Juntas de Freguesia locais (Campanhã, Lordelo, Massarelos, Paranhos, Ramalde e Nevogilde). Além das provas de natação pura, o «meeting» ainda integra um torneio de pólo aquático e exibição de natação sincronizada.

Vasco Gervásio: muito bem!

Neves de Sousa

Não seria de esperar outra atitude do dr. Vasco Gervásio, homem cimentado na melhor tradição conimbricense e figura prestigiada no desporto português: o jovem técnico do União de Coimbra acaba de recusar o convite endereçado pelo dr. Rui Seabra para se unir a Juca na preparação dos atletas que a selecção nacional de futebol.

O novo homem-forte do nosso «escrete» (nomeado por proposta de Silva Resende), recebia a aceitação de Juca (há largos anos na situação de desemprego e apenas há meia dúzia de meses técnico, quase obsequioso da Federação, para o escalão de futebolistas «esperanças») tenta encontrar um outro responsável para a preparação dos atletas que a Federação autorize a vestir a camisola das quinas. O dr. Vasco Gervásio (integrante da mesa da assembleia geral do sindicato dos

treinadores), fiel à linha de rumo traçada pelos seus pares e dentro de uma coordenada de orientação que não admite as possíveis ideias federativas, recusou o convite do dr. Rui Seabra.

Licenciado em Direito, fazendo do futebol uma ocupação secundária, o dr. Vasco Gervásio coloca perante o dr. Rui Seabra a hipótese de um juízo mais claro sobre a aceitação ou recusa do convite que lhe foi feito para ocupar o lugar de «seleccionador» dos atletas que a Federação entender. Por outro lado, esta correcta atitude do dr. Vasco Gervásio ataca sério problema de consciência a qualquer outro treinador de futebol que se afaste de uma norma de conduta que somente pode resultar em crédito para a sua profissão. Falta ver quem rompe o acordado pelo sindicato dos treinadores; e fica marcado a «icterícia» entre os seus pares.

Ténis: Portugal finalista na «Galea»

Portugal e Israel qualificaram-se para disputar, na 4.ª e 5.ª-feira a final da Taça Galea, nos «courts» do Clube de Ténis do Estoril. Portugal venceu o México por 3-0, resultado idêntico ao conseguido por Israel frente a Chipre. Quaisquer que sejam os resultados de hoje, portugueses e israelitas asseguraram já a presença na final desta competição para jovens.

O melhor resultado da jornada foi obtido por João Cunha e Silva, que derrotou o mexicano Eduardo Velez (vencedor do recém-disputado Torneio de Wimbledon, de juniores) por 6-3, 8-6.

Resultados completos da ronda no Portugal, 3 - México, 0: Nuno Marques - Lemaitre, 4-6, 6-3, 6-3; Cunha e Silva - Eduardo Velez, 6-3, 8-6; Cunha e Silva/Nuno Marques - Veez/Lemaitre, 6-3, 6-2, 6-3. No Israel, 3 - Chipre 0: Bloom - Costas Lantsias, 6-0, 6-0; Naor - Alexis Photiades, 6-4, 6-0; Bloom/Naor - Photiades/Lantsias, 6-3, 6-0, 6-3.

Programa da 2.ª jornada (hoje às 14h): Nuno Marques - Eduardo Velez; Photiades - Bloom; Cunha e Silva - Lemaitre; e Lantsias - Naor.

Campeonato Infantil

Os Campeonatos de Portugal de Ténis Infantil iniciaram-se nos «courts» do Jamor, com jogos dos quadros masculinos. Mais de uma centena de jovens,

63 em iniciados (até 12 anos), e 57 em infantis (até 14 anos) iniciaram o torneio que terminará no domingo, com o apuramento dos campeões nacionais. Hoje, inicia-se o quadro feminino e, às 17 e 30, haverá a cerimónia oficial de abertura do campeonato.

No 1.º dia de provas caíram já alguns «cabeças de série», mas os pretendentes ao título mantiveram-se em competição. De sublinhar que o encontro entre o madeirense Bruno Cardoso e Hugo Lacerda Santos (de Chaves) durou três horas e 45 minutos, o que passa a constituir novo recorde de duração da «Taça». Bruno venceu, com os parciais de 7-5, 6-7, 9-7 e, tal como o seu opositor, tem apenas 10 anos de idade.

Becker a embolsar

A vitória no «Torneio de Wimbledon» tornou o alemão-federal Boris Becker o 3.º tenista mais premiado este ano e permitiu-lhe ascender à 4.ª posição do «ranking ATP». O checoslovaco Ivan Lendl (apesar de derrotado na final da prova inglesa) continua a liderar o «ranking» mundial e a lista dos tenistas mais ganhadores, com 672 675 dólares (cerca de nove mil e 900 contos), enquanto Becker recolheu, desde Janeiro 413 952 dólares (cerca de seis mil e 800 contos). O sueco Mats Wilander é o 2.º tenista do «ranking ATP», seguido pelo francês Yannick Hoah, o ale-

Modalidades

Rali: vitória de Kankunen

A equipa finlandesa formada por Juha Kankunen e Juha Piironen, num Peugeot 205 T 16 ganhou o Rali Automóvel da Nova Zelândia, 7.ª prova do campeonato mundial de 1986. No 2.º lugar ficaram Markku Alen e Ilka Kivimäki, também da Finlândia, (em Lancia) e no 3.º posto classificaram-se os italianos Massimo Biasion e Tiziano Siviero, igualmente em Lancia.

Educação Física

Cerca de 200 participantes, entre professores e técnicos de Educação Física, participam a partir de 5.ª-feira num estágio de formação denominado «Programas de Educação Física Escolar: da Realidade Actual à Evolução Necessária». O estágio é da responsabilidade da «Horizonte» (revista de educação física e desporto) e procura estudar a importância dos programas curriculares da Educação Física nacional nos diferentes graus de ensino. O estágio termina sábado e vai decorrer na Escola Náutica Infante D. Henrique, em Paço de Arcos.

Corridas em patins

Nos próximos dias 12 e 13 do corrente, terá lugar na ilha do Pico (Açores) o Campeonato da Europa de Jovens de Corridas em Patins, numa organização da Direcção Regional dos Desportos e Educação Física dos Açores.

Golfe: Open de Portugal

O 30.º «Open» de Portugal em golfe foi antecipado uma semana, realizando-se entre 23 e 26 de Outubro na Quinta do Lago, por decisão da PGA (Professional Golf Association) europeia, anunciou a Quinta do Lago.

O «Open» de Portugal, última prova do circuito europeu de golfe, estava inicialmente marcado para o período de 29 de Outubro a 1 de Novembro.

Cocaína mata atleta

O futebolista norte-americano Don Rodgers faleceu por ter ingerido uma dose excessiva de cocaína, afirmou o toxicólogo James Beede.

Testes laboratoriais confirmaram a existência de cocaína no sangue do futebolista que faleceu sexta-feira, véspera do seu casamento. Don Rodgers é o segundo atleta a morrer no espaço de um mês devido ao consumo de droga, depois de há oito dias ter falecido o basquetebolista Len Bias, vítima de intoxicação de cocaína.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Serviço de Música

MENDELSSOHN

PAULUS

oratória

Yvonne Kenny, soprano

Brigitte Baileys, contralto

Markus Schaefer, tenor

Wolfgang Schöne, barítono

Inger Marie Thomsen, órgão

MICHEL CORBOZ

maestro

Coro Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

GRANDE AUDITÓRIO
9 de Julho, às 21.30 h

Futebol: portistas começaram a trabalhar

O FC Porto começou a preparação para a temporada futebolística 86-87, mas na apresentação da equipa não foram reveladas quaisquer aquisições.

O presidente do clube, Jorge Nuno Pinto da Costa, escusou-se a revelar aos jornalistas as negociações que tem mantido com os futebolistas a contratar e desmentiu que o FC Porto já tenha assegurado os serviços de novos jogadores. No entanto (acentuou) as novidades podem surgir a qualquer momento, disse Pinto da Costa.

Sousa, um dos «infantes», parece certo no FC Porto (com um contrato por três anos) e o avançado zairense Kabongo (do Racing de Paris) também é tido como próximo reforço.

O defesa Bandeirinha, que substituiu a última hora Velloso na selecção para o México,

é o primeiro regresso dos «dragões», vindo da Académica de Coimbra, onde esteve por empréstimo.

Na apresentação da equipa azul-branca estiveram presentes todos os jogadores que irão integrar o «plantel» do FC Porto para a próxima temporada, à excepção dos «infantes», que continuam em gozo de férias até ao dia 21.

O «capitão» Gomes e André foram os únicos «infantes» que fizeram questão de estar presentes na apresentação do «team» no Estádio das Antas.

Até 4.ª-feira, o «plantel» do FC Porto será submetido a testes médicos e a partir dessa data irá começar o trabalho de campo. Dada a impossibilidade de utilizar o Estádio das Antas, que sofre melhoramentos (com o rebaixamento do relvado), o FC Porto vai fazer a preparação no relvado do

Estádio Municipal da Maia, recinto onde os juniores têm efectuado jogos.

O presidente Pinto da Costa declarou que a partida da 1.ª jornada do campeonato nacional da divisão principal (com o Benfica) marcada para 24 de Agosto, no Estádio das Antas, poderá ser alterada ou a ordem dos jogos invertida. Pinto da Costa adianta que vai estabelecer negociações com o presidente do Benfica, para alterar a data da partida, dado o impedimento do FC Porto em utilizar as Antas.

Os dirigentes portistas estimam que a 15 de Agosto seja colocada a relva no Estádio, mas só um mês depois é que o campo estará em condições de ser utilizado.

Em relação a jogos particulares, a disputar no início da temporada, apenas está acertado um encontro com a Académica, no dia 26.

Sobre os jogadores a dispensar está dado como certo o ingresso do guarda-redes Matos no Salgueiros (a título definitivo) enquanto no Espinho irão jogar José Albano, Ralph, Silvino, Sérgio Cruz e Rodolfo Coutinho. Abandonam o clube das Antas, a título de empréstimo: Bobó (Marítimo), Júlio Sérgio (Chaves), Soares (Varzim) e Mito (Académica).

Silves: futuro

O Silves assegurou os serviços de oito novos jogadores, com vista à sua presença no

«Nacional» da 3.ª Divisão, Série «F». Amílcar (ex-Estrela da Amadora), Cintra e José Manuel (ambos ex-Imortal), Sarmiento (ex-Amora), Fernando (ex-Portimonense), Eduardo (ex-Sanjoanense), Nunes e Herbert (ambos ex-Lusitano de Évora) estão dados como certos no plantel do Silves, que será comandado por António Pedrosa, que jogou no Portimonense. Custódio, antigo «capitão» da turma da antiga capital algarvia, ocupará o lugar de adjunto.

De época passada continuam Jorge, Jaime, Chico Santos, Calhau, Rosinha, Zezinho, Paulo Águas, Carlos Gomes, José Fernandes e Paz. Serão promovidos os juniores Beto, Rosário e João Rui. Abandonam o clube algarvio Nanino, Virgílio, Tito e Tó Manuel (todos dados como prováveis no Louletano). Luís Cláudio (possível reforço do Estoril) e João, que regressa ao Alvorense.

Trofense: reforço

Treinada pelo antigo «internacional» Fernando Mendes, que já logrou saborosos triunfos como técnico de mérito reconhecido, o Trofense (preparado para actuar na Zona Norte do campeonato da 2.ª divisão) recrutou Pestana, «internacional» júnior que estava no Sacavenense.

Telé Santana acusa Havelange

O ex-director técnico da selecção brasileira, Telé Santana, afirmou que o presidente da FIFA João Havelange «não sabe nada de futebol». Santana, que renunciou ao cargo de responsável pelo «escrète» depois da eliminação do Brasil do mundial do México-86, reagiu assim às declarações críticas de Havelange, segundo as quais o fracasso brasileiro se deveu a um erro técnico, por ter sido ordenada a entrada de Zico no jogo com a França, sem que este se



Gomes e André já se apresentaram ao trabalho



O dr. Domingos Gomes (director do Departamento Médico dos «dragões») e o jovem massagista Rodolfo Moura, nova aquisição, para o seu sector.

encontrasse totalmente recuperado de uma lesão.

Segundo Telé Santana, «Havelange é um grande presidente da FIFA, mas percebe pouco de futebol. Conheci-o quando nadava no clube Fluminense e nunca o vi assistindo a um jogo de futebol ou a dar um pontapé numa bola».

Brown possível no Colónia

José Luís Brown, «libero» da selecção argentina (campeã mundial no México), negocia a sua transferência para o Colónia da 1.ª divisão da Alemanha Federal. O Colónia procura um

substituto para o holandês Michel Van de Korput, que abandonou o futebol devido a uma grave lesão.

Dirigentes do clube alemão-federal já mantiveram os primeiros contactos com Brown (29 anos) que se mostrou favorável à sua transferência para a Europa, mas pediu algum tempo para reflectir. Brown joga no Nacional Medellin (da Colômbia) e afirmou que gostaria de actuar na Alemanha Federal, «país onde o futebol é de grande nível», acrescentou.

A direcção do Colónia pensa que o contrato de Brown custará cerca de 800 mil marcos (cerca de 55 mil contos).

Marítimo: lamento na hora da esperança

«O Sport Marítimo tem, como objectivo para a próxima temporada futebolística, a afirmação definitiva como equipa da 1.ª divisão nacional — foi anunciado no Funchal pelo presidente do clube, António Henriques. Esta afirmação foi proferida no decorrer da cerimónia de apresentação do «plantel» para a nova época, o qual integra 22 futebolistas, que serão orientados pelo treinador sueco Stefan Lundin, auxiliado por Rui Rodrigues (Juca).

O novo lote de futebolistas inclui os ex-vimaranenses Costa, Gregório Freixo, Bobó, Valério e Teixeira, o ex-sportinguista Eldon, o brasileiro Nunes e Artur Semedo (ex-Co-

vilhã). A estes futebolistas juntam-se, provavelmente, os portistas Paquito e Paulo Ricardo (estando as negociações para a sua transferência para a Madeira quase concluídas) e, ainda aqueles que renovaram o seu contrato com o Marítimo: casos de Quim, Matos, Aurélio, Silvanus, Osvaldo, Camacho, Duarte e três ex-juniões.

O Marítimo (foi afirmado pelo seu presidente) despenderá na próxima época cerca de 110 mil contos com a equipa de futebol e procurará conseguir a melhor classificação de sempre no «nacional» da 1.ª divisão.

Segundo disse António Henriques, o Marítimo «disputará o campeonato com a confiança

que o «plantel» e a equipa técnica inspiram, consciente que às dificuldades habituais, decorrentes da insularidade e da realidade desportiva, se acumularão factores tendentes a criar ainda maiores dificuldades à presença dos madeirenses na prova máxima do futebol português. A essa dificuldade (concluiu) o clube responderá com a certeza de que a participação no campeonato nacional da 1.ª divisão teve de ser arduamente conquistada em sucessivas batalhas com aqueles que primeiro nos impuseram humilhantes condições de participação e, depois, tudo fizeram para afastar o Marítimo do plano nacional».



Obras no Estádio das Antas, para rebaixar o relvado



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

PORTO / LISBOA / PARIS

DIAS 14 e 21 DE JULHO

* (Circulações especiais)

— Carruagens — couchettes (sem transbordo em Hendaye)

— Carruagens de 2.ª classe

PORTO	9.56	LISBOA	8.50
ESPINHO	10.26	SANTARÉM	9.36
OVAR	10.38	ENTRONCAMENTO	9.58
ESTARREJA	10.47	FÁTIMA	10.13
AVEIRO	10.59	CAXARIAS	10.28

PAMPILHOSA	12.00	SALAMANCA	20.06
MORTÁGUA	12.26	VALLADOLID	22.13
S. COMBA DÃO	12.40	BURGOS	00.14
NELAS	13.14		
MANGUALDE	13.27	HENDAYE	6.14
GOUVEIA	13.43	BAYONNE	6.43
CELORICO	14.12	BORDÉUS	8.56
V.F. NAVES	14.29	ANGOULLEME	10.05
GUARDA	15.02	S. PIERRE CORPS	12.03
CERDEIRA	15.17	PARIS	14.09
V. FORMOSO	16.12		

* — Condições tarifárias especiais, designadamente para grupos e jovens (BIJ)
— Reserva de lugar gratuita
— Horários que permitem boas ligações para algumas cidades espanholas

Para melhor esclarecimento, consulte as nossas Secções de Informação, as Estações e as Agências de Viagens.

Jorge Luis Borges: a última entrevista

Fabien Restivo

Folha de S. Paulo/NP

Muito antes de começar soube que não seria fácil. Foram quatro dias de chamadas telefônicas e tentativas que receberam respostas contraditórias, mas impunha-se que tomasse uma decisão, dado que Jorge Luis Borges partia em breve para Genebra.

Toquei a campainha e senti passos lentos do outro lado da porta. Pouco depois a voz inconfundível de Jorge Luis Borges perguntou «Quem é?».

Tive a certeza de que estava só e avancei «Fabien Restivo. Venho fazer-lhe uma entrevista».

A sua resposta não se fez esperar «E quem é Fabien Restivo?», mas tendo em conta que este homem se deu ao luxo de ignorar entre outros a escritora Marta Linch e o Prémio Nobel da Literatura de 1984, Jaroslav Seifert, pensei que era uma honra não me conhecer.

Mesmo assim abriu a porta.

Após as explicações que se impunham tomou o meu braço e enquanto seguíamos até a um salão enorme perguntou-me «não vai raptar-me? — começou a rir e prosseguiu — soube que um homem daqui de perto foi assaltado, tiraram-lhe o carro, as roupas e os sapatos e ficou na rua em cuecas».

«Quanta violência. Este mundo está a ficar louco».

«De qualquer forma não podemos perder o optimismo», afirmou.

«A palavra optimismo foi criada por Voltaire, ninguém o sabe, mas todos a usam, claro que depois surgiu o seu contrário, pessimismo e assim temos o melhor e o pior», explicou Borges.

Informei-o de que queria fazer não uma entrevista vulgar mas uma série de reflexões.

«Seria melhor se fossem perguntas, mesmo em forma interrogativa, porque se me diz simplesmente fale disto, fico um pouco perdido. Não se esqueça de que sou um homem velho. Vou cumprir 86 anos», contestou Borges.

«Como o tempo passa. Creio que ontem completou cem anos Alicia Moreau, que está a receber tratamento intensivo. Vi-a há já 20 dias e disseram-me que era esse o dia do seu aniversário».

«Na verdade deve haver tanta gente para entrevistá-la que pode fazer cem anos durante um mês seguido», gracejou.

«Mas cem anos é muita idade», adiantei.

«Era uma idade normal para os hindus. Schopenhauer dizia que só depois dos cem anos se morria de repente e considerava que morrer de agonia (agonia significa em grego luta) seria tão aleatório e casual como ser

devorado por uma fera ou afogar-se».

«A idade normal para morrer seria por isso os cem anos», prosseguiu Borges.

«Que pensa do julgamento das juntas militares?», inquiri.

«Creio que é necessário. É a primeira vez na história da América do Sul que se julgam governantes e acho bem que isso seja feito».

«Depois de tantos anos de ditadura havia que castigar alguém», respondeu.

«Qual a imagem que guarda da mulher?», avancei.

«A mesma das outras pessoas. A mulher é algo de muito vago».

«São muito diferentes umas das outras, não se pode generalizar. Veja por exemplo essa mulher, Marta Linch, cujos livros nunca cheguei a ler. Suicidou-se. E que podemos dizer disso? Não, não podemos de facto generalizar», considerou Jorge Luis Borges.

Em seguida fala de jogo, da lotaria e pouco depois salta para um outro tema.

«Viu a roleta? Em matéria de jogo ninguém bate a roleta», assegurou.

«Jogava na roleta?», perguntei.

«Joguei, há já muito tempo e até inventei artimanhas que eram sempre ineficazes», prosseguiu. «Finalmente arranhei uma que era bastante original e que me permitia ganhar quase todas as noites, mas quando perdia, ficava sem nenhum dinheiro».

«Há muita gente para quem o jogo é apenas um desporto», referi.

«Sim», concordou Borges. «há jogos que são desportos, as corridas de cavalos e as lutas de galos, por exemplo».

«Aqui em Buenos Aires conheci apenas um lugar onde se podiam ver lutas de galos. A diferença entre as lutas de galos e o futebol é o dinheiro. Pode ganhar-se muito mais dinheiro no futebol. A um desporto assiste sempre muita gente».

«Deve ser porque apareceu em Inglaterra», adiantei.

«Esgueto, não é? As pessoas gostam da Inglaterra e no entanto nunca lhe atiram à cara o ter inventado jogos estúpidos como o futebol».

Usar esse argumento seria bastante forte, pois trata-se de jogos puramente físicos, mas também é verdade que inventaram o bridge, que é intelectual», divagou o escritor.

Em seguida, a conversa continuou rumo à política.

«Borges, a propósito deste Governo queria pôr-lhe uma pergunta baseada numa frase de um cantor popular «o que não



conseguiram os antigos gregos nem Whitman, consegue Alfonsín com uma xícara de café e o encanto do poder: convencer Borges de que a Democracia vale a pena», que pensa dela? Nunca esquecerei a gargalhada que ouvi depois de ter pronunciado a frase.

«Muito boa essa frase, engenhosa. Mas é evidente que quando vêm as eleições se têm de votar em alguém voto em Alfonsín, porque apesar de ser um homem medíocre, supõe-se que é um cavalheiro, pelo menos não é um assassino nem um criminoso», retorquiu Borges.

«Para além do mais não creio que ele possa fazer mais do que faz».

«Que interesse teria no aumento do custo de vida que tanto descontentamento provoca?», continuou.

Falando sobre o suicídio, Borges divagou: «A única pessoa que tem direito a pôr fim à vida é o próprio».

Lugones tinha 30 anos quando escrevia «dono da sua vida, o homem é-o também da sua morte» e estou de acordo».

«Creio que para os japoneses era um sinal de maturidade», comentei. «Será que existe a maturidade?».

«Espero que sim, apesar de não ter chegado a ela, cheguei apenas à decrepitude e acredite que da infância à decrepitude vai bastante», confessou o escritor.

Continuando a falar de si, Borges considerou «de tudo o que se escreveu de mim, li apenas um livro, intitulado «Borges em Lima e Clave», da autoria de um boliviano, um tal Tamayo, e de um outro indivíduo chamado Ruiz Dias».

«Esse livro foi publicado em 1953 e naquela época ninguém falava de mim porque eu era e ainda sou antiperonista. Os es-

critores de que então se falava agora estão esquecidos e na altura frequentavam os almoços de Eva Peron».

«Tinham nomes incríveis, um deles lembro-me que se chamava Musopapa e um dia escreveu um artigo bastante injurioso contra mim», argumentou.

Interrogado sobre se possuía inimigos actualmente, Borges respondeu: «Não, nem quero ter um só inimigo, e se tenho, os meus amigos não me disseram nada».

Dias depois desconhecia-se qualquer informação sobre Jorge Luis Borges.

Entre as poucas coisas que se sabia, figuravam as suas doenças de rins e próstata que tinham motivado uma viagem à Suíça ou a Itália, na companhia da então sua secretária Maria Kodama.

Mas não se sabia ao certo onde estava nem o que fazia Jorge Luis Borges.

Alguns vozes atreviam-se a dizer que Maria Kodama, com quem entretanto casara, tecera em redor do famoso escritor argentino uma teia impenetrável.

Tanto a sua fiel criada Fani como a sua irmã só recebiam notícias dele através dos rumores da Imprensa.

Mais tarde, ocorreu o que todos sabemos. Poucos dias depois de chegar a Genebra, Borges é internado, aparentemente devido a pneumonia.

Após a sua morte soubemos que se tratava de um cancro.

A 14 de Junho de 1986 foi a morte de Jorge Luis Borges.

Assim termina ou recomeça a história do que foi o mais genial de todos os escritores de língua espanhola deste século.

Um homem disputado, mitificado, agredido, defendido desde todos os ângulos possíveis. Assim termina ou recomeça a história de Jorge Luis Borges.

Borg Ring e Nicole Solomon no júri do Festival de Espinho

O realizador holandês Borg Ring, premiado em 1986 com o Oscar para o melhor filme de animação, será um dos membros do júri do Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho — informou uma fonte da organização.

Para além de Borg Ring, também a presidente da Associação Internacional do Filme de Animação, a francesa Nicole Solomon, confirmou o convite para integrar o júri internacional do Cinanima, cuja décima edição se desenrola em Novembro.

António Gaio, membro da Comissão Organizadora disse à Anop que «a confirmação da presença de nomes grandes da animação espelha o reconhecimento internacional que o Cinanima conquistou, como um dos importantes certames do género que se realiza no mundo».

O soviético Youri Norstein, autor de «O Conto dos Contos», filme reconhecido pela crítica «como o melhor trabalho de animação de todos os tempos», é outro dos realizadores que «muito provavelmente fará parte do júri do próximo festival», — disse.

A organização do Cinanima, a cargo da Cooperativa de Acção Cultural Nascente, prevê que nesta décima edição seja dedicada a este realizador soviético uma retrospectiva das suas melhores produções.

«Memórias do Cinanima»

será outra das retrospectivas a apresentar, reunindo os melhores filmes que foram vistos no certame desde a primeira edição, em Novembro de 1977.

O cartaz do décimo Cinanima, da autoria de João Machado, está a ser enviado para o estrangeiro e «constitui uma das melhores formas de divulgar o festival, dada a sua elevada qualidade gráfica», disse António Gaio.

Os cartazes das sucessivas edições do Festival têm sido referenciados em diversas publicações da especialidade e conquistaram alguns prémios em concursos internacionais de artes gráficas, o elemento da organização do Cinanima adiantou que uma delegação do certame se encontra de momento na Jugoslávia a participar no Festival de Zagreb onde serão ultimados contactos relacionados com a preparação do próximo Festival de Espinho.

Salientou também que o genérico que abrirá todas as sessões do Cinanima «é este ano realizado por elementos do «atelier» de animação da Cooperativa Nascente, secção a que está cometida a organização de actividades de formação desta forma específica de fazer cinema e que integram o Cinanima/86».

O Cinanima é um dos seis festivais internacionais reconhecidos pela ASIFA e o único certame do género que tem lugar na Península Ibérica.

Entre 12 e 20 deste mês

Lawrence Ferlinghetti visita Portugal

O poeta norte-americano Lawrence Ferlinghetti visita Portugal de 12 a 20 de Julho, estando prevista a sua participação em duas sessões de leitura de poemas, uma em Lisboa, outra no Porto, disse uma fonte editorial.

Coincidindo com a visita, será feita em Portugal, pela Editora Ulmeiro, a distribuição de uma recolha poética de Ferlinghetti intitulada «A Boca da Verdade», uma edição preparada pelo autor e por Andre Shan Lima, que traduziu os poemas do original em língua inglesa.

Do poeta, figura tutelar da «beat generation» que nos anos 60 animou cultural e politicamente a sociedade norte-americana, há em edição portuguesa apenas um título, «Como Eu Costumava Dizer», antologia breve da sua obra poética organizada e traduzida por José Palla e Carmo para as Publicações Dom Quixote, em 1972.

O poeta dará o primeiro recital da sua poesia na Livrarte, Lisboa, e o segundo no Porto, em local a fixar.

Ferlinghetti participa actual-

mente no Festival Internacional de Poesia de Cogolin, França, em que estão presentes os poetas experimentalistas portugueses E. Melo e Castro, Fernando Aguiar e Silvestre Pestana.

Nascido em Nova Iorque em 1919, Lawrence Ferlinghetti passou em França a maior parte da infância, foi oficial da marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, formou-se na Universidade de Columbia e tirou o doutoramento na Sorbonne em 1951.

De regresso aos Estados Unidos, fundou e dirigiu em San Francisco a editora e livraria «City Lights», que esteve na origem do movimento dos «Beatniks», por volta de 1955.

Destacam-se na sua bibliografia obras como «pictures of the Gone World», «Starting from San Francisco», «One Thousand Fearful Words for Fidel Castro», «Where is Vietnam», «The Secret Meaning of Things», «Tyrannus Nix» e «Mexican Girl» (poesia), «Her» (ficção), «Unfair Arguments with Existence» e «Routines» (teatro).

Ironias de Garrett

Carlos Porto

«O Corcunda Por Amor», de Almeida Garrett. Dramaturgia, Encenação e Cenografia: Castro Guedes. Colaboração: Fátima Castro, António Capelo, José Prata, Moura Pinheiro e Fernando Canossa. Interpretação: Jorge Paupério, Celso Castro, Luís Duarte, Clara Nogueira, Luís Correia e Jorge Mota. Tear/Teatro. Estreia: 1-5-86 (18-5-86, FITEI).

«Corcunda por Amor», contribuição do TEAR para o FITEI/86, é uma peça de juventude de Garrett que a estreou quando tinha 22 anos, em 1821. É, portanto, contemporânea de «Catão», tragédia com a qual, aliás, essa farsa em um acto foi apresentada. A sua história, no entanto, tem alguns pontos obscuros. Na edição das Obras Completas do autor surge como escrita em colaboração com Paulo Midosi que viria a se cunhado de Garrett, embora F. Gomes de Amorim, na sua conhecida biografia, lembre o facto de o próprio Garrett ter cortado o parágrafo do prefácio que continha o reconhecimento dessa colaboração, declaração que não viria a ser retomada.

Estudiosos modernos da obra de Garrett aceitam geralmente essa co-paternidade da farsa. De resto torna-se difícil subscrever inteiramente o ataque que Gomes de Amorim desferia

contra a pecinha de Garrett/Midosi que ainda hoje não parece não dispicienda como isso. Para Ofélia M.C. Paiva Monteiro («A Formação de Almeida Garrett»), «O Corcundo por Amor» funcionou no espectáculo de estreia como entremez, «como era costume fazer-se no final das tragédias, sem dúvida para diluir no riso o efeito patético da sua acção» (pág. 498).

Diga-se que se tratava de um processo que vinha da Grécia clássica onde, como se sabe, o ciclo trágico era completado por um drama satírico. R.A. Lawton vai mais longe («Almeida Garrett l'Intime Contrainte») ao propor «O Corcunda por Amor» como uma contrapartida em termos de farsa da tragédia «Catão»: a farsa é como que uma caricatura da mesma realidade. Na tragédia, o confronto político entre liberalismo e absolutismo era nobre e generoso; mostrado como exemplo, servia

como estímulo da acção, realçando as motivações dos actores. «O Corcunda...» é o seu oposto, mostrando o aspecto ridículo das mesmas motivações, reduzindo a hostilidade dos adversários a meras rivalidades políticas. Enquanto «Catão» faz chorar, «O Corcunda por Amor» faz rir (pág. 292).

«O Corcunda por Amor» conta a história de Eleutério, estudante, que finge ser adepto do absolutismo (corcunda era na época o cognome de absolutista) para poder casar com Carlota de quem o pai, dr. Lapafúncio é fanático adepto. Para isso o jovem conta com a colaboração de um amigo, Augusto, que se disfarça de criado para o acompanhar.

A peça mantém alguma vivacidade graças à força caricatural das personagens, caso da D. Carangueija, mãe de Carlota, e à actualidade de alguma carga crítica que algumas falas implicam. Por exemplo, quando o doutor diz que não entram em sua casa jornais que cheiram «a um desaforado libertinismo», ou quando outra personagem recorda os bons velhos tempos em que «as coisas andavam de outro modo: um bom capelão governava a casa, cuidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciências, etc. etc.

Agora! Pois não? Os bons

costumes foram-se... «Além disso, as referências à corrupção são igualmente indiciadoras da actualidade do texto, reforçado por alguns sinais directos da encenação, como o cravo de Eleutério.

Nem por isso se deixa de reconhecer a menoridade deste «Corcunda por Amor» em relação a outras peças de Garrett.

Depois de um interregno com a peça de Júlio Dinis, Castro Guedes regressou com este trabalho à utilização de processos meyerholdianos de encenações anteriores com a geometrização da marcação e a mecanização da gestualidade do actor, além de alterações da estrutura do texto, com repetições de cenas e de falas, e ainda de efeitos como o dos actores a aplaudir o público.

O processo de marionetização do intérprete esvazia texto da sua comicidade embora sublinhe os seus aspectos caricaturais. Há, no entanto, algum desfasamento entre o processo e a fluidez do texto talvez menos adequado do que outros para operar no interior da linguagem cénica criada pelo encenador.

Este espectáculo vale uma vez mais, e sobretudo, como um exercício em que os intérpretes, e em especial Jorge Paupério e Luís Duarte, participam com presteza e habilidade.



Uma serigrafia de Henry Victor em exposição na Galeria de Arte do Casino do Estoril

Exposições

● Na Galeria de Arte do Casino do Estoril encontra-se aberta ao público, das 15 às 24 horas, até ao próximo dia 13 deste mês, uma **Exposição de Gravura de Artistas Brasileiros e Portugueses**. Entre os brasileiros estão presentes alguns dos nomes mais importantes que actualmente se dedicam à gravura, nomeadamente Guilherme Faria, Darel, Bianchetti, Eduardo Iglésias, Sciar, Volpi, Lyria Palombini, Bárbara Xumaia, Henry Victor, Antunes, Eduardo Lima, Dila, Renina Katz, Otoni Gali Rosa, Sérgio Matta e Celina Lima Verde. Todos estes artistas se encontram ligados ao Atelier de Litografia de São Paulo — Ymagos — que tem vindo a desenvolver uma importante acção na difusão do trabalho gráfico naquela grande metrópole brasileira. Assinale-se que todos os trabalhos executados são gravados em pedra pelos seus autores, alguns dos quais têm hoje projecção internacional, como é o caso de Guilherme Faria, autor de elegantes silhuetas femininas e cuja obra se encontra hoje divulgada por todo o Brasil; o mesmo se dirá de Eduardo Iglésias, artista que no ano passado representou o Brasil na «Arco» de Madrid. Entre os artistas portugueses destaca-se a presença de Vieira da Silva, Carlos Botelho, Thomaz de Mello/Tom, Manuel Cargaleiro, Francisco Relógio, Artur Bual, Emília Nadal, José de Guimarães, Costa Pinheiro, João Hogan, Maria Irene Ribeiro, Maluda, Américo Silva, Luís Dourdil, Sá Nogueira, João Cutileiro, Henrique Ruivo, António Botelho, Júlio Pomar, António Palolo, Guilherme Parente, Isabel Laginha, João Mourão, António Araújo, Eduardo Alarcão, Joaquim Rodrigo e José João de Brito.

Música

● O «XII Festival de Música da Costa do Estoril» prossegue esta noite com um recital de piano por **Maria Morais**, que se inicia às 21.30 horas no Teatro Gil Vicente, em Cascais. A «Valsa Mefisto», de Liszt é o ponto alto da noite. Uma peça que parece vazia está afinal estruturada por uma história, extraída do «Fausto» e intensa. Mefisto chega a uma aldeia, Lenau, e vai abrigar-se na pousada. Lá encontra uma pequena orquestra de músicos locais que afinam os seus instrumentos, preparando o concerto (na Valsa é a primeira parte, música agreste, desagradável estridente). Segue-se o baile (e na Valsa a música rodopia). Mas a dança, que vai ter um elemento diabólico, nesse momento é só romântica (Mefisto encontra uma jovem extremamente bela e na Valsa surge o contraste, a melodia, o canto). Por fim — e então virtuosismo e diabolismo misturam-se — a dança acelera, exagera e a música acentua a parte de valsa até à destruição do par que dança e, até, a própria forma de valsa. Maria Morais interpreta ainda uma peça raramente ouvida em Portugal: a Sonata n.º 4, de Beethoven e também, de Messiaen «Première Communion de la Vierge» e, de Chopin a «Sonata Fúnebre».

Bailado

● No Teatro Académico de Gil Vicente a «Academia de Dança Sophia Rouch», de Aix-en-Provence (França) realiza um espectáculo de bailado, com início pelas 21.45 horas.

Ópera

● No Teatro Nacional de S. Carlos realiza-se esta noite, pelas 20.30 horas, mais uma representação da ópera em 4 actos de G. Puccini, «La Bohème». Do elenco destacam-se os nomes de Elizette Bayan, Carlos Jorge, José Fardilha, Costa Coutinho, José de Freitas, Lia Altavilla e Hugo Casais.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 64 876

«PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE CATALISADOR DE POLIMERIZAÇÃO DE OLEFINAS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º —
Esq.
1000 — LISBOA

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA

Rua Alexandre Herculano, 70 — 1200 Lisboa

PROCURA-SE!



0000\$00

RESERVAS - TEL. 686300

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso
 direcção

Helder Costa



2.º MES • Ar condicionado

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club

T. 763319

OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

VIVER EM MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

007 — ORDEM PARA MATAR
(maiores 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

A LEI DO SEXO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio

— T. 372358

O PRAZER ABSOLUTO
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h



Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarto e Estúdio 444.

Castil

T. 530194

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

OPÇÃO FINAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS PIRATAS DAS ILHAS SELVAGENS
(maiores 6 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

TRÊS HOMENS A ABATER
(n./acons. a men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

DANS LA NUIT/1929
(18.30 h)
ON OISEAUX RARE/1935
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

LAGOA AZUL
(não acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ASSALTO À 13.ª
ESQUADRA
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

COMANDO
(m. 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

O ALVO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

CHRISTINE F.
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS SELVAGENS DA NOITE
(n./acons. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

O VESTIDO COR DE FOGO
(maiores 12 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

A EXPERIÊNCIA DE FILA-DÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30, e 24 h

Império

— T. 555134

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ABSOLUTE BEGINNERS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

EMMANUELLE ANTI-VIRGEM
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

VAMOS FALAR DE SEXO
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O IMPERADOR DOS BARBAROS
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 21.30 e 24.00 h

Politeama

T. 326305

CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VINGANÇA DE UMA MULHER
(maiores 16 anos)
23.45 h

«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOSFERATU, O FANTASMA DA NOITE
(m. 16 anos)
23.30 h

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER PÚBLICA
(m. 16 anos)
23.30 h

A ESCRAVA DO AMOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
1900 (1.ª parte)
(maiores 16 anos)
00.45 h

N'Gola

ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo

T. 610375

ENCERRADO

Cinema Rex

— T. 864756

OS RAPAZES DA GUERRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h

Roma

T. 889192

O PROTECTOR
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O CHANFRADO DA BOLA
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

007 — OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

AMERICANA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

O AMOR QUE NÃO MORREU
(menores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro Lido — «Justiciero de Nova Iorque», às 21.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Um lugar no coração», às 15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Babilónia, «Rambo — A vingança do herói», às 15.15, 18.30 e 21.30 h

Estúdio Dois Eme — «O enigma da pirâmide», às 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Juventude inquieta», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Loucas Aventuras de Amor e Sexo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os dois superpoliciais em Miami», às 15.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

Sala 2 — «Vampiros em fúria», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A última reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O enigma da pirâmide», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Juventude inquieta», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «O golpe dos enrascados», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Academia — «A fúria da dança», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Três homens e um berço», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «As minas de Salomão», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos)

Sala 2 — «Heróis e amantes», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

CRUZ DE PAU — Lord — «Juventude inquieta», às 16.00 e 21.00 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «O justiciero de Nova Iorque», às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical — «Gente gira», às 16.00 e 21.30 h (n./acons a m. 13 anos)

MOSCAVIDE — Stop — Encerrado para férias

ODIVELAS — Cineodível — «Gente gira n.º 2», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Cineoceano — «Rocky IV», às 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — «Comando», às 16 e 21.30 h (maiores 16 anos)

MOSCAVIDE — Stop — Encerrado para férias

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA: Costa, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO**: Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE**: Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO**: Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE**: Brasil, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA**: Benfica, E. de Benfca, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **LUMIAR**: Almeida, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARQUÊS DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA**: Martuz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTOS**: Marcos Nascimento, Cç. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **BRANDÃO - AMADORA**: Tavares de Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS**: Castelo Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA**: Leão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL**: São Miguel, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA**: Cortez, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE**: Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ENCARNAÇÃO**: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS**: Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA**: Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR**: J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO**: Confiança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO**: Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Galeno, R. Capitão Leão, 85-B (T. 2760565). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higiénica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **MONTE DE CAPARICA**: Guerreiro, lote 31, Moimho (T. 2950727). Até às 19 horas; **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, R. dos Alamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Universo, Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA**: Fonseca, R. do Robetejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **ARRENTELA**: Lusitana, R. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Giraldes, R. Almi-

rante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL**: Tavares da Silva, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel, Lt. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; Lisboa, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Até às 22 horas.**

Linha de Cascais — ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TÍRES**: Guimarães, L. Duques, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE**: CHE: Carvalho, B. do Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS**: Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, A. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE**: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imano, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Suíça, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 4932485). Permanente; **Igreja**: P. da Igreja, 22-A (T. 4937740). Até às 22 horas; **DA-MAIA**: D. João V. Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 4375566). Até às 22 horas; **APELAÇÃO**: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM**: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRÃO**: Vitor Manuel, R. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA**: Marrazes, L. Afonso de Albuquerque, 24, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM**: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES**: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS — SÁ DA BANDEIRA, R. de Sá da Bandeira, 236; **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53; **ANTERO DE QUENTAL**, R. Antero de Quental, 520; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

TEATROS

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de Franz Xaver Kroepf. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00

«MAE CORAGEM E OS SEUS FILHOS», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogério Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756
2.ª a 6.ª feira às 21.45
Sábados e Domingos às 21.45 e às 16.00

«A SEVERA» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro M-nheiro, António Machado, Armindo Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«CLAMITY JANE» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Helder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Interpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt (Tel. 734309)
Sábado e de segunda a quinta às 21.30
Domingos às 15.00

«O FIM» de António Patrício. Encenação de Jorge Listopad. Cen/fig. de Nuno Carinhas. Música de Paulo Brandão. Interpretes: Carmen Dolores, Carlos Wallenstein, Filipe Ferrer, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Silva, Maria Amélia e Ricardo Rosa.

Cooperativa da Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feto, Camilo de Oliveira, Dulce Gumarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Interpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Nacional D. Maria II

Sala Experimental

De terça a sábado às 21.45
Domingos às 16.30

«COMÉDIA DOS ANFITRÍOES» de Luís de Camões. Pelo TELA. Enc. José Valentim Lemos. Interpretes Ávila Costa, Fernando Loureiro, Figueira Cid, Luís Costa, Maria José Belbut, Rui Sérgio, Teresa Roby e Waldemar de Sousa.

Teatro Oficina

R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, domingo, e seg., às 21.30

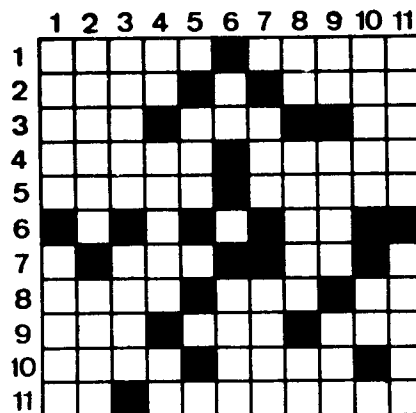
«COMANDO PARA A MORTE» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacosta. Encenação de João Barros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 768

HORIZONTAIS:

- 1 Querida. Percebem.
- 2 Bola revestida de pele. Lábios.
- 3 Fileira. Transpira. Artigo indefinido.
- 4 Vela imediatamente superior à grande. Garganta.
- 5 Genera. Encolerizar.
- 6 Rádio (s.q.).
- 7 Cabelos brancos. Grande ribeira da Ásia Russa.
- 8 Vila e concelho do distrito de Aveiro. Em as. Pronome reflexo.
- 9 Raer. Cidade da Ucrânia. Vai para fora.
- 10 Esteiros. Filho da filha em relação aos pais.
- 11 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Caisse à cama.



VERTICAIS:

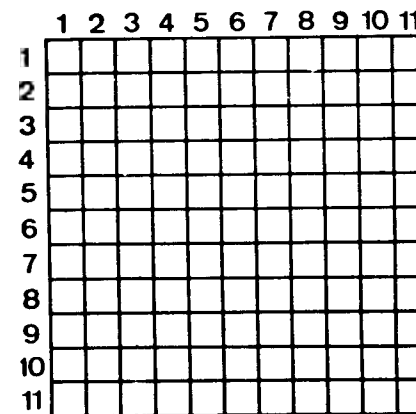
- 1 Aplaca. Expira.
- 2 Adoçais com mel. Vaso sanguíneo.
- 3 Içava. Rosto.
- 4 Oferece. Vaguear. Apelido.
- 5 Pequeno símio do Brasil.
- 6 Despido. Artigo definido. Romance de Emílio Zola.
- 7 Nome de letra. Lavrem.
- 8 Prefixo que designa afastamento. Naípe das cartas de jogar. Basta!
- 9 Boro (s.q.). estavam. Solitários.
- 10 Peixe do mar Vermelho. Sardia.
- 11 Sugar o leite materno. Anilam vertebrado, aquático com o corpo coberto de escamas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 606

HORIZONTAIS:

- 1 Pequeno cão selvagem, ágil e bravo do Brasil. Africano de tez azeitona.
- 2 Variedade de chá. Mio.
- 3 Natural. Contesta.
- 4 Instrumento para atirar setas. Sufixo que designa estado.
- 5 Ouro (s.q.). Regula as doses de.
- 6 Pulariam.
- 7 Preguiça. Espádua.
- 8 Espécie de formiga (Bras). Reis. Costume.
- 9 Sofrei (fig).
- 10 Cousa nenhuma. Avarento.
- 11 Mencionar. Zombar.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Formos de Algodres. Prefixo de privação.
- 2 Fileira. Cidade da Ucrânia.
- 3 Defeito. Esmurrado.
- 4 Açaimaram.
- 5 Colono índio ou chinês, em colónias europeias.
- 6 Mentiroso.
- 7 Autores. Fechar as asas para descer mais depressa.
- 8 Nome de mês.
- 9 Cidade dos Países Baixos. Fingir.
- 10 Folgado. Preposição e artigo. Escamece.
- 11 Lavrem. Cheiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 767

HORIZONTAIS:

- 1 COMO. VIVE. O.
- 2 Oca. Vira. VS.
- 3 Matais. Grás.
- 4 Rá. Visasse.
- 5 Dás. Éter. Só.
- 6 Somara. AS.
- 7 Alas. Me. Al.
- 8 To. Nabos.
- 9 Rn. Rs. Ocaso.
- 10 Ecoa. Or.
- 11 Ia. Sacaras.

VERTICAIS:

- 1 Com. Dra. REI.
- 2 Ocara. Lança.
- 3 Matassa.
- 4 Ostras.
- 5 VIVEM. OS.
- 6 Visitam. CC.
- 7 Ir. Sereno.
- 8 Vagara. Açor.
- 9 Rs. Abara.
- 10 VASSALOS.
- 11 Osseos. Sós.

PROVÉRBO: Como vive o rei, vivem os vassallos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 605

HORIZONTAIS:

- 1 Zurca. Xenim.
- 2 Aas. Reimoso.
- 3 Nu. Cr. Ratar.
- 4 Trepo. Ara.
- 5 Estimio. CI.
- 6 Varais.
- 7 Romances. Ca.
- 8 Pargo. Nios.
- 9 Marias. Rue.
- 10 EC. Ar. SS. Ga.
- 11 Cossaco. Sol.

VERTICAIS:

- 1 Zante. Mec.
- 2 Uau. Opaco.
- 3 Rs. TT. Mar.
- 4 Crivarias.
- 5 Arremangara.
- 6 Porcos.
- 7 Xiró. Ae. Só.
- 8 Ema. Cisnes.
- 9 Notais. Iu.
- 10 Isar. Corgo.
- 11 Moradias. Al.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Trechos de óperas; 17.00: Integrais; 17.35: Música de câmara, de Mozart; 18.00: Quinteto em mi bemol maior, op. 16, de Beethoven; 18.40: Suite, n.º 1, op. 3, de Bela Bartok; 19.18: Sonata, n.º 48, em dó maior, de Haydn; 19.30: Música, de Wagner; 20.00: 6 peças, para órgão, de John Bull; 20.40: Música portuguesa; 22.20: Música de câmara; 23.00: Intercâmbio musical; 00.20: Música, Suite n.º 1 em lá maior, de Haendel; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290, e 397m)

15.00: Dora a hora; 16.00: A feira mágica; 19.15: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazz; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Jornal da tarde; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Voz de Lisboa

14.00: Meia-tarde; 15.00: A Rádio na cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários de hora a hora.

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados

«As Vidas Secretas de Waldo Kitty».

15.25 — Documentário

«Caminha»

15.50 — Imaginação da Matéria

(2.º programa) — «O Corpo e o Espaço»

16.20 — A Tragédia da Rua das Flores

(2.º episódio)

17.15 — Histórias com Pés e Cabeça

(2.º episódio): «Quem se mete em trabalhos»

17.30 — Ontem Viu?

«Ferro Forjado»

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Jovem Ramsay» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.10 — Jazz para Todos

Maria Viana apresenta o Quarteto do saxofonista Carlos Martins, José Duarte e Phill Woods.

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(86.º episódio): Vânia tenta convencer Teresa a procurar um médico psiquiatra pois acha-a diferente do habitual, renitente na sua ideia de separar Eloá e Osmar para sempre. Alice consegue o emprego de recepcionista e após uma longa conversa reconcilia-se com o pai a quem pede perdão. Amauri, contentíssimo, diz a Osmar que vai alugar um apartamento para viver com a filha.

Alfredo revela este facto a Lúcia deixando-a irritada com a aproximação de pai e filha. Teresa consegue que Rogério perdoe a Nádia, porém esta ao ir ao seu encontro é atropelada por um carro que é conduzido a alta velocidade.

21.30 — Actual

Entrevista com o dr. Vítor Constâncio.

22.35 — Um César Americano

(2.º Episódio)

Retirado na Austrália, quase sem actividade militar, MacArthur continua a pensar obstinadamente no regresso às Filipinas. Fortemente influenciado pelo pai, militar brilhante, e pela mãe, que sempre o superprotegeu, MacArthur cedo se distinguiu, mostrando as suas capacidades e a sua bravura nos campos de batalha de França durante a I Grande Guerra Mundial. Aos 50 anos, já com o posto de general de 4 estrelas, ainda escondia a amante filipina, com medo que a mãe descobrisse. Só nessa altura se casou, com uma jovem riquíssima, de quem teve um filho. Mas o seu único e verdadeiro objectivo continuava a ser o regresso às Filipinas...

23.00 — 24 Horas

23.30 — Volta a França em Bicicleta

23.45 — Encerramento da Emissão

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»



«A Tragédia da Rua das Flores» volta à RTP, desta vez no período da tarde

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic-Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi».

17.05 — Count Down — Contagem Rock

17.50 — Euro-repórter

O Tempo.

17.55 — Eureka

18.20 — O Tempo

O Mundo Amanhã

18.30 — Série Juvenil

«Dick Turpin»

18.55 — Gala de Alta Escola

Um documentário sobre uma famosa escola para acrobatas.

19.50 — Documentário

«Feito à mão — fabrico da cerveja»

20.00 — Notícias

20.05 — Videopolis

20.35 — Falar de Macau

«Ruínas de S. Paulo». História das Ruínas de S. Paulo, antiga igreja de Macau, que constituem o símbolo de Macau e da fé missionária dos portugueses.

21.00 — Cinema Português em Retrospectiva

«Os Demónios de Alcácer Quibir»:

José Fonseca e Costa traz-nos a história de um Alentejo, onde a luta dos camponeses por uma vida melhor é duramente reprimida, e onde os actores de um grupo teatral ambulante são presos, e posteriormente expulsos para a charneca.

Joana, a ceifeira, o vagabundo Beringela e Lianor conduzem o grupo ao palácio de D. Gonçalo, recordação de outros tempos, povoado de fantasmas. Com canções de Sérgio Godinho e argumento do próprio realizador e de Augusto Sobral, «Os Demónios de Alcácer Quibir» é um dos primeiros filmes surgidos na esteira do 25 de Abril, procurando ser inovador e popular, mantendo simultaneamente a consonância com os tempos que se viviam na sociedade portuguesa.

Depois de «O Recado», filme lúcido e amargo, que marcou a sua estreia como realizador, Fonseca e Costa aborda em «Os Demónios» o messianismo de que está imbuído o sentir português. Filme de transição, revelando influências diversas, encerra uma fase na carreira do realizador, cujos filmes seguin-

tes, «Kilas o Mau da Fita» e «Sem Sombra de Pecado», patenteiam um fôlego, ironia e capacidade de observação que os coloca entre o que há de mais válido no cinema português actual.

Título: «Os Demónios de Alcácer Quibir».

Realizador: José Fonseca e Costa.

Intérpretes: António Beringela, Ana Zanatti, Sérgio Godinho, Luís Barradas, João Guedes, Zita Duarte, Artur Semedo.

Duração: 91 minutos.

Ano de Estreia: 1977.

Género: Dramático.

Fotografia: Cor.

22.35 — Últimas Notícias

23.45 — Vereda Tropical

(52.º e 53.º episódios)

00.15 — Encerramento da Emissão

Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário

11.07 — Memória de um Povo

11.30 — Espaço 11/13

12.35 — Vereda Tropical

13.15 — Jornal da Tarde

15.00 — Desenhos Animados

15.35 — O Homem Montanhês

16.00 — O Conde de Monte Cristo

17.00 — O Dia da Dia

17.30 — Ontem Viu?

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

18.45 — País, País

19.15 — Telemundo

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.35 — Vamos Jogar no Totobola

20.50 — Corpo a Corpo

21.40 — Noite de Cinema — «Um Cérebro por um Bilião»

23.50 — 24 Horas

00.15 — Volta a França

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.00 — Notícias

20.05 — Conheça Melhor

20.30 — A Aventura da Arte Moderna

21.25 — Notícias

21.30 — Foi Êxito na TV

22.30 — Últimas Notícias

22.35 — Vereda Tropical

AOS PAIS

PRP "Transporte sempre as crianças no banco de trás"

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

Um César Americano

RTP 2

Videopolis

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

Vereda Tropical

Anop

GARCIA MARQUEZ, escritor colombiano, viu agora lançada no Brasil a tradução do seu último romance, «O Amor em los Tiempos del Cólera», com uma tiragem inicial de 100 000 exemplares. «O Amor nos Tempos de Cólera», título da tradução publicada pela Editorial Record, uma das mais importantes do Brasil, conta a história de Florentino Ariza, que se declara a Firmína Daza, após 50 anos de espera. O influente diário «O Globo» escreve que o livro é «um grande tratado sobre o amor, a velhice e a morte».

De momento, os trabalhadores vão contactar os grupos parlamentares a fim de solicitarem a adopção de disposições que impeçam qualquer política governamental de facto consumado.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Segurança e Terror

A França actualiza-se. Pense-se o que se pensa sobre o fundo dos quatro projectos de lei que visam a segurança, e cuja discussão os deputados iniciaram esta semana, a verificação é inevitável: estes textos não são de inspiração radicalmente diferente das disposições tomadas pelos nossos vizinhos europeus. Nesse ar do tempo «seguritário», o terrorismo serve de agulhão. É em nome de uma legítima resposta à ameaça que ele constitui, que são introduzidas, nos países em causa, modificações excepcionais do direito penal, num sentido mais repressivo e mais policial.

Que responsável político, candidato aos negócios ou encarregado do poder, ousaria opor-se-lhe categoricamente, com risco de ser acusado de angelismo e de fraqueza? Eles são, com efeito, pouco numerosos, e o Partido Socialista Francês dá o exemplo ao adoptar uma atitude pragmática em face dos textos defendidos por Albin Chalandon, ministro da Justiça. Não é, de resto, fortuita, a escolha que limita, na ordem do dia da Assembleia Nacional, a discussão geral dos projectos governamentais, à de um só dos quatro textos de lei, justamente o da repressão do terrorismo.

A mensagem é simples: a França não pode pôr-se de parte, ela tem que alinhar, tendo agora uma legislação específica, contra o terrorismo. Um relatório, estabelecido a 2 de Junho, pelo serviço da documentação estrangeira da Assembleia Nacional, não diz outra coisa, sublinhando que «os países mais atingidos pelo terrorismo são todos eles dotados de uma legislação especial muito completa que reforça todos os aspectos da repressão levada a efeito (...) As medidas adoptadas são similares nos diferentes países em causa».

Vigilância prolongada (RFA, Grã-Bretanha, Itália, Espanha), sanções ao máximo da pena prevista (Espanha), pena incompressível (Grã-Bretanha), julgamento centralizado (Espanha), juiz único substituindo os júris vulgares (Grã-Bretanha), adia-

De que meios se estão a dotar os diversos Estados europeus, para fazerem face a essa nova modalidade de acção política que consiste na internacionalização do terror? A situação evolui em França, na Grã-Bretanha, na República Federal da Alemanha, na Itália, em Espanha... As autoridades portuguesas são «neófitas» na matéria, pois apenas enfrentam, até agora, a actividade das auto-intimidades «FP-25», cujo julgamento se eternize em Monsanto.

O dossier que aqui publicamos (ver também págs. 6 e 7) dá conta dos movimentos fitos pelos novos parceiros europeus de Portugal no terreno movediço da «segurança contra o terror».

mento de pena para os arrependidos (RFA, Itália, Espanha), remuneração oficial aos indicadores (RFA, Grã-Bretanha)... em todos os países europeus confrontados com o terrorismo, este tem direito a um tratamento judicial particular. Os Estados Unidos também começam, por sua vez, e um grupo de trabalho reunido em volta do vice-presidente George Bush entregou, em Março, um relatório sobre o problema sugerindo várias modificações legislativas. Bush propõe assim punir com a pena de morte quem quer que mate um refém, sejam quais forem as circunstâncias da morte, ou aumentar os prémios (de 500.000 a 1 milhão de dólares) já previstos para os indicadores que forneçam informações sobre as actividades terroristas.

A nova maioria convida pois a França a apanhar rapidamente o comboio. Mas com um zelo aplicado e a preocupação de ser exhaustiva. Critério subjectivo para definir as infracções em causa e o regime particular, centralização de demandas judiciais, e incitação ao arrependimento. Não há nenhuma das disposições inventadas pelos nossos vizinhos, mas raramente agrupadas num só e mesmo país, que não seja hoje proposta aos parlamentares franceses. À excepção da legislação das remunerações de indicadores, mas Robert Pandraud nem por isso dei-

xou de elogiar essa prática, sob uma versão discreta, à vontade da polícia e graças aos fundos secretos da República.

A França entra pois na fileira, e queria a lógica que essa evolução se traduzisse pela ratificação da Convenção europeia sobre a repressão do terrorismo, elaborada pelo Conselho da Europa em Estrasburgo, em 1977, de zasseis países ratificaram-na, dois não a assinaram (a Irlanda e Malta), três continuam a recusar assinar a ratificação: a Itália, a Grécia e a França. No entanto uma mudança de atitude não parece, ou já não parece estar na ordem do dia. Jacques Chirac anunciou de início essa ratificação, depois esse empenhamento desapareceu, pelos mesmos argumentos que ontem, principalmente o ataque à soberania. Provisoriamente?

No entanto, o terrorismo tem costas largas. Brandido como um espantalho ele permite introduzir em contrabando, uma mercadoria sem grande relação com o objectivo pretensamente desejado. Porque, ao afirmar a sua vontade de lutar só contra os terroristas, os Estados introduzem disposições que visam todos os cidadãos. A generalização dos controlos de identidade com a instauração de um cartão de identidade informatizado, de que a RFA dá o melhor exemplo, ilustra essa mudança de escala. Em nome de uma violência real

mas excepcional os atentados terroristas em França só representaram, nos dois últimos anos, 0,02% do conjunto dos crimes e delitos — é aos medos da população que se fala, medos antigos mas alimentados hoje pela urbanização e visando tanto a pequena delinquência, como a degradação da vida colectiva, o choque das comunidades e a imigração...

A actual atitude francesa mostra algo dessa confusão de géneros. Local de consumo obrigatório, a luta contra o terrorismo serve de preâmbulo a uma modificação das práticas policiais e judiciais vulgares, quer se trate da extensão dos flagrantes delictos, da aplicação das penas, do alongamento das penas de segurança, ou da obrigação de se submeter aos controlos de identidade. Neste último ponto, a associação destes controlos generalizados e de um sistema de gestão informatizada de um novo cartão infalsificável, tende a tornar, de facto, obrigatório, o porte de país de identidade. O mesmo ar do tempo incita os governantes a restringir direito de asilo. A Suíça dá aqui o exemplo — draconiano — e se a França ainda não a seguiu, é sob a pressão recente do conselho de Estado que obteve a retirada das disposições que restringem o direito de asilo, do projecto de lei sobre os imigrantes.

O paradoxo é que esse alinhamento francês intervem quando alguns dos nossos vizinhos europeus lançam um olhar crítico às suas próprias inovações. Acontece isto com as «fichas» através da informatização dos cartões de identidade, na RFA. As confissões por vezes sujeitas a caução dos arrependidos em Itália, ou de certos excessos policiais na luta contra os nacionalistas irlandeses, na Grã-Bretanha. Na Grã-Bretanha onde, no entanto, as duas leis, de 1978 e de 1985, sobre o terrorismo, são submetidas a um exame periódico, para que seja mantido «o equilíbrio entre a segurança do público e os direitos do indivíduo». Exemplo a seguir?

B.G. e E.P.

Sinais dos Tempos

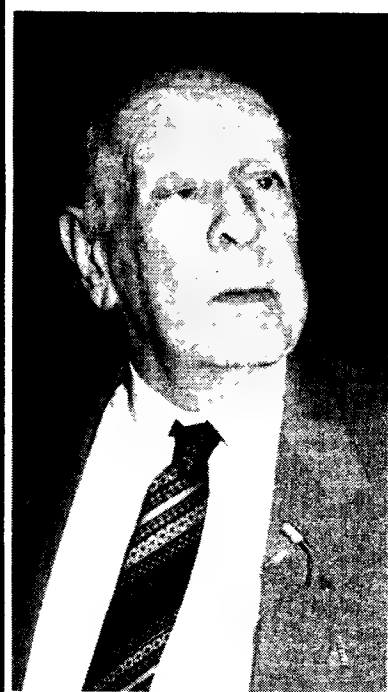


Nostálgicos de Marcos

E QUANTO Artur Tolentino, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e parlamentar filipino, ocupava um hotel de Manila, declarando-se presidente em exercício, o seu antigo «patrão», Ferdinando Marcos, seguia os acontecimentos pela televisão, em Honolulu, e dava a conhecer, através de um porta-voz, que «voltaria ao seu país como velho estadista», caso os golpistas fossem bem sucedidos. A tentativa de golpe teve lugar no domingo, sendo Tolentino apoiado por três centenas e meia de soldados e por alguns milhares de populares que se terão juntado para um comício perto do hotel ocupado. A presidente Corazon Aquino encontrava-se na altura, fora da capital, e enviou uma delegação para negociar com o velho partidário de Marcos. Washington fez saber rapidamente que continua a apoiar totalmente a presidente no poder, e o braço direito de Corazon, Salvador Laurel, de visita a Madrid, desmentiu que a tentativa de golpe tivesse qualquer possibilidade de êxito, e qualificou Tolentino de tonto «em que ninguém acredita». Abandonado pelos americanos, Marcos e os seus fiéis estarão, assim, reduzidos a uma minoria activista. O antigo presidente não voltaria a ocupar o poder, mesmo que o golpe saísse vitorioso, deixando a presidência a Tolentino. Tudo isto significará talvez que o «Marquismo» chegou, de facto, ao fim nas Filipinas. Juan Ponce Enrile, ministro da Defesa de Corazon, foi convidado a dirigir a mesma pasta no governo que Tolentino pretendia formar, mas respondeu ironicamente que «não anda à procura de novo emprego». As dificuldades do novo regime filipino são enormes, devendo Corazon Aquino equilibrar o relacionamento com os EUA e a negociação com a esquerda comunista. Mas o episódio de domingo passado parece confirmar que não são os partidários do regime deposto que poderão, manu militari, afastá-la, hoje do poder.

Mário Soares maçom diz «L' Express»

N UM vasto «dossier» sobre a influência actual da maçonaria em França e no mundo, o semanário «L' Express» diz, na sua edição datada de 11 de Julho, que Mário Soares é maçom. A afirmação está contida num texto complementar do «dossier», assinado com as iniciais JR (a jornalista Jacqueline Remy), nos seguintes termos: «Haverá, afirmam elas (mulheres maçónicas) 8 milhões de maçons pelo mundo fora, entre os quais pelo menos dois chefes de Estado: Omar Bongo, do Gabão, e Mário Soares, Presidente português.»



In memoriam J.L. Borges O cego e o arco-íris

Pág. 8



Jack Lang em Lisboa: A cultura responde à crise económica

Pág. 3

Cultura e alienação

Este texto constitui a síntese de uma intervenção no colóquio sobre (Cultura emancipadora e cultura de alienação), da série «Debates com o PCP», organizada pelo Sector Intelectual de Lisboa daquele partido e realizada recentemente no auditório da Biblioteca Nacional

A alienação é um termo gasto, mas tem um conteúdo preciso. Marx utilizou-o para caracterizar a situação criada pelo modo de produção capitalista. O trabalhador já não se identificava nem com o seu trabalho nem com o produto desse trabalho. Trabalho e produto do trabalho eram agora propriedade alheia (propriedade dos detentores do capital). O próprio trabalho (a força do trabalho) e não só a coisa produzida passara a ser mercadoria. O vínculo entre patrão e empregado deixara de ser um vínculo pessoal, ao mesmo tempo que desaparecera o vínculo pessoal do trabalhador à coisa produzida. Para o capitalista, o trabalhador era apenas a expressão numérica do seu salário - o seu valor como mercadoria. Quanto ao trabalhador, era-lhe indiferente o destino da coisa produzida, de cujo processo de fabricação só acompanhava, aliás, uma parcela. Exercia o seu trabalho como trabalho alienado: vendia-o como mercadoria ao capitalista e não deixaria de se congratular se pudesse receber o salário ficando em casa. O modo de produção capitalista gerava a reificação das relações sociais.

Este processo de reificação estendia-se também naturalmente ao domínio da arte e da cultura. Estendia-se, até, ao domínio do amor: as grandes cocottes faziam amor como trabalho alienado, isto é, não por gostarem dos homens com quem se deitavam, mas pela remuneração que deles recebiam (se calhar só se deitavam por gosto com aqueles de quem não recebiam remuneração...). Um exemplo de trabalho alienado nas artes é o dos autores dramáticos ou compositores que escreviam não o que desejavam mas o que lhes era encomendado pelos empresários. Para escrever o que queria e fugir às leis do mercado, Wagner, que foi um dos grandes críticos da cultura do seu tempo, teve de restaurar relações de mecenato feudal que o colocavam na dependência pessoal dos seus protectores... É um dos grandes mestres do século XIX que pode gabar-se de jamais ter exercido a sua arte como trabalho alienado. E não é por acaso que a grande polémica no domínio da estética musical se trava nessa altura precisamente entre Wagner e Hanslick. A estética de Wagner era uma estética de identificação, no sentido não só de identificação do autor mas também de identificação do receptor com a obra produzida. A concepção do Teatro de Bayreuth era a da moderna sala cinematográfica: pretendia-se que os espectadores se identificassem com a acção cénica, levassem a sério as personagens, se embrenhassem no conflito dramático, à semelhança do que viria a ser o efeito de realidade criado pelo cinema. Ora, a praxis corrente nos teatros de ópera da época era, pelo contrário, a da alienação do espectador da acção representada no palco. Nestes a ópera valia, quando muito, como arte ornamental para satisfação da necessidade de exibicionismo mundano e em tal se manifestava fundamentalmente o processo da sua reificação. As concepções de Hanslick não contradiziam, antes legitimavam esta praxis. Para ele a música não era uma linguagem, mas um fim em si, uma coisa auto-suficiente. A música pela música. A arte pela arte. A sua estética era a justificação teórica da música como mercadoria.

Dando um salto no tempo, do século XIX para os anos vinte, entramos em plena era da reprodução técnica da obra de arte. O processo já vinha de trás, mas generaliza-se extraordinariamente a partir de en-

tão, intensificando a reificação das relações artísticas. Walter Benjamin analisa-o num texto célebre. Mostra como o processo de alienação na criação e recepção artísticas se extrema na estetização da política praticada pelo fascismo. E cita, a propósito, o manifesto futurista de Marinetti onde se faz a apologia da guerra como fenómeno artístico. A guerra era a suprema manifestação da arte pela arte. A humanidade atingia um tal grau de alienação de si própria que transformava o seu aniquilamento em gozo estético de primeira ordem!

Entre nós, outro futurista ligado ao fascismo, António Ferro, não precisava de chegar ao ponto de teorizar a beleza estética da guerra, mas esforçava-se por estetizar a sua maneira - como «ditadura imponderável, ausente» (palavras suas em 1942) - o fascismo português. A sua acção política no SPN, ou seja, a utilização da arte como propaganda do Estado, é a componente fundamental do seu contributo para a estetização da política, do salazarismo. Escreveu, por exemplo, Lopes-Graça em 1944, na «Seara Nova», a respeito dos Bailados Verde Gaio:

«É uma arte essencialmente ornamental, decorativa... Aqui só se trata de entretenimento dos sentidos, de passatempo casquilho, de diversão aristocrática, próprias de uma classe que goza as delícias de uma vida toda brilho sedução e felicidade. Mas a Arte, a Arte, que não é adorno da boa sociedade, mas sim expressão fremente de Vida, essa anda um pouco longe de tudo isto.»

Nesta caracterização da natureza e da função de uma manifestação artística concreta do salazarismo já se encontravam dois dos elementos fundamentais que Georges Bataille considerará mais tarde consubstanciais à ideologia do fascismo: o conceito de arte ornamental e o de heterogeneidade, isto é, o culto da classe dirigente como classe nobre e distinta, como escol ou elite que não se confunde com a massa da população.

Em arte ornamental se pode tornar, porém, toda a arte que não o é à partida: depende da estrutura de comunicação que condiciona a sua recepção. A apropriação de uma obra de arte como mercadoria permite a sua manipulação para os mais diversos fins. Pasolini, na sua alegoria ao fascismo - no filme «Salo ou os 120 dias de Sodoma» -, deve ter pretendido demonstrar como qualquer obra de arte (obras máximas da pintura contemporânea que por ali apareciam penduradas nos salões, ou as valsas de Chopin, ou ainda os Carmina Burana transmitidos via rádio) se transformava em arte ornamental ao serviço da estetização da política. A classe ciosa da sua heterogeneidade (relativamente às massas) tende, pois, a reduzir toda a arte a ornamento, o que significa alhear-se ou alienar-se do potencial comunicativo da arte, da sua ligação à vida.

Mas pode haver outro tipo de alienação, suscitado pelo mecanismo oposto: isto é, por uma recepção da obra artística baseada na identificação do receptor. É uma das formas mais generalizadas, e, de resto, usada conscientemente tanto pelos regimes fascistas como pelas democracias capitalistas ou sobretu-

do, hoje em dia, pelo imperialismo americano. A sua essência vem magistralmente tratada em «A Rosa Púrpura do Cairo» de Woody Allen. Em plena depressão dos anos 30, a indústria do cinema servia para distrair, isto é, para alienar o operariado da dureza do seu quotidiano. A identificação do espectador, aliás, da espectadora-cinéfila com as personagens e a acção era de tal ordem que as fazia saltar do écran...

E se, por exemplo, nos anos 40 em Lisboa, a música poderia ser recebida no S. Carlos como arte ornamental, já no Coliseu as visitas da Orquestra Filarmónica de Berlim em plena guerra - embaixadas do Ministério da Propaganda do Reich - suscitavam nos espectadores (uma massa considerável, em alguns casos estimada em 8 mil pessoas) uma tal identificação, um tal envolvimento emocional, que transbordavam para a rua em manifestações de exaltação do génio artístico alemão. Lopes-Graça punha mais uma vez o dedo na ferida num dos seus artigos para a «Seara Nova»:

«E que força a música, e, sobretudo, a música sinfónica, não é, nas mãos daqueles que se esforçam por levar as massas a abdicar da sua faculdade de pensar e de desejar por si mesmas! Dêem-lhes todos os dias a Quinta Sinfonia, a Incompleta, os Mestres-Cantores, a Morte e Transfiguração e, ao fim de certo tempo, as massas não desejarão mais nada, porque aquelas obras, que possuem uma inegável força atractiva e um enorme poder absorvente, serão suficientes para lhes satisfazer as necessidades de evasão do quotidiano, ao mesmo tempo que lhes adormecem os instintos de luta, pela substituição da acção vivida pela acção imaginada.»

No teatro, a estética da identificação, pressupondo um palco ilusionista e o apagamento total do actor em favor da personagem, remontava ao iluminismo, com Diderot e Lessing. Destinava-se a meter na cabeça da burguesia a ideologia da sua própria ascensão - para usar uma expressão simplista. Era preciso que o bom burguês acreditasse nas personagens como se elas fossem figuras reais e vivesse o drama como se estivesse no lugar delas. Assim se manifestava a nova função educativa do teatro, que cortava com a função do teatro como mero divertimento, olhado com suspeição, «tolerado» pela ordem estabelecida. Em «A Rosa Púrpura do Cairo» mostra-se como essa estética pode ser virada ao contrário pela burguesia no poder, contra a classe que a ameaça: identificação, não como forma de consubstancialização mas de diversão ideológica, como instrumento de conservação das relações de propriedade existentes, do statu quo.

Como responder a isto? Já Walter Benjamin afirmava que os comunistas respondiam à estetização da política com a politização da arte. Politização da arte podia ser, por um lado, o realismo socialista. E este não era mais do que a recuperação para o proletariado, dois séculos mais tarde, do mesmo programa «iluminista» que a burguesia adoptara como instrumento da sua própria ascensão. Ou seja: a mesma estética de identificação que a indústria de Hollywood utilizava para alienar o operariado da sua condição

(estou de novo a referir-me ao exemplo da operária-cinéfila do filme do Woody Allen), podia ser posta ao serviço da tomada de consciência do operariado relativamente à sua situação real e às suas perspectivas de luta e de triunfo político. Tudo dependia da temática e da forma de a tratar.

Brecht, porém, propunha e pôs em prática outra coisa. Recuperou uma tradição ainda mais antiga: a das estruturas épicas características de todo o teatro popular, do teatro de bonecos, da comédia dell arte, do próprio teatro shakespeariano (tal como era representado na época isabelina). Aqui havia um balanço constante entre ilusão e realidade, entre personagem e actor, entre identificação e distanciação. Tratava-se de suscitar no espectador, a par ou para além do envolvimento emocional, a reflexão crítica. Brecht queria espectadores pensantes, capazes de extrair conclusões e enriquecer com elas a sua observação da realidade vivida e a sua capacidade e vontade de agir. O mesmo pode ser transposto para outras formas artísticas, nomeadamente para o cinema ou para a literatura. Exemplos dos mais acabados de estruturas épicas em sentido brechtiano na ficção encontram-se nas obras mais recentes de José Saramago («Memorial do Convento», «O Ano da Morte de Ricardo Reis»). No cinema serve de exemplo mais uma vez «A Rosa Púrpura». A denúncia da estética de identificação, como instrumento de alienação para a espectadora dos anos trinta é feita aí através do efeito de distanciação irónica criado no espectador actual.

Em suma: não é só da tomada de posição do artista, é também da forma de apropriação da obra de arte que depende o seu efeito emancipador ou de alienação. Não se pode isolar nem uma coisa nem outra das estruturas de comunicação, do sistema em que a produção e a recepção se inserem. Dentro de um sistema mais vasto - correspondente a uma época e um país - há sistemas parcelares, quer de produção, quer de recepção artísticas, diferentes e contraditórios entre si.

A situação que se vive actualmente entre nós é caracterizada pelo florescimento em larga escala das indústrias da cultura. O aparelho publicitário, prevalecendo sobre o exercício da crítica ou até substituindo-o, é uma das manifestações mais evidentes da reificação cada vez mais extremada das relações artísticas. Sucedâneos modernos do mecenato feudal a que Wagner se agarrava são no nosso século as Fundações e outras organizações, do Estado ou privadas (por exemplo, multinacionais), que fixam o potencial de subversão dos artistas que se rebelam contra os padrões de gosto massivamente propagados pela indústria da cultura. Os artistas mais criativos parecem assim condenados a comunicar num círculo restrito, a refugiar-se numa linguagem esotérica. Esta opção chegou a fazer escola no domínio filosófico com Adorno, mas, hoje em dia, na música, são cada vez mais os compositores que rejeitam deixar-se manietar num circuito fechado, alienante de tudo o mais. Questionar o estilo e a linguagem tem de implicar que se questione ao mesmo tempo a recepção, que se proble-

matize toda a estrutura de comunicação. Afinal, a criatividade do artista está ligada à sua capacidade de dar resposta, com a sua arte, ao problema do seu isolamento e da sua repressão pelo poderoso aparelho da indústria da cultura instalado.

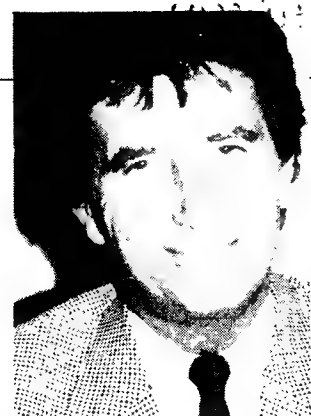
Do ponto de vista do receptor, a criatividade está essencialmente na vivacidade crítica com que lê ou decodifica qualquer mensagem artística. Está, por exemplo, na lucidez com que se apercebe dos mecanismos de manipulação. A leitura crítica de qualquer produto artístico - mesmo o mais corriqueiro, mesmo o mais abjecto, posto em circulação pelo imperialismo (do género «Rambo» ou semelhante) - é em si mesma criativa ou emancipadora. Como armar, porém, a massa dos potenciais espectadores com os instrumentos de leitura necessários, com a capacidade de distanciação crítica relativamente a um subproduto que joga precisamente no campo oposto - o da identificação (neste caso, com instintos primários), através da manipulação emocional? Eis uma questão cuja resposta passa, antes de mais, pela alteração das relações de propriedade à escala nacional e à escala planetária e não tanto por qualquer mirífica reforma das mentalidades ou programa de promoção cultural.

A estratificação social por padrões de gosto tem naturalmente uma expressão complexa e múltipla. O capital escolar e a origem social combinam-se na caracterização desses padrões, como resulta de um inquérito realizado em França há poucos anos sob a direcção de Pierre Bourdieu. O que é curioso verificar é que a pirâmide social tende a organizar-se de tal modo por padrões de gosto artístico que, no seu vértice, correspondente à camada aristocrática-burguesa mais elevada e com maior capital escolar, se atinge o grau máximo de autonomia da forma (o esteticismo puro), e na base da pirâmide, correspondente à massa proletária e com menor capital escolar, se atinge o grau máximo de autonomia do conteúdo (isto é, praticamente a redução da arte à vida). Parece ter de concluir-se que, mantendo-se as relações capitalistas, se mantém também, por um lado, as condições de degradação da arte a arte ornamental para uma elite que se quer heterogénea relativamente às massas, e, por outro lado, as condições de manipulação destas através de subprodutos artísticos baseados em estéticas de identificação e visando calculadamente a alienação: quer na medida em que contrariam a tomada de consciência das questões reais da existência (valham como exemplo as telenovelas da TV), quer na medida em que fazem propaganda descarada do militarismo e do belicismo (caso do «Rambo», onde a identificação com o herói que pela força bruta vence tudo e todos se substitui à acção vivida que seria necessário empreender no quotidiano contra uma ordem geral das coisas que se crê imutável e cuja violência é bem sentida por esses sectores mais proletarizados). Quer dizer: o comportamento dos cidadãos face à arte, em função do seu posicionamento social e do seu capital escolar numa sociedade capitalista como a da França actual não está longe do modelo verificado para o fascismo. Até neste domínio parece achar-se um sinal do perigo que Brecht apontava no final do «Arturo Hui»: a serpente continua a chocar os seus ovos...

Mário Vieira de Carvalho

Jack Lang em Lisboa

A cultura é a resposta à crise de que falam os economistas



«Assim nos parecemos muito, senão quanto ele é muito gentil-homem e eu feia»

Jorge Ferreira de Vasconcelos, Eufrosina, II, 5, pág. 105

«NÃO acredito na crise económica. A cultura é a resposta à crise. A cultura é a economia. Não será subindo ou descendo não sei que taxa ou imposto, que enfrentaremos a crise de que falam os economistas. As indústrias do imaginário, as indústrias dos tempos livres e o turismo são reprodutivas e criadoras de emprego».

Foram coisas como estas que Jack Lang, ministro da Cultura da França socialista entre 1981 e 1985 — ministro da Cultura da Europa, como se disse por vezes — veio afirmar a Lisboa na quinta-feira à noite. Esteve entre nós a convite da Fundação das Relações Internacionais, muito ligada à antiga direcção do PS. Talvez por isso, era notória naquela sala do Méridien a ausência de figuras da nova maioria constancista.

«Terrivelmente gentil-homem» e «que discreto poder de sedução» ouvia-se sussurrar nos instantes imediatamente pós-finais.

Lang entrara gabando a sensualidade da língua portuguesa e saía salpicado por embaraçosas perguntas sobre a legitimidade do golpe de Estado ortográfico luso-brasileiro, de que nunca ouvira falar.

Quem esperava dele uma conferência erudita e sensata subordinada ao tema que o tinham convidado a abordar, «Cultura e Política» e abarcando, em termos de balanço, a sua acção como ministro, terá ficado surpreendido: Lang preferiu improvisar coloquialmente durante vinte minutos, para introduzir um diálogo com os presentes. E quer no seu improviso, quer durante o diálogo, mostrou ser muito mais um superanimador cultural onde sobrenada a inspiração de 68, muito mais um *manager* da acção cultural directa, do que um «homem de cultura» no sentido que as chancelarias e os salões de gala costumam dar a esta expressão.

Lang criticou fortemente a CEE pela pouca atenção dada à vida cultural: só quase trinta anos depois da assinatura do Tratado de Roma os ministros da Cultura dos Estados membros puderam reunir-se, no quadro das instituições comunitárias, e não para decidirem o que quer que fosse, mas apenas para trocarem impressões.

Lamentou que a CEE não tivesse sido capaz de criar um canal cultural europeu de televisão: ele próprio sugeriu a criação desse poderoso meio de acção conjunta, oferecendo 300 milhões de francos para o «cabaz» que tornaria a iniciativa possível. Sem resultado.

Lamentou igualmente que não tenha ainda sido possível criar uma biblioteca básica da cultura europeia, formada, por exemplo, pelas 300 obras que se considere constituírem o núcleo central das suas literaturas; essa biblioteca seria traduzida para todas as línguas europeias, de modo a que qualquer jovem pudesse encontrar nela a expressão da pluralidade de raízes culturais do velho continente.



Fotos José Tavares

«Tenho a intuição de que as respostas para as questões que nos serão cada vez mais postas pelos idosos são parecidas com as que procuramos para os problemas dos jovens»

Interrogado sobre o tipo de acção que um governo pode desenvolver no âmbito da cultura, mostrou-se um firme defensor do apoio a todas as iniciativas locais, e céptico em relação a todas as instituições criadas nacionalmente: «Acredito nos homens, e não nas estruturas. A iniciativa paga sempre dividendos. Sou pouco napoleónico, não acredito em programas nacionais que uniformizem as modalidades de animação da vida cultural».

Lang evocou, por exemplo, a riqueza dos carnavais tradicionais que se realizam ao longo do Reno, para recordar que essa tradição conta com poucos apoios dos Estados, e depende sobretudo da iniciativa e da obstinação de animadores locais oriundos da própria população. Em seu entender, qualquer actividade enraizada no benevolato, no artesanato ou no pequeno comércio e na pequena indústria, e dependente da criação de imaginário socialmente consumível, tem demonstrado poder relançar a vida económica, nesta Eu-

ropa que procura soluções para a crise pós-industrial.

Mas o seu cavalo de batalha, aquilo em que Lang mais insistiu em Lisboa, e que descreve como problema central do futuro, é o enquadramento do que se tem lamentavelmente chamado de «terceira idade». Ele revelou ter tido vontade de pedir ao primeiro-ministro Fabius que o libertasse da Cultura e o nomeasse «ministro da terceira idade», para se poder ocupar a tempo inteiro com uma questão que, em síntese, se põe nos seguintes termos:

Com os progressos da medicina e com a crise de emprego que avança na Europa das novas tecnologias, *os velhos vão ser cada vez mais novos*; não só existe uma tendência global para o envelhecimento da população europeia, como se acentuam as tendências específicas para que cada vez maior número de pessoas seja obrigado a abandonar o mundo do trabalho mais cedo, embora se mantenha «na força da vida». Que vai fazer essa população cada vez mais numerosa, que de súbito

se encontra arrancada dos seus hábitos de vida quotidianos, da actividade, e cai com grande facilidade na solidão total, na ausência de sentido para os gestos mais simples? A resposta, sugere Lang, é da maior importância social e talvez se aproxime das que se procuram para a «crise dos jovens». Juventude e terceira idade poderiam vir a ser objectos comuns de uma mesma reflexão indispensável sobre os novos sentidos da vida social. Lang liga esta problemática à da «arte de viver»: a «arte de viver» foi uma preocupação dominante nas culturas clássicas grega e romana, e estará porventura a regressar a esse lugar, na Europa pós-industrial.

Entusiasmado com a proposta, pela Fundação que o convidava, de realizar para o ano uma conferência internacional sobre a Cultura Europeia, Lang ofereceu-se para lhe dar uma ajuda na sua organização: «e vão escarafunchando nas vossas mioleiras» («creusez vos cervelles»), pediu, para que nessa confe-

rência já seja possível equacionar acções dirigidas aos problemas dos novos velhos...

O diálogo proposto pelos presentes não foi de molde a desviar o ex-ministro da Cultura de França das suas preocupações de base: Helena Roseta interpelou-o sobre a relação oportunista que o homem de poder geralmente mantém com a cultura, citando a este respeito um incidente em que entidades oficiais interromperam uma dolente canção alentejana, durante as cerimónias de 10 de Junho, em Évora. Lang respondeu sem malícia que, por ele, se teria deixado embalar pela canção, mas atalhou cerce: «O homem de poder? Mas o poder está em toda a parte, no chefe de empresa ou de secção... O homem do poder político tem, ao menos, a vantagem de o exibir...»

Bénard da Costa perguntou-lhe se apoiaria a criação de uns Arquivos Europeus do Cinema, que preservassem da destruição películas que saem dos circuitos comerciais. Lang aproveitou a resposta afirmativa para elogiar os arquivos militares, «geralmente os melhor organizados de quantos existem» nos Estados europeus.

Marcelo Curto sugeriu-lhe acções culturais conjuntas luso-francesas em África: Lang preferiu falar da importância do Brasil, embora tivesse uma palavra de consolação para a bondade da proposta.

Fernando Belo interrogou-o sobre a resposta à invasão da Europa por produtos culturais americanos, invasão facilitada pela generalização da língua inglesa: Lang salientou que as respostas não poderão, em caso algum, ser proteccionistas, indicando assim que a Europa terá de provocar o seu próprio *élan* cultural.

Quanto ao bombardeamento a que foi sujeito acerca do acordo ortográfico entre os países de expressão portuguesa a capacidade de esquiva de Lang foi apenas relativa: *maquisards* da luta contra a inovação em causa conseguiram obter dele um comentário genérico do seguinte teor: «quando uma língua pretende manter a sua projecção no mundo tem de mostrar-se o mais liberal possível nessas matérias». O adjectivo *liberal* foi saudado com efusivos «Ah!» de aprovação, testemunhando talvez que quem perguntava o entendeu como uma subtil reprovação do acordo. Não era no entanto essa a intenção do antigo ministro, cuja língua nunca conheceu diferendo ortográfico e que repetidamente se confessou inteiramente ignorante do que a questão podia, para nós, representar.

Na assistência, Raul e Clara Junqueiro, Igrejas Caeiro e Roque Lino, Bernardino e Maria René do Carmo Gomes, Azeredo e Madalena Perdigão, António Barreto, Carlos do Carmo e outros preferiram manter, face ao diálogo e ao improviso que o precedera, um sincero silêncio. A mesa deixara correr, e a sessão veio a fechar-se por iniciativa do próprio Jack Lang, duas horas depois de aberta.

Possa ele vir mais vezes trocar impressões informais, como aqui fez, com públicos diversos: o diálogo com Lang é um alforje de ideias para todos quantos admitem que dar vida àquilo que chamamos *cultura* passa pela sua dessacralização.

João Mendes

Os lobos, pela fechadura

A sedução perpetra o crime originário que não tem, verdadeiramente, origem. O sedutor repete, de algum modo, aquilo que teve de suportar um dia, passando para outras mãos a arma invisível do crime que transforma a criança em adulto, cicatrizando-a para sempre. Cicatriz, traço de uma doença contagiosa contraída aquém de qualquer memória, como marcas de bexigas, signos de uma longínqua sífilis, de uma transmissão malsã. De facto, Freud não deixou de comparar a sedução a uma «infecção pelo adulto» (1).

Nenhuma profilaxia, remédio algum podem socorrer a criança. Face à sedução, ela encontra-se num estado de absoluta passividade que a impede de qualquer reacção, qualquer palavra: deixa-a, pura e simplesmente, interdita. E abandona-a ao temor, diz Freud ao temor sexual, «sexual Schreck», e mais traumatizante, o temor de todos os temores por vir, o que ultrapassa o medo em que se conhecia o objecto, o que ultrapassa a angústia em que se espera o perigo.

O temor é sem dúvida a reacção primeira fase do sexo, aquilo mesmo que acompanha a iniciação à vida sexual, e aquilo, também, que desencadeou, sempre-c-já, o mecanismo do inconsciente.

A sedução (elemento capital da teoria psicanalítica que foi longamente «recalcado», como demonstra Laplanche (1), ao traumatizar a criança, desperta a recordação da cena primitiva e aclara-a tardiamente.

A cena da sedução reenvia, assim, para outra cena, mais antiga, do mesmo modo que o pormenor, nos sonhos ou na recordação encobridora, reenvia para um outro detalhe «que uma semelhança tornou possível substituir» (2). Essa cena primitiva, passivamente vista, na incompreensão total, constituirá, pela invocação que dela é feita *a posteriori*, o intocável fundo do inconsciente; ela desempenhará o papel de uma sedução originária: «a cena de coito entre os pais é, ela própria, sedução para a criança, no sentido de sedução originária» (1). No caso do *homem dos lobos*, (actor principal da problemática da sedução e da cena primitiva no texto freudiano), a sedução, pela irmã, permite-lhe compreender o que fora inicialmente visto no quarto

conjugal: «a evolução sexual do caso começou por ser influenciada de modo decisivo pela sedução, e foi depois desviada pela cena de observação do coito, que, em virtude da sua acção é primeira, cronologicamente originária e Freud chama-a segunda porque ela ressurgiu «depois». Ao mesmo tempo, ela é segunda neste sentido em que o paciente pode fantasmá-la sem a ter «realmente» vivido.

Mas a questão quase nada interessa, na medida em que o fantasma, enquanto funciona, é verdadeiro. O problema crucial, da redução permite exactamente, como sublinha Laplanche ultrapassar a «pesada oposição entre real e fantasia». Este fantasma mostra alguma semelhança com as *eidola* gregas, essas realidades particulares, como a imagem do sonho, a sombra, a aparição sobrenatural, a *psuchê*, o colosso, que integram, todos, a categoria dos duplos.

O duplo não é «nem uma imitação de um objecto real, nem uma ilusão do espírito, nem uma criação do pensamento... O duplo joga em dois planos contrastados, ao mesmo tempo: no momento em que se mostra presente revela-se como não sendo daqui, como pertencendo a um inacessível alhures» (4).

Ferenczi assinalou como a sedução reenvia à tomada em consideração de um nível exterior e de um nível interior. A causa é exterior, mas a criança, aterrorizada, introjecta o seu agressor, identificando-se com ele em vez de o repelir.

O *homem dos lobos* encontrara um curioso cerimonial de rejeição «ao ver pessoas que lhe inspiravam piedade: mendigos, enfermos, velhos... então ele tinha de expirar ruidosamente o ar dos seus pulmões, para não se tornar como eles...» (3).

Freud explica este cerimonial por uma identificação com o pai, um pai assustador porque potencialmente castrador, um pai castrador da mãe na cena primitiva, um pai na origem do angustiante sonho, o sonho dos lobos.

Quando o paciente narra o seu sonho, utiliza por várias vezes a palavra *janelas*. A aterrorizadora cena a que assiste (5 ou 6 lobos sentados nos ramos de uma nogueira) é vista através de uma janela que, bruscamente, se abriu. O paciente precisa que «a uni-



Durante 35 anos, Jean Lacroix escreveu a crónica filosófica de um jornal diário, obrigando-se a respirar todos os ares exteriores à suficiência sufocante da universidade

Capaz de diálogo

Jean Lacroix morreu a 27 de Junho passado com 85 anos. Filósofo, professor, fundador da revista *Esprit*, foi um homem de diálogo que prezou o contacto com leitores através da imprensa diária, mantendo, de 1945 a 1980, a crónica filosófica do jornal «Le Monde».

A filosofia deste século, tanto em França como no estrangeiro, deve muito a Jean Lacroix. Essa cabeça múltipla não se mede: contabilizar aquilo que trouxe à filosofia, e ao seu ensino, parece impossível.

Ao longo das suas crónicas, publicadas durante vinte e cinco anos nas colunas do «Le Monde», Jean Lacroix permitiu que um vasto público fosse informado das investigações da filosofia contemporânea. Gerações de estudantes, de professores, e também de leitores não especializados, descobriram graças a ele as obras principais e as novas correntes. O seu folhetim sabia resumir sem trair e explicar sem fraqueza.

Estava aberto a todas as correntes de pensamento, do existencialismo ao estruturalismo, do marxismo à psicanálise ou à sua contestação. Mas este sentido do diálogo, essa atenção escrupulosa às obras mais diversas, nunca significaram para Jean Lacroix o abandono das suas posições pessoais.

Co-fundador, com Emmanuel Mounier, da revista *Esprit*, em 1932, manteve-se, ao longo da sua obra, fiel a um personalismo aberto, na linha do seu mestre Maurice Blondel. Como vem incarnar-se a transcendência da pessoa nas realidades concretas da família, do trabalho, do Estado, do direito? Foi este, muito esquematicamente resumido, o eixo da sua reflexão. O diálogo também aí é constante: o que pode abafar e alienar revela-se condição indispensável para a realização de si.

O personalismo de Jean Lacroix inseria-se pois na realidade contemporânea, confrontava-se, sem se renegar com as suas crises e com as suas perplexidades. Estava à escuta do marxismo mas também das filosofias do absurdo ou do desespero. As análises que contestavam as suas, sabia dar uma atenção acolhedora; mas a sua flexibilidade de espírito excluía todo e qualquer laxismo.

Este grande professor, nascido com o século, animou igualmente a vida das ideias com a sua actividade na edição, com as suas conferências, e com os trabalhos, de uma precisão admirável, que consagrou a Kant, a Spinoza ou a Augusto Comte, entre outros.

Abertura perante os outros e fidelidade a si próprio foram as duas fases indissociáveis da obra e da personalidade de Jean Lacroix. Ele soube mostrar que podia existir um jornalismo filosófico digno, e que o pensamento pode e deve inscrever-se no seu tempo, sem por isso se diluir nas modas. Em tempos tão conturbados como os nossos, o modelo que ele constituiu é raro, e o seu exemplo permanece precioso.

Roger-Paul Droît

ca acção que ocorria no sonho era a abertura da janela», e aquele próprio interpreta assim essa passagem: «os meus olhos abrem-se subitamente». Interpretação que Freud simplificará do seguinte modo: «subitamente desperto de mim mesmo». Acordado pelos seus acessos de febre, a criança assiste passivamente, através dos seus olhos-janelas, a uma cena de violência que passará a temer mas que não deixará de repetir, cortinuando a série, como sugere Ferenczi. A culpabilidade e o ódio contra o sedutor, que se segue à sedução, «conferem às relações amorosas dos adultos o aspecto de uma luta que a criança supõe assustadora, cena primitiva que desemboca no instante do orgasmo» (5).

A janela bruscamente aberta no sonho encontra-se talvez igualmente no piedoso cerimonial de expiração e de inspiração que anima o *homem dos lobos* Freud precisa que, na língua do seu paciente, «hábito» e «espírito» são expressos pela mesma palavra. Ao expirar profundamente à vista de personagens que representam o pai, o *homem dos lobos* procura sem dúvida pelo poder do seu «hábito», voltar a fechar a janela, expulsando o «espírito», o pai: ele procura devolver ao exterior o perigoso elemento exterior, fonte da sedução e, portanto, do temor. O *homem dos lobos* utiliza também outro meio: a recordação encobridora, uma lembrança anódina e cheia de pormenores que esconderia, como uma cortina de flores (amarelas), a cena assustadora que se desenrola para lá da janela. Recordação encobridora que, em alemão, se diz mais exactamente recordação-tampa, como anota N. Schor depois de Wladimir Gernoff, algo como um estore que se faz descer diante da janela e que preserva das vistas angustiantes.

No entanto, a cena subsiste, porque não existe «cena derradeira», antes há um «conteúdo» que a interpretação «tenta arrancar à sua obscuridade, e que não é senão o próprio inconsciente». Acrescenta Laplanche: «eis a fechadura de que se perdeu a chave», perdida desde sempre porque «perdida pelo outro, o outro adulto, apesar dos véus, haverá sempre uma janela impossível de obter no quarto de dormir, a *fechadura*, primeira janela por onde o personagem onírico visita o adormecimento da antiga Grécia para lhe transmitir a sua mensagem. Este personagem independente do sonhador «faz a sua entrada pela fechadura (os quartos de dormir não têm, em Homero, janelas nem chaminés); instala-se à cabeceira do leito para entregar o seu recado e, feito isto, retira-se pela mesma via» (6).

Chaké Matossian

Notas:

(1) Jean Laplanche. «De la théorie de la séduction restreinte à la théorie de la séduction généralisée», *Études freudien-nes*, n.º 27, Março de 1986, Paris.

(2) Naomi Schor, «Le détail chez Freud», *Littérature*, n.º 37, Fevereiro de 1980, Paris.

(3) S. Freud, *L'homme aux loups*, in: *Cinq Psychanalyses*, Paris, PUF, 1954.

(4) J.-P. Vernant, *Mythe et pensée chez les Grecs*, Vol. II, Paris, Maspero 1974.

(5) Ferenczi, *Confusion de langue entre les adultes et l'enfant*, in: *Oeuvres complètes*, Vol. 4, Paris, Payot, 1982.

(6) Dodds, *L'irrationnel chez les Grecs*, Paris, Flammarion, 1977.

Na quinta-feira
Ler Escrever

Segundo o analista Alain Joxe

Existe hoje uma tendência suicida no exército chileno

Em Setembro de 1973, as Forças Armadas chilenas derrubaram o presidente eleito, Salvador Allende. Treze anos depois, os militares continuam a ser protagonistas da repressão que se abate sobre o Chile. No entanto, para Alain Joxe, analista francês, especialista em questões militares, o envolvimento do exército chileno na repressão é diferente do registado na Argentina. Os militares chilenos estão agora, na sua opinião, a sofrer o desgaste de uma longa permanência no poder. Têm como ponto de honra a unidade da Nação, mas dividiram o país em dois, e tudo se complicará, adverte, quando tomarem consciência que actuaram, nestes últimos anos, contra os interesses últimos da nação chilena.

Estas e outras considerações foram feitas por Alain Joxe numa entrevista conduzida por Mladen Yopo agora divulgada pelo Grupo de Solidariedade com a América Latina (GSAL). São extractos dessa conversa que aqui reproduzimos.

A derrota política pode constituir no Chile um factor de mudança a semelhança do que sucedeu na Argentina?

O exército argentino teve um comportamento criminoso massivo. A guerra suja por ele conduzida foi muito mais espantosa e sistemática do que a de outros exércitos da região. O exército argentino conseguiu distribuir a repressão por grupos muito pouco controlados, ficando o Estado aparentemente desligado. Apesar de tudo no Chile foi diferente. A concepção de um Estado-Nação ordenado continua a ser um ponto de honra para o exército. Se isto se alterar, se não se poder continuar a manter um Estado de ordem e progresso e criar-se, por isso, uma situação de desordem e repressão, então surgirá um problema tão grave como o colocado em 1973. Não se pode continuar apenas porque tiveram toda a razão apenas porque detiveram toda a força.

Existe hoje, por parte de múltiplos sectores sociais, uma contestação à ordem político-institucional do regime.

Penso que existe um fracasso político; no entanto, parece-me mais um fracasso sociológico. Quer dizer, a ausência de democracia tem de ser visualizada como algo que impede o funcionamento da sociedade. Apesar dos partidos da oposição não estarem em posição de actuarem de um modo eficiente, a recusa da sociedade civil, ainda que incipiente nas reivindicações, é profunda.

Um dos problemas levantados no que respeita a uma transição é o papel que as Forças Armadas deverão ter no futuro.

Talvez. No caso da Argentina, as Forças Armadas perderam grande parte da sua credibilidade militar ao pensarem que poderiam enfrentar a Inglaterra e, por isso, perderam a sua última razão. Um caso similar é o do exército grego que ficou tempo de mais no poder e foi totalmente incapaz de enfrentar o exército turco.

Aqui, os exércitos tiveram de negociar uma posição defensiva. Até agora este não é o caso do Chile. Portanto, muitas coisas passaram pela tomada de consciência.

Criminosos de guerra

Apesar de no caso do Chile não existir um factor externo de derrota, não pensa que pode haver um facto interno ao verificar-se uma agudização das tensões entre sectores civis e militares?

A desarticulação e o desespero das classes pobres do Chile podem reflectir-se na problemática militar em termos de continuidade da disciplina, do ânimo das tropas, já que o exército inclui soldados em regime obrigatório. No entanto, o profissionalismo dos oficiais, o seu treino prussiano, pode conter este risco. Apesar disso, a orientação dominante oriunda da direcção do exército aponta para um confronto, o qual cria ele próprio o perigo à medida que prolonga o seu modo de ver uma nação dividida em duas. Tal orientação pode ser considerada uma política, mas, por outro lado, como um erro estratégico. Porque criar condição para a existência de um inimigo permanente desesperado está a levar à alteração da ideia fundamental.

Isso está a pôr em perigo a ideia das

Forças Armadas enquanto factor de estabilidade?

Penso que sim, porque o exército chileno é um exército de recrutamento. O facto do Chile ter, no fundo, essa regra democrática, leva a que o exército esteja a perder a sua legitimidade. Existe, neste caso, uma tendência suicida do exército chileno que pode ser entendida como uma perda de visão do que será o futuro de uma sociedade como a chilena. Depois de um trauma tão violento, o desejo do exército ou das Forças Armadas pode residir apenas no facto de não quererem ser considerados criminosos de guerra. Esta pode ser uma preocupação real que torna mais duras as perspectivas de saída, e o prolongamento de situações de confronto não irá permitir uma saída honrosa da guerra. Por outro lado, isto vai arrastar o Chile para a lista dos países que vivem em permanente guerra civil e onde terminam, por isso, as perspectivas de desenvolvimento. Para o evitar é necessário encontrar consensos. Se se aposta na guerra interna como uma característica permanente e, então, é certo que, como resultado mecânico, o Chile caia numa situação irracional. Para mim, o Chile está ameaçado como Nação. Repito: como Nação. E isso deve ser entendido pelas Forças Armadas. Por isso, o problema que se coloca aos militares é o saber

se podem manter o poder muito mais tempo em nome de uma solução inviável para a continuidade da nação enquanto tal. Pode-se dizer que o golpe de 1973 teve características clássicas de readaptação à dinâmica do cenário mundial. Mas não pode ser entendido como um golpe normal na medida em que a solução encontrada é contrária à convivência.

Essa readaptação levou a alguma alteração ideológica no seio das Forças Armadas?

Não sei treze anos é muito tempo, mas não é demasiado ao pensar-se em termos de cultura. Não acredito que se possa destruir, nem sequer em 13 anos, uma cultura chilena que tem mais de um século de continuidade no sentido de uma nação convivial, e não de confronto no estilo da África do Sul.

Duas definições por si feitas parecem não se adaptar harmonicamente às Forças Armadas chilenas: a aliança com os inimigos do Chile e a defesa do património nacional...

Teoricamente existe um problema que tem a ver com o profissional: a definição do exército como uma instituição armada, obediente, não deliberativa, que tem como objecto a defesa da nação. Isso permanece nos textos e suponho que na mentalidade de muitos oficiais. É um aspecto que não se move. Neste âmbito, o problema coloca-se com a seguinte difi-

culdade: é muito difícil que o exército tome consciência de ter actuado contra os interesses últimos da nação chilena.

Falou de um exército não deliberativo, mas no passado foi-o.

Os exércitos sempre tomaram decisões, mas de uma forma discreta. Neste aspecto têm algo semelhante a uma democracia interna. Não têm poder para deliberar, mas deliberam. Nesse sentido pode-se dizer que qualquer profissão tem uma parte de democracia incorporada.

Mas a forma de hierarquia adoptada pelo regime chileno não tornou mais difícil essa deliberação?

A hierarquia é um traço permanente mesmo em situações democráticas. O problema não é o da destruição da verticalidade estrutural dos exércitos, mas sim o do papel que pode jogar a estrutura vertical num dado momento. Nesse sentido, a tomada do poder conduz a uma série de distorções no que respeita à definição geral do exército. Nuns casos, que não o do Chile, arrasta o exército para a corrupção. O problema que se levanta no Chile é político. É o de saber o exército pertence ao conjunto social chileno e se tem as mesmas preocupações sobre o futuro da sociedade; ou se se satisfaz com uma estrutura de crise permanente. Esta, sim, é a pergunta para a qual não existe ainda resposta.



Enquanto, em Portugal, Otelo Saraiva de Carvalho volta a prestar declarações no julgamento, que se eterniza, das «FP-25», em outros países a tensão entre terrorismo político e os instrumentos da segurança instalados pelo poder conhecem novos matizes

Grã-Bretanha: os superdelatores... do Ulster

O secretário de Estado para a Irlanda do Norte, Tom King, fez saber discretamente, no passado dia 11 de Maio, que um membro do grupo paramilitar «lealista» (protestante) ia ser libertado, dois anos depois de ter sido condenado a catorze anos de prisão por tentativa de assassinio e vários actos de terrorismo.

Catalogado pela acusação como «Terrorista arrependido», William Allen, de vinte e quatro anos, admitira na sua última comparecência em tribunal, ter fornecido informações à Polícia. Ele esperava uma redução substancial da sua pena e uma ajuda financeira para se instalar «No estrangeiro» a fim de escapar à financeira dos seus antigos camaradas do movimento clandestino Ulster Volunteer Force (UVF) (1). Allen denunciara quarenta e sete pessoas. Vinte e cinco dentro delas foram levadas a tribunal mas todas libertadas (em Julho de 1985) durante a audiência, por o tribunal ter considerado as provas «Insuficientes e pouco dignas de crédito».

Eis um exemplo entre tantos desde a

entrada em vigor, em 1973, da lei da Irlanda do Norte (disposições de emergência) que, para lutar contra o terrorismo, estabeleceu todo um arsenal de medidas de excepção do sistema judicial britânico e permitiu principalmente o recurso dos superdelatores. Mas depois de numerosos sucessos iniciais a fórmula revelou-se cada vez menos credível, no decurso dos dois últimos anos.

A Polícia acaba de conhecer uma série de fracassos retumbantes. Ou a justiça rejeitou incriminações unicamente fundadas na delação «encorajada», como no caso de Allen, ou então os superdelatores retrataram-se na audiência, tal como se viu no princípio do ano durante o processo de uma célula do IRA, em Belfast, onde todos os acusados, após meses de prisão preventiva, foram postos em liberdade sob os aplausos de um público de simpatizantes.

Um sistema desacreditado

A lei de excepção da Irlanda do Norte, revista de seis em seis meses e

renovada de cinco em cinco anos, completada em todo o território do Reino Unido pela lei sobre a prevenção do terrorismo, dá amplos poderes à Polícia (detenção provisória de quarenta e oito horas e que pode ser prolongada por cinco dias por autorização do secretário de Estado, mesmo que o internamento administrativo (2) tenha sido abolido. Por outro lado, essa lei instaurou, para os casos de terrorismo mais graves, tribunais sem júri, visto a experiência ter mostrado que os jurados eram muito frequentemente submetidos a pressões ou ameaças dos amigos dos acusados.

Alguns excessos arrastaram outros consigo e vários magistrados isolados distinguiram-se pela sua severidade e a sua falta de discernimento. Assim, em 1983, o juiz Kelly foi vivamente criticado por ter condenado trinta e oito membros do IRA provisório a um total de quatro mil anos de prisão (3). O juiz pronunciara-se fazendo fé em declarações de um superdelator.

Para evitar exigências a Polícia não

quer revelar a tabela dos seus «encorajamentos». No entanto, em todos os casos fornece-se aos delatores os meios necessários para se instalarem fora da Irlanda do Norte e, a maior parte das vezes, fora dos territórios do Eire ou do Reino Unido.

Por várias vezes, a Amnesty International denunciou os métodos do interrogatório da Polícia (por exemplo, tortura do sono) e o peso dado a confissões, com delação, obtidas em condições duvidosas. O funcionamento dos tribunais sem júri e o sistema de superdelatores foram objecto de frequentes debates na Grã-Bretanha, e foram postos em causa por organismos britânicos oficiais tais como a comissão consultiva sobre os direitos do Homem em 1985. Recentemente, as autoridades da República da Irlanda, entrevistaram para pedir ao governo britânico que revisse um sistema judiciário desacreditado aos olhos da maioria da população da Irlanda do Norte.

No quadro do acordo anglo-irlandês, concluído em Novembro, é encarado

um novo exame dos métodos da polícia e da justiça. Em Janeiro, o ministro dos Negócios Estrangeiros irlandês, Peter Barry, insistiu para que comece o mais depressa possível a discussão sobre este tema, e pôs em questão a validade de um processo que acabava de ter lugar e durante o qual a condenação de vinte e sete pessoas fora pronunciada tendo por único elemento de prova de a denúncia de um membro arrependido da INLA (4).

F.C.

Notas:

- (1) Organização interdita desde 1973, tal como a dos Ulster Freedom Fighters e dos Comandos da Mão Vermelha, do lado protestante unionista.
- (2) Incarceração quase ilimitada sem intervenção da justiça.
- (3) No direito britânico, cada acusado pode ser condenado por cada chefe de acusação a penas distintas, mas não cumulativas. A mais severa determina a duração da prisão.
- (4) Irish National Liberation Army, nascida de uma cisão do IRA.

RFA: o belo futuro da electrónica

Exit para o bom velho bilhete de identidade da Alemanha Federal, esse pequeno livrete cinzento que enchia o bolso. A partir do próximo dia 1 de Abril cada cidadão da RFA ver-se-á — obrigado da modernidade! — munido de um belo cartão de plástico de 10,5 x 7,4 centímetros, semelhante a qualquer carta de crédito, não falsificável, resistente aos choques e aos riscos, resistente também à máquina de lavar... Em suma, uma pequena maravilha da técnica da qual ninguém teria nada a dizer, excepto alguns nostálgicos, se não se tivesse tido maneira de lhe meter dentro da pequena pasta contendo as coordenadas do portador, e que permitirá controlar instantaneamente se este tem algo a censurar-se. Para tal basta meter o cartão num aparelho de leitura de que os serviços de Polícia e de fronteiras vão ser a pouco e pouco equipados, e que estará, por sua vez, ligado a um computador central.

O cartão de identidade electrónico nasceu, e com ele o sonho de uma protecção muito boa dos cidadãos, mas, ao mesmo tempo, o receio de uma sociedade onde mais ninguém escaparia a uma vigilância contínua. Já submetidos à obrigação de registar o seu domicílio e de preencher uma ficha nos hotéis, alguns alemães do Oeste, colocados sob a boa guarda de uma Polícia largamente informatizada desde a vaga de terrorismo dos anos 70, acham que isto é um exagero, mesmo que, como diz o governo, os que não têm nada a censurar-se, não têm nada a recear. Impossível, no entanto, escapar ao novo sistema: todo o cidadão de mais de dezasseis anos é obrigado, na RKA a ter um cartão de identidade e se não o tem consigo no momento do controlo, corre muito simplesmente o risco de ser levado à esquadra para verificação.

O único documento aceite em sua substituição é o passaporte. Mas a lei que instituiu o cartão de identidade electrónico previu que a nova versão



oeste-alemã do novo passaporte europeu que será entregue a partir de 1 de Janeiro de 1988, terá igualmente uma página legível pelos aparelhos. Daqui por dez anos, o máximo, prazo normal de validade dos papéis de identidade, toda a gente possuirá os novos documentos.

A tentação da verificação

A novidade deste sistema é que ele vai permitir às forças da ordem multiplicar praticamente do infinito o número de controlos e logo das informações tratadas. Em vez de ter de chamar o computador central, inscrevendo num terminal as coordenadas do indivíduo controlado, o que leva, em todo

o caso, alguns minutos, o funcionário da Polícia ou da aduana só terá de meter o passaporte no seu aparelho de leitura, para saber, em três segundos, se está na presença de um indivíduo procurado, sob vigilância, ou, muito simplesmente, suspeito.

Uma segunda lei adoptada ao mesmo tempo previu que em caso de operação desencadeada por um crime grave, a Polícia poderá ter em «stock» durante um período de nove meses todas as informações recolhidas, entre elas as identidades de todas as pessoas sob controlo. No último minuto, devido aos protestos da oposição e de uma parte dos liberais, o catálogo dos ditos crimes graves foi reduzido, tal como a duração durante a qual essas

informações podem ser armazenadas, e a Polícia foi proibida de comunicar com serviços de informação.

A grande tentação dos serviços da Polícia, apoiada pelos partidos conservadores, é evidente poder comparar instantaneamente as informações obtidas pelos seus aparelhos de leitura com os que se encontram nos computadores dos outros serviços. Em si nada é mais fácil. Todos os serviços de Polícia ou de informação dispõem na Alemanha Federal do seu próprio ficheiro em computador.

O mais importante é o da segurança nas estradas, que comporta perto de 30 milhões de fichas sobre os condutores, os proprietários de carros, as pessoas que cometeram infracções, etc. A Po-

lícia criminal federal, a famosa BKA, tem o seu em Wiesbaden, o sistema PIOS, ele próprio ligado aos sistemas de informação da Polícia dos Länder (POL). Teoricamente nada impede que um carro de patrulha numa auto-estrada chame o ficheiro de segurança das estradas para saber a quem pertence determinado veículo, e verificar depois no sistema INPOM se este está em regra.

Se não impede totalmente de trocar de informações entre serviços, a legislação actualmente em vigor sobre a utilização dos bancos de dados em matéria de segurança, previu um certo número de resguardos, principalmente a necessidade para obter uma informação, de justificar o seu pedido. Depois de um julgamento no Tribunal Constitucional de 1983, que obrigou os legisladores a tornar a lei mais concisa, o governo apresentou cinco projectos de lei, dois dos quais, a pretexto de classificação, permitiriam facilitar esses intercâmbios, principalmente entre serviços de Polícia e serviços de informação. Devido à oposição do Partido Liberal, a sua adopção foi adiada até às próximas eleições de Janeiro de 1987. O Partido Social-Democrata censurou-os, principalmente por institucionalizar de facto um tipo de cooperação que resultaria na criação de uma espécie de Gestapo.

Se não se opôs ao princípio do cartão de identidade electrónico, o SPD exige, em contrapartida, garantias sobre a sua utilização. Ele reserva-se o direito, no caso de o governo se impor à sua concepção actual, apelar um recurso perante o Conselho Constitucional. Entretanto, os Länder sociais-democratas decidiram recusar equiparar as suas próprias forças de Polícia de aparelhos de leitura. O que significa que, concretamente, a lei actual só se aplicará nas Länder cristãs-democratas e nas fronteiras.

H.B.

Espanha: um tribunal único em Madrid?

SERÁ desjável que os membros da ETA sejam julgados no próprio País Basco? Esta pergunta, deu origem em Madrid a um interminável debate. Um debate recentemente relançado pela publicação do relatório de um grupo internacional de «peritos antiterroristas» que aconselhavam confiar sistematicamente uma tal tarefa a «juizes bascos».

Os delitos terroristas são actualmente da competência de um tribunal único que se encontra em Madrid: **Audiência Nacional**. Criada em 1977 e composta de duas câmaras (penal e contencioso administrativo), essa instância é, em princípio, competente para todos os delitos cometidos por várias pessoas e numa jurisdição que ultrapassa o quadro da província: terrorismo, mas também tráfico de droga, redes de prostituição, etc.

Este tribunal foi por vezes qualificado de jurisdição de excepção — que subtrai o acusado ao seu juiz natural — e até de herdeiro do tristemente célebre Tribunal da Ordem Pública, da época

franquista. Na verdade, a **Audiência Nacional** tem, por única particularidade, a sua localização geográfica na capital e não recorre a processos de excepção. As suas decisões são, para mais, susceptíveis de recurso perante o Supremo Tribunal.

Se a existência de uma tal instância não é decerto contestável sob o ângulo jurídico, ela pode sê-lo, porém, sob um ponto de vista político. A inclusão dos delitos terroristas nas suas competências visa, com efeito, a proteger melhor o juiz contra as pressões e as ameaças que podiam exercer-se nele, se a sede fosse em Bilbao ou em San Sebastian. Mas o facto de ver os membros da ETA julgados em Madrid, e não no próprio País Basco, torna mais difícil a aceitação das sentenças nessa região de nacionalismo particularmente forte, e onde há tendência para considerar que o problema da violência só pode resolver-se «entre bascos».

Outra ideia se tornou, no entanto, essencial, na estratégia antiterrorista do governador socialista de Madrid: ofere-

cer aos autores de violências a possibilidade de se reinserir na sociedade.

A «reinserção social», — a expressão é agora consagrada em Espanha — foi concebida em 1981 por dois homens: Juan José Roson, ministro do Interior do governo centrista, e Juan Maria Bandres, deputado do partido nacionalista de esquerda Euskadiko Eskessa. Essa formação tinha estreitas ligações com a ETA político-militar, então em pleno debate interno quanto à oportunidade de renunciar, enfim, seis anos depois da morte de Franco, à luta armada. Brandes conseguiu convencer o ministro que, ao propor uma saída honrosa aos membros da ETA, só se podia favorecer os que, no seu seio, preconizavam o «adeus às armas». Tinha nascido a reinserção social.

Retomar uma vida normal

Ela consiste em permitir aos membros de uma organização terrorista ou que praticam uma luta armada que retomem uma vida normal, desde que

renunciem expressamente ao uso da violência. Ela aplica-se tanto aos que se encontram no exílio como aos que vivem na clandestinidade na própria Espanha. Com uma restrição, em todo o caso: ela não diz respeito a pessoas acusadas de delito de sangue. O governo considera, com efeito, politicamente inconcebível, em todo o caso na primeira fase, estender os benefícios da reinserção aos autores de assassinios.

Desde 1982, mais de cem pessoas (80% delas da ETA militar) voltaram a Espanha para beneficiar destas medidas. O caso mais simples é o dos membros da ETA que ainda não foram julgados e cuja reinserção pode pois ser imediata. Os que tem contas a prestar à justiça devem, no regresso a Espanha, apresentar-se aos tribunais. O Ministério da Justiça pode, neste caso, dar instruções ao procurador no sentido de retirar a acusação ou de requerer contra o acusado a pena mínima prevista por lei. Para mais, o terroristas já condenado pode ser objecto de uma medida de gra-

ça, o indulto, decidida em conselho de ministros. Até hoje já houve quarenta e oito indultos.

O «reinscrito» espanhol nem sempre é um arrependido «à italiana». Não lhe é pedido que colabore com a justiça fornecendo informações para «merecer» o perdão. Essa distinção é capital e tem em conta a especificidade da situação basca. É ilusório acreditar que os membros da ETA aceitem a oferta de reinserção do governo, se ela os fizer aparecer perante o País Basco como delatores.

Como era de prever, a direcção da ETA militar criticou vivamente a reinserção social e parece mesmo ter ameaçado os seus militantes que a aceitaram. É certo que ela não é a panaceia. Se se revelou eficaz com o ramo político-militar da ETA, é porque a maioria dos seus militantes tinham decidido previamente, em conjunto, renunciar à violência. Não é este o caso com a ETA militar, o que explica que só uns quinze membros seus a tenham até hoje utilizado.

TM

Itália: o «arrependido» não tem existência jurídica

O «arrependido»! Raramente um personagem terá ocupado tanto o palco, e mesmo o «écran», em Itália: um filme com este título, lançado no Outono passado, punha em cena um duplo transparente do famoso Tommaso Buscetta — esse mafioso cujos remorsos ajudaram os juizes de Palermo a alimentar a sua instrução do famoso «maxi-processo» em curso contra a «Honrosa Sociedade». Ora o arrependido é, juridicamente falando, um não-ser.

Ao contrário, com efeito, a uma opinião propalada tanto na península como no estrangeiro, não há hoje nenhum texto que codifique aquilo que os próprios italianos qualificam como um termo intraduzível: o **pentitismo**. (literalmente: repentismo). Existiu uma lei no passado; há projectos efectivamente em gestação. Mas, de momento, é praticamente o vazio, o que, de resto, não impede que o tema esteja no centro de muitos colóquios e artigos.

O Parlamento adoptara a 22 de Maio de 1982, uma lei intitulada «Medida para a defesa do sistema constitucional». Tratava-se de um conjunto de treze artigos que regulamentam as reduções de pena em favor dos terroristas que decidiram abandonar a luta armada e colaborar com a justiça para neutralizar os seus antigos companheiros de luta. O texto distinguia quatro casos:

— os «dissociados», unicamente culpados de delitos menores e que procuram a impunidade;

— os «dissociados» que, sem dar nomes, ajudaram, com a sua confissão, a evitar novos actos terroristas e obtinham para quinze ou vinte anos a sua prisão perpétua.

— os «dissociados», cuja confissão ajudava a justiça a «conseguir provas decisivas para a captura de terroristas», ou a reconstituir factos e descobrir os seus autores. Já não tinham mais de penas de doze anos pelo principal delito.

— Por fim os superarrependidos cujas revelações levavam à queda de redes inteiras (em suma, os chefes) já não podiam ser condenados a mais de oito anos e obtinham virtualmente a liberdade provisória, e até supressões condicionais de pena.

O legislador previu enfim medidas excepcionais de protecção para os arrependidos e suas famílias.

Também devem ser dadas duas precisões capitais. Essa lei só era válida para os quatro meses seguintes à sua entrada em vigor (isto explica que o «repentismo» seja hoje um tema de debate e não uma categoria jurídica). Ela entrou em vigor quase dois anos depois das primeiras confissões de grandes arrependidos, ao general Dalla Chiesa e a alguns magistrados. Quer dizer que ela não provocou o descalabro das Brigadas Vermelhas. Ela acelerou, quando muito, a libertação pela Polícia do general americano Dozier, efectivamente tornada possível pela confissão de um arrependido das Brigadas Vermelhas, ocorreu em Janeiro de 1982, quatro meses antes de a lei ter sido votada.

O legislador italiano ouviu menos incitar à delação do que codificar as «recompensas» a atribuir a quem falara. «Era urgente disciplinar um domínio no qual cada polícia, cada vez, deixado em face da sua consciência, podia passar qualquer compromisso com aquele que o interrogava», explica Ferdinando Imposimato, um dos magistrados que foi o mais activo na luta contra o terrorismo. A lei permitia-nos então dizer ao nosso interlocutor, o que vos prometemos será mantido, porque isso está nos textos.»

Como o período «quente» do terrorismo já passou, os poderes públicos encaram outra atitude: o tomar em conta, numa óptica da acalmia social, da atitude dos terroristas que, sem ter colaborado com a justiça, manifestaram claramente, na prisão, que renunciavam à antiga conduta. Estes são chamados «dissociados», por oposição aos «irredutíveis», que continuam, no cárcere, proclamar a sua fé na luta armada. Está actualmente a ser examinado perante a Câmara dos Deputados um projecto de lei que também prevê reduções de pena.

Projectos discutidos

Em Itália, algumas pessoas, principalmente os magistrados, acham que é preciso dar outro passo: eles desejariam ver introduzir no direito positivo textos que permitiram aplicar adiamentos de pena a arrependidos da **Mafia** e da **Camorra**, isto é, a grandes criminosos denunciadores de outros grandes



Por exemplo Fabrizio Peci: a Polícia disse que ele «quebrou a regra de silêncio» dos presos das Brigadas Vermelhas

Dossier em exclusivo para o «DL», organizado por Bertrand Legendre, Edwy Plenel, Francis Cornu, Henri de Bresson, Thierry Maliniak e Jean-Pierre Clerc

criminosos. A hipótese foi apresentada a partir de 1984, depois de a operação Buscetta se ter mostrado positiva do ponto de vista antimafia. Neste sentido foram apresentados ao Parlamento alguns projectos de lei. Falou-se, por exemplo, em introduzir num texto que aumentava as penas atribuídas aos traficantes de droga, um último parágrafo consagrado precisamente aos arrependidos.

Essa eventualidade encontrou, no entanto, muita hostilidade por parte dos juristas, políticos e imprensa. A argumentação é, em geral, a seguinte: o estado de emergência dos «anos de chumbo» podia justificar que a sociedade aceitasse colaborar com homens e mulheres é certo que criminosos mas que as suas motivações iniciais e o seu perfil anterior tornavam, até certo ponto, credíveis na hora do arrependimento. Mas que credibilidade atribuir a delatores que então foram ladrões, traficantes, assassinos, só motivados pela ânsia do ganho ou, muitas vezes, por desejo de vingança?

O prognóstico, aqui, é que a instituição oficial do «pentitismo» no domínio da grande criminalidade, é pouco provável. Só existe pois, hoje, um texto que permite os adiamentos de pena aos cúmplices arrependidos de autores de sequestros. Isto não impediu a multiplicação, nos dois últimos anos, de «dissociações» espontâneas de mafiosos. Estas, em princípio, não deveriam beneficiar da sua atitude. «As mais das vezes eles só esperam das autoridades uma protecção contra um meio pelo qual se sentem agora ameaçados», assegura Imposimato.

Há, no entanto, dois artigos do velho código penal (56 e 62), que dão circunstâncias atenuantes aos que se preparavam para cometer um delito ou já o cometeram mas se «dissociam activamente», isto é, ou agem para impedir o(s) cúmplice(s) de ir até ao fim ou tentam diminuir-lhe o efeito. É certo que esta legislação não é característica da Itália. Mas em todo o veredicto colectivo, a imprensa calcula agora com particular atenção o destino dos acusadores «dissociados» para aí descobrir a indulgência particular!

J.-P. C.

In memoriam: o cego e o arco-íris

As duas cores que se perdem primeiro são o vermelho e o negro... Depois o azul e o verde misturam-se, só fica o amarelo. Depois o amarelo desaparece... Resta somente esta bruma luminosa.

Borges, Setembro de 1985

Buenos Aires antes da partida de Jorge Luis Borges para Geneve. Na sala do seu modesto apartamento, o escritor, apesar da sua cegueira e da sua idade avançada, recebe, de pé, o visitante. Urbanidade de outra época.

Borges, nascido em 1899 em Buenos Aires, descendente de guerreiros espanhóis, de judeus portugueses, uma gota de sangue índio guaraní, uma avó inglesa, estudos secundários em Geneve... e a sensação, ao ver uma manhã de Inverno de 1915 cair neve sobre Buenos Aires, de que a Argentina é um imenso pedaço de Europa perdido no mar.

No apartamento pastel, móveis austeros e sombrios. Nas paredes algumas gravuras a água-forte de Piranese, em molduras pretas. O sol é filtrado pelas gelosias fechadas. Borges evoca-lhe o odor. Ainda está de pé; e aceita, com simplicidade que o ajudem a sentar-se. Mas o nosso movimento deve ser sóbrio e sem solicitude. Porque ele sente tudo e retrai-se tão depressa que parece entregar-se.

Sabe, a cegueira é bastante incómoda e triste... Mas não trágica nem patética. Se se fica cego de repente, pode pensar-se no suicídio. Mas quando é progressiva, as coisas afastam-se. Perdi a minha vista, quer dizer, a minha vista de escritor e de leitor, em 1955... Um dia damos conosco analfabetos... depois, no espelho, não há ninguém, e os nossos amigos não têm rosto... Depois disto a vida passa-se no meio de uma bruma luminosa e vaga. Nunca vivo na escuridão... Todos pensam que os cegos são rodeados de negrume. Não é verdade. As duas cores que se perdem primeiro são — isto lembra-me Stendhal — o vermelho e o negro... Restam as outras cores. Depois o azul e o verde misturam-se, só fica o amarelo.

Depois o amarelo desaparece, e resta somente esta bruma luminosa... Então vejo a luz!... Isto veio lentamente...

Alguns segundos de silêncio. Um suspiro: «Oitenta e seis anos!...» Silêncio... Borges, na sua bruma luminosa, prossegue a sua viagem interior... «A minha mãe morreu aos noventa e nove anos. Tinha medo de chegar aos cem. Todas as noites pedia a Deus — era crente, era não — que a levasse enquanto dormia. De manhã, ao acordar, chorava.

E ele, deseja chegar a cem anos? «Não, não seja pessimista. Queria morrer, mas não ter a sorte... e depois, ainda tenho que viver umas coisas, por isso tenho que viver ainda algum tempo.

Actualmente estou a escrever sonetos... porque são «portáteis», podem ser corrigidos com a memória, a rima ajuda-nos... Pergunta-me se tenho algum presente, na minha memória? Não, esteja sossegada! Só me lembro dos que escrevi há muito tempo.

Gostava de conhecer Schopenhauer

Borges guarda o seu segredo mas recita, em espanhol, sublinhando o ritmo, um dos seus «velhos» sonetos, depois deriva para os poetas ingleses

antigos que cita no texto, assim como evoca Verlaine e du Bellay em francês... e filosofa em alemão, «embora o meu alemão, explica, seja antes um instrumento de leitura... Gostava de conhecer Schopenhauer».

Um gesto com a mão. Borges fala muito com a sua mão esquerda. A outra fica placidamente colocada na sua bengala de pastor irlandês — «um presente que me deram em Dublin quando do centenário de Joyce».

Sim, se eu morrer... há alguns textos que querem ser escritos... serão escritos por outra pessoa, não é verdade?



Borges coloca o seu olhar azul nos olhos do seu interlocutor. «Claro que a cegueira não é uma vantagem — ri — mas permite-me sentir, pensar. Em literatura, quando sinto que algo vai acontecer, «escuto», se me permite esta metáfora, e então «vejo» o começo e o fim da narrativa... Depois tenho de descobrir ou inventar (é a mesma coisa) o corpo do discurso. Outros escritores «têm» simplesmente um princípio e inventam todo o resto. Para mim isso é impossível.

Resta a variedade dos estilos, do barroco ao simples... Quando era novo, talvez por timidez, escrevia de um modo barroco, procurava metáforas surpreendentes, queria que cada

adjectivo, cada epíteto fosse uma surpresa para o leitor. Agora, não. Inclino-me mais para o simples ou para o anónimo, a narrativa corre e o leitor já não se ocupa com o autor mas sim com o tema.

Atrás de Borges prateleiras de livros antigos.

Muito mais do que a minha origem ou a minha aventura pessoal, o acontecimento mais importante da minha vida foi a biblioteca do meu pai. Que importa que tenhamos nascido em Buenos Aires, em Montevideo ou em Tombuctu? Os livros ingleses do meu pai, os livros franceses da minha mãe... Quando penso na minha infância, vejo as gravuras e as encadernações... Os textos, esqueci-os, quer dizer, «incorporei-os». Começaram a minha educação aos três anos e não me lembro de uma época, por mais recuada, em que não tenha lido nem escrito. Então já escrevia, parvoíces, evidentemente.

que vêm fazer-me algumas leituras. De tarde, durmo. Não é a sesta a sexta hora do dia entre os antigos? A minha existência não é monótona visto que é povoada de projectos literários e de fantasmas.

Como escrevo? Dito aos amigos que me perdoem a velhice... Actualmente leio ou antes, releio, as obras de Voltaire — o século de Luís XIV... Schopenhauer dizia que não se devia ler nenhum texto que não tivesse atingido ao fim de cem anos, a celebridade, para não se perder o tempo. Tinha razão, não?

Na vida desse homem «que nunca está só», preocupado com os seus fantasmas, as mulheres ocupam um lugar importante.

«Tenho mais amigas do que amigos. Ainda há para mim, nas mulheres, algo de mágico, embora eu seja um velho, muito velho senhor... Gosto muito das mulheres. Elas julgam melhor, enquanto que os homens são facilmente fanáticos. E depois acontece-me apaixonar-me... mas escondendo-o... mas isso descobre-se. Sorri, não?»

As noites de Borges, de insónia, de pesadelos, lembram ao espírito as dores do corpo. «Deixarmo-nos é demasiado triste, e se é um dever, é demasiado fácil... Sabe que ainda prefiro os pesadelos na sua brevidade violenta, à insónia, que é uma espécie de febre? A insónia não é somente o não poder dormir, é uma espécie de perseguição, algo de diabólico.

De manhazinha, a bruma de Borges torna-se luminescente e o seu apetite de acção está intacto. O ano passado atravessou o Atlântico para ser nomeado doutor honoris causa da Universidade de Roma.

Assim posso dizer: «Civis romanus sum!»

Quando me convidam, vou!

Leve vaidade nesse multidoutor, a que uma multidão de universidades de todo o globo prestaram honras. Ser nomeado doutor também é uma ocasião de viajar... Ele ri: «... quando me convidam, vou». Confessa que vive melhor com a sua dupla pensão de reformado de professor da Universidade e de conservador da Biblioteca nacional argentina, do que com os seus direitos de autor.

A Argentina preocupa-o: «Somos sempre responsáveis pelo nosso país. A chegada da democracia foi um verdadeiro alívio. Esses milhares de desaparecidos era atroz. Antes das eleições tive ocasião de me pronunciar contra os militares e também contra os peronistas. A Argentina abre-se ao mundo, mas o futuro... o futuro?»

Quando faz o balanço político dos últimos anos, Borges condena. Mas volta bem depressa à sua querida literatura: «Ao fim e ao cabo sou um velho colegial anarquista de Geneve».

«Sou lúcido. A falar verdade a minha obra não existe. Na Suécia são muito sensatos. Compreenderam que o que faço não vale o prémio Nobel.

Sob a máscara irónica, a eterna incerteza. «Ainda quero escrever algumas páginas: para me justificar... para que não digam que sou um impostor!». Angústia: que a vida, segundo as palavras de Emerson, não se torne uma citação. Murmura: «A vida entre comas é triste, não?»

Último flash do fotógrafo. Grande plano de Borges. O cego exclama subitamente: «Ah! vi o clarão!»

P. de Mertens

Mensagens Pessoais

Banda D senhada

Vendo os primeiros 14 volumes encadernados do Tintim português, em bom estado, por 10 000\$00. António Rocha. Telf. 9825105. Depois das 19 horas.

Discos LP

Vendo, de 150\$00 a 400\$00: Roxy Music, Queen, Kim Wilde, Yazoo, John Mayall, Blondie, Fischer-Z, Lene Lovich, Martha and Muffins, Beach Boys, American Hot Wax (duplo), American Folk Songs (Jack Elliot e Derrol Adams), Larry Coryell, Haw Kwind, Kraftwerk, Glenn Miller, Madness, Hazel O'Connor. António Rocha, telf. 9825105, depois das 19 horas.

Calculadora

Vendo máquina calculadora Sharp Elsimite El-230 por apenas 700\$00. em óptimas condições de funcionamento e de apresentação, adquirida em finais do ano passado. Contactar Fernando Simões. Telf. 661960. depois das 19 h de qualquer dia da semana.

Monte Estoril

Casa 3 assoalhadas, mobilada, aluga-se nos meses de Julho, Agosto e Setembro. Telf. 4747993

Enciclopédia Juvenil Inglesa

Nova, 18 volumes, vendo 10 000\$00. Telf. 2864655

Trabalhos ao domicílio

Executam-se trabalhos de pintura de interiores, reparação de electrodomésticos e instalação eléctrica. Orçamentos grátis sem qualquer compromisso ou encargo do cliente. seriedade rigorosa. Telefonar p.f. 602404

Urgente

Rapaz 26 anos, necessita emprego, para armazenar ou qualquer outro serviço, tem carta condução ligeiros. Telf. 767921

Enciclopédia

Vende-se Grande Enciclopédia Portuguesa — Brasileira, 40 vol. e Dicionário Etimológico, 5 vol. total 50 contos — tel.: 2475530, a partir das 19.30 h.

Mobiliário escritório

Escritório. Tremidos. Torcidos. Pau-Santo. Bom estado. O próprio. Tel. 702565 Horas expediente

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.